UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Instituto de Psicologia

GLAUCYA HANNAH COVELO

**Imagens da paternidade: Indícios de lugares ocupados pelo pai
na psique de homens e meninos na contemporaneidade**

São Paulo
2011

GLAUCYA HANNAH COVELO

**Imagens da paternidade: Indícios de lugares ocupados pelo pai
na psique de homens e meninos na contemporaneidade**

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Laura Villares de
Freitas

São Paulo
2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Covelo, Glaucia Hannah.

Imagens da paternidade: indícios de lugares ocupados pelo
pai na psique de homens e meninos na contemporaneidade /
Glaucia Hannah Covelo; orientadora Laura Villares de Freitas.
-- São Paulo, 2011.

165 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo.

1. Paternidade 2. Família 3. Alteridade 4. Desenvolvimento
humano 5. Psicologia junguiana I. Título.

HQ756

Nome: COVELO, Glaucya Hannah

Título: Imagens da paternidade: Indícios de lugares ocupados pelo pai na psique de homens e meninos na contemporaneidade

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

*Ao meu pai, que sempre foi paterno sem deixar de ser materno;
À minha mãe, que sempre foi materna sem deixar de ser paterna.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pai arquetípico e energia vital;

Aos meus pais, Luiz Carlos Covelo e Fátima Margini Covelo, pelo amor incondicional e pela personificação dos arquétipos do Pai e da Grande Mãe, me fazendo reconhecer a importância das figuras parentais no desenvolvimento dos indivíduos;

À amiga Mariluci Simão, pela irmandade;

À minha avó, Nair Covelo, figura materna e exemplo de garra e determinação;

À minha tia Marcia Covelo Harmbach, pela amizade e por ter despertado em mim a paixão pelas idéias de Carl Gustav Jung;

Aos meus primos e amigos Yan Covelo Harmbach e Matheus Covelo Harmbach pela fraternidade de toda a vida;

Ao meu tio, Oswaldo Harmbach Junior, figura paterna sempre presente, pelo carinho e pela consideração;

À minha madrinha, Vera Lucia Margini, figura materna tão distante e tão próxima, pela ligação sem fronteiras;

Aos meus tios Claudio Margini e Oraide Okendo Margini pelo exemplo de parceria e cumplicidade;

Ao querido Fernando Dantas de Jesus, pelo apoio e pelo auxílio nos momentos de dificuldade com a tecnologia;

À Professora Doutora Laura Villares de Freitas, pela confiança, paciência e orientação durante longos meses de trabalho árduo;

Aos Professores Doutores Alberto Pereira Lima Filho e Durval Luiz de Faria, pela disponibilidade, carinho e atenção com que avaliaram o texto no exame de qualificação;

Ao Professor Doutor Paulo Afrânio Sant’Anna, por ter me introduzido ao mundo acadêmico, exercendo prontamente a função paterna que cabe ao mestre;

Aos companheiros de jornada e colegas de universidade, Camila Scarabel, Ana Lucia Pandini, Gustavo Pessoa, Simone Corrêa, Lydiane Fabretti Elizabeth Magalhães, Guilherme Scandiucci, Renata Targino e Tânia Lima, pelas críticas, considerações e sugestões e à Maria Olívia Martins Rosa, pela simpatia, paciência e orientação;

Aos professores da Universidade de São Paulo, que contribuíram direta ou indiretamente para a construção teórica do texto;

Aos pais e filhos colaboradores deste estudo;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro.

RESUMO

COVELO, G. H. *Imagens da paternidade: Indícios de lugares ocupados pelo pai na psique de homens e meninos na contemporaneidade*. 2011. 165f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A relação com a figura paterna é de grande importância para o desenvolvimento dos indivíduos. Para a psicologia analítica, a necessidade de ter uma relação com um pai é arquetípica. Entende-se que a função paterna está ligada à lei e à ordem, e ao relacionamento do indivíduo com o mundo, entre outros. A literatura, em sua maioria, ainda trata a instituição familiar a partir do modelo da família tradicional, patriarcal e nuclear, que, no entanto, não mais é o único modelo encontrado na sociedade brasileira contemporânea. Esta pesquisa tem por objetivo geral identificar as imagens da figura paterna, produzidas por meio de desenhos da família com histórias de crianças do sexo masculino com idades entre 06 e 12 anos, e de indivíduos adultos do sexo masculino com idades entre 23 e 50 anos, estes últimos que tenham passado pela experiência da paternidade de ao menos um menino. São objetivos específicos deste estudo: localizar possíveis movimentos de reestruturação das funções tradicionalmente relacionadas à figura paterna e/ou averiguar meios pelos quais pais e filhos adaptam-se às novas configurações familiares; discutir as possíveis implicações e ressonâncias das ressignificações da figura paterna no desenvolvimento dos meninos; identificar como se expressam as “imagens da paternidade” de pais e filhos na sociedade atual. Os 20 colaboradores, divididos em dois grupos (um de filhos e outro de pais) foram submetidos a uma entrevista dirigida e à produção de um desenho da família com história. Os registros das entrevistas, dos desenhos e das histórias foram organizados por meio de indicadores, a partir dos quais foram constituídas categorias. Utilizando o referencial da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, a análise qualitativa dos dados foi inspirada na estrutura dramática dos sonhos, que permitiu identificar movimentos de fluidez ou estancamento da energia psíquica. As imagens estudadas suscitaram as seguintes categorias: o pai tradicional, o pai indiferenciado, o pai substituído, o pai contemporâneo e o pai arquetípico. Alguns temas contemporâneos são discutidos em relação ao desenvolvimento dos indivíduos: o fenômeno “emo” e a androginia; *eros* e *logos* na prática psicológica clínica; a autoridade, o abuso de poder e a falta de disciplina na sociedade; a alteridade na família. Os dados sugerem que o pai não é referência de heroísmo nem tampouco de autoridade absoluta para os filhos. Mais humanizado, ele se relaciona com o filho de um outro lugar. Entende-se que os filhos adaptam-se ao novo modelo de pai, buscando suprir sua necessidade arquetípica de ter alguém que exerça a função paterna na fantasia, na cultura ou na própria família, mesmo quando o pai é ausente. Os meninos parecem ter consciência da condição humana e muitas vezes falha de seus pais, e buscam maneiras de se adaptar a essa situação procurando outras figuras que possam complementar a necessidade arquetípica das funções paternas estruturantes. Os pais, mais presos ao modelo de família nuclear, composto por pai, mãe e filhos, parecem reconhecer menos a condição atual da família na sociedade e aterem-se mais a imagens idealizadas. A alteridade parece ser o dinamismo da consciência predominante desejável na relação pai-filho na família contemporânea.

Palavras-chave: Paternidade; Família; Alteridade; Desenvolvimento humano; Psicologia junguiana.

ABSTRACT

COVELO, G. H. *Images of Fatherhood: Evidence of seats held by father in the psyche of men and boys in contemporary society*, 2011. 165p. Master's degree dissertation, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2011.

The relationship with the father figure is very important for individual's development. For analytical psychology, the need to have a relationship with a father is archetypal. It is understood that the paternal function is linked to law and order, and the individual's relationship with the world, amongst others. The literature, mostly, still treats the family institution from the model of the traditional family, patriarchal and nuclear, which however, is no longer the only model found in contemporary Brazilian society. This research aims at identifying father figure images in family drawings with stories, elaborated by male children aged between 06 and 12 years and adult males aged between 23 and 50, the latter having had the experience of fathering at least one boy. Specific objectives of this study are: locating possible moves to restructure the functions traditionally related to father figure and / or determine ways in which fathers and children adapt to new family configurations, discuss the possible implications and resonances of reframes the father figure in the children's development, identify how to express the "images of fatherhood" of fathers and children in society today. The 20 individuals, divided into two groups (one of children and other of fathers) were interviewed and produced a family drawing with a history. The records of interviews, drawings and stories were organized by means of indicators, from which categories were established. Using the analytical psychology of Carl Gustav Jung, the qualitative data analysis was inspired by the dramatic structure of dreams, which identified movement or stagnation of flow of psychic energy images studied raised the following categories: the traditional father, the father undifferentiated, the replaced father, the contemporary and the archetypal father. Some contemporary issues are discussed in relation to the development of individuals: the phenomenon of "emo" and androgyny, *eros* and *logos* in psychological clinical practice, the authority, power abuse and lack of discipline in society, the alterity in the family. The data suggests that the father is not a reference of heroism nor absolute authority for the children. More humane, it relates to the son of another place. It is understood that the children adapt to the new father's model, searching for someone who overcame their archetypal need to have someone holding the paternal function in fantasy, in culture or in the family, even when the father is absent. The boys seem to be aware of the human condition and often fail their fathers, and seek ways to adapt to this situation by seeking other figures that may complement the need of archetypal structuring father functions. The fathers, more attached to the nuclear family model, consisting of father, mother and children, seem to recognize at least the current condition of the family in society and stick to more idealized images. Alterity seems to be the predominant dynamic consciousness desirable in father-child relationships in the contemporary family.

Key words: Fatherhood, Family, Alterity, Human development, Jungian psychology

SUMÁRIO

1. Abertura: E agora, José?	13
2. Introdução: o mundo do pai	19
3. A figura paterna	27
3.1. O arquétipo paterno	30
3.2. O complexo paterno	34
3.3. A função paterna	35
4. A família	39
4.1. Retrato de família: a família patriarcal brasileira	39
4.2. Transformações e ressignificações: a família contemporânea	41
5. Objetivos	45
5.1. Objetivo geral	45
5.2. Objetivos específicos	45
6. Método	46
6.1. Por uma atitude simbólica	46
6.2. Recursos expressivos em Psicologia Analítica	46
6.3. Desenhos	49

6.4. Divulgação	51
6.5. População	52
6.6. Instrumentos	52
6.6.1. Entrevista dirigida	53
6.6.2. Desenho temático da família com história	54
6.7. Questões éticas	55
6.8. Proposta de análise dos resultados	55
 7. Resultados: Imagens da paternidade	 57
7.1. Caracterização da população	57
7.2. Apresentação do material bruto	59
7.3. Descrição dos desenhos e histórias: entrando em contato com o material bruto..	98
7.3.1. Grupo 1 – Filhos	98
Colaborador 1	98
Colaborador 2	99
Colaborador 3	99
Colaborador 4	100
Colaborador 5	100
Colaborador 6	101
Colaborador 7	101
Colaborador 8	102
Colaborador 9	102
Colaborador 10	103
7.3.2. Grupo 2 – Pais	103
Colaborador 11	103

Colaborador 12	104
Colaborador 13	104
Colaborador 14	105
Colaborador 15	105
Colaborador 16	106
Colaborador 17	106
Colaborador 18	107
Colaborador 19	107
Colaborador 20	108
8. Análise dos dados	109
8.1. Estrutura do desenho e da história	109
8.1.1. Composição da família	109
8.1.2. Aspectos formais	112
8.1.3. História: Desenvolvimento da ação, Peripeteia e Lysis	115
8.2. Considerações	117
8.2.1. Relações de identidade	118
8.2.2. O pai tradicional	123
8.2.3. O pai indiferenciado	128
8.2.4. O pai substituído (ou substituível)	131
8.2.5. O pai contemporâneo (novas configurações)	134
8.2.6. O pai arquetípico	137
9. Discussão	141

10. Considerações Finais	150
10.1. Sobre o método utilizado	150
10.2. Conclusões	150
10.3. Amplificação simbólica	152
11. Referências	158
12. Anexos	164
12.2. Anexo 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido – Crianças	164
12.2. Anexo 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido - Adultos	165

1. Abertura: E agora, José?

Desde a minha infância a figura de São José me instiga. Durante 14 anos frequentei um tradicional colégio católico cuja figura central de devoção era Santa Marcelina. Entretanto, a instituição escolar era repleta de imagens de São José. Havia imagens na capela, no corredor, e até mesmo na quadra de esportes batizada com o nome do santo. São José trazia o menino Jesus no colo, apoiado em seu braço esquerdo, e um ramalhete de lírios na mão direita. Quando menina, costumava perguntar quem era aquele homem que carregava o filho de Deus nos braços. O questionamento surgia porque, na minha fantasia, José parecia ser pai do menino Jesus, mas isso não fazia sentido algum, afinal, o pai de Jesus era o próprio Deus. Algumas pessoas me respondiam que ele era um pai adotivo de Cristo, outras diziam que não era ninguém, outros ainda diziam que era uma pessoa de muita fé que aceitou cuidar do filho de Deus enquanto estivesse na Terra. Mas eu não me recordo de ninguém ter me dito que ele era o pai. O estudo do mito cristão era frequente na instituição, e aos poucos a não-valorização dessa figura, não só pela comunidade religiosa mas também pelo senso comum, foi me intrigando mais e mais. Ao pesquisar na enciclopédia virtual *Wikipédia*, deparei-me com um texto que inicia a sua descrição da figura de José da seguinte maneira: “*José é um personagem célebre do Novo Testamento bíblico, marido da mãe de Jesus Cristo*”. Não fala-se a respeito de José como pai, ao invés disso usa-se o termo “marido da mãe”. Ao iniciar esta pesquisa, vi-me parafraseando Carlos Drummond de Andrade (1993): E agora, José?

Ao falar sobre religião, Jung (1939/2008a) utiliza como metodologia o empirismo fenomenológico e afirma que seu objeto de estudo não é a religião em si, mas o fenômeno religioso. Jung não questiona a fé; ao contrário, ele se detém na experiência de Deus, na forma

como um indivíduo ou um grupo vive o sagrado, o numinoso¹. Jung toma o cuidado de preservar o mistério, até porque sabemos que ele próprio, até certo ponto, foi cristão confesso, e seu pai era pastor de uma igreja protestante (JUNG, 1961/2006). Valendo-me dessa postura tanto ética, quanto absolutamente científica de Jung, não pretendo colocar em questão a fé católica, e sim introduzir essa dissertação olhando para a figura de São José, na tentativa de contemplar o lugar dela no mito cristão e (por que não?) em meu mito pessoal, já que essa figura tornou-se um símbolo vivo referente à figura paterna e sua função.

Na história de Cristo encontramos Maria, mãe de Jesus, uma jovem virgem prometida em casamento para José, um homem mais velho do que ela. Algumas versões da história de José dizem que ele já havia sido casado e encontrava-se viúvo quando a mãe de Maria lhe foi prometida, outras dizem apenas que ele era um homem mais experiente. Especula-se inclusive que ele tenha tido outros filhos do casamento anterior. Na Bíblia não há referência aos episódios que antecederam a concepção da virgem pelo Espírito Santo. A história bíblica do novo testamento é inaugurada com a genealogia de Jesus Cristo seguida do seguinte texto:

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. Mas José, seu esposo, sendo justo e não querendo a infamar, resolveu deixá-la secretamente. Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco). Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher. Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus.” (Mt 1, 18-25)

¹ Jung (1939/2008a) define o numinoso como sendo um fenômeno típico de toda e qualquer experiência religiosa. Trata-se de uma característica de algo visível e também da ressonância de algo invisível na consciência, provocando grande impacto emocional e ocasionando alteração da consciência.

Segundo Abib (2008), José é considerado um homem justo e bom por conta de ter repudiado a esposa secretamente, já que na época em que Jesus fora concebido as mulheres adúlteras eram comumente apedrejadas publicamente. Depois do sonho de anunciação de José, ele aceitou Maria e o filho e passou a exercer a paternidade. O autor afirma que depois José teve outros sonhos, onde anjos indicavam a ele quais decisões deveria tomar e para onde deveria seguir com o filho e a esposa. Foi assim no nascimento de Cristo, no regresso a Israel, na retirada para Nazaré. É possível presumir que José era um homem sensível às mensagens do inconsciente. A figura de José é sempre mencionada na Bíblia atrelada à figura de Jesus. José era carpinteiro e, segundo a Bíblia, ensinou o ofício ao filho. Depois do nascimento de Jesus, há referência à mudança de cidade da família direcionada pelos sonhos de José e depois desse episódio existe uma lacuna na história de Jesus Cristo. Não há nenhuma menção à vida do pequeno Jesus desde alguns meses de vida até seus 12 anos. Aos 12 anos de Jesus, a Bíblia narra um episódio em que a sagrada família vai a Jerusalém para a festa de Páscoa e de lá regressa sem Jesus, que se distanciara do grupo de viagem sem que os pais percebessem e permaneceu entre doutores, interrogando-os e ouvindo-os. Quando a família se dá conta de que Jesus não está em meio ao grupo, retorna a Jerusalém para procurá-lo e o encontra no templo, em meio aos doutores impressionados com a inteligência do menino. Maria disse: *“Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu, aflitos, estamos à sua procura”* (Lc 2, 41-52). Essa é a última referência ao pai terreno de Jesus, José, na Bíblia. Não se sabe ao certo quando morreu, e depois desse episódio todas as vezes em que Jesus utiliza a palavra “pai” está (supostamente) referindo-se à Deus, e não ao seu “pai humano”, José.

É interessante pensarmos que o período de transição da infância para a adolescência, que se inicia por volta dos 11 ou 12 anos, é omitido na Bíblia sagrada. Corneau (1991) afirma que a identidade masculina dos meninos é construída, sobretudo, por meio da relação estabelecida com a figura paterna. É preciso ligar-se ao pai, reconhecer-se na imagem dele e

identificar-se com o universo masculino para construir uma identidade masculina. Tais processos de identificação não se dão exclusivamente na adolescência, mas se iniciam muito antes, na infância. Na adolescência ocorre a conscientização desses processos, o questionamento e a diferenciação entre o menino e o pai. Essa fase da vida de Jesus é ignorada pelo mito cristão. “Deus pai”, ou o que podemos chamar de arquétipo paterno, é excessivamente valorizado em detrimento de “José pai”, personagem que podemos supor ter sido central na construção do complexo paterno de Jesus Cristo.

Nas obras completas de Carl Gustav Jung encontramos um movimento similar de maior valorização do arquétipo paterno em detrimento do complexo paterno. A figura paterna é pouco mencionada nos textos de Jung. Um dos únicos textos nos quais Jung enfatiza a figura paterna real é o “A importância do pai no destino do indivíduo” (JUNG, 1909/2007). É interessante ressaltar que esse texto é datado de 1909: 10 anos antes de Jung formular o conceito de arquétipo enquanto tal. As outras referências ao pai privilegiam os aspectos arquetípicos e pouco falam a respeito do pai real. E assim também costumamos fazer quando nos envolvemos com pesquisas embasadas na psicologia analítica. É comum que mergulhemos na beleza e na profundidade do mundo sedutor dos arquétipos e nos esqueçamos da importância de olharmos atentamente para a relação que, de acordo com Edinger (2004), permite, entre outras, que humanizemos o arquétipo paterno: a relação com nossos pais reais. Não pretendo aqui discutir a possibilidade de José ter sido o pai biológico de Jesus. A concepção de Cristo sem que tenha havido relação sexual entre Maria e José ou Maria e qualquer outro homem é um dogma cristão e deve ser respeitado. O que proponho como sensibilização para introduzir essa dissertação é uma reflexão acerca da desvalorização daquele que exerce a função paterna, seja ele pai biológico ou não. Daquele que em sua função tradicional protege, ensina, recrimina, discrimina, instaura a autoridade, brinca,

permite a identificação, apresenta o mundo, intermedeia a relação com a mãe, trabalha, sustenta. Que nutre as crianças de tantas outras coisas, tão importantes quanto o leite materno.

É quase sempre difícil falar sobre o pai. Segundo Jung (1934/1971) nossos complexos são nossas “psiques parciais”. Trata-se de um sistema organizado de idéias e imagens, com tonalidade emocional, agrupadas ao redor de um núcleo arquetípico.

Segundo Kast (1997) nossos complexos parentais são núcleos ideativo-emocionais, que se estabelecem a partir dos arquétipos da grande mãe e do pai, graças à experiência direta com os representantes destes. O complexo paterno é vivo e carregado de energia. Normalmente carregado de amor, de afeto, de carinho, e também de rancor, de raiva, de ressentimento. Muitas vezes nos vemos apoiados em alguma imagem arquetípica, que contemple os aspectos mais positivos (o Deus do novo testamento) ou os mais negativos (o diabo) e permaneça distante, quase sempre no campo da fantasia.

São muitas as hipóteses acerca da anulação da paternidade de José no mito cristão, mas compartilho daquela que gira em torno da dificuldade em admitir a falha do pai, a humanidade do pai, a não-divindade do pai pessoal. José foi negado, anulado e depois esquecido pelo mito cristão. Centenas de anos depois, foi canonizado e hoje é santo. A santificação de José e a procura dos fiéis pela intercessão de São José me fazem pensar na necessidade que temos de nos religar ao pai arquetípico por intermédio de um pai real. Revendo o sentido etimológico da palavra “religião”, ao qual Jung (1939/2008a) recorre: a origem na palavra do latim “*religio*”, que significa religar, ligar de novo. O resgate da paternidade me parece evidente e necessário. Jung (1909/2007) chama atenção para o poder numinoso que o pai real, ao encarnar o arquétipo paterno, toma emprestado do mesmo. José é considerado o padroeiro dos trabalhadores e da família (ABIB, 2008). Vitale (1979) indica a possibilidade de encararmos o aspecto do paterno relacionado à lei e à ordem não apenas

como repressão, mas também como proteção, o que faz sentido ao pensarmos em São José, que como pai acompanha Jesus na infância.

A figura de José é um símbolo vivo que permeia a elaboração dessa dissertação. Não pretendo explorar essa figura especificamente, sendo o objetivo da apresentação desse símbolo na abertura desse estudo compartilhar minhas inquietações com o leitor, provocá-lo e convidá-lo a refletir acerca da paternidade enquanto função, considerando os aspectos do complexo e do arquétipo do pai.

2. Introdução: o mundo do pai

Na psicologia analítica, são enfatizados os fatores arquetípicos como determinantes coletivos e universais das relações pessoais com as figuras paterna e materna. Os arquétipos influenciam significativamente a maneira de sentir, pensar e agir de toda a humanidade. Para a psicologia analítica, desde recém-nascida, a criança tem uma predisposição a encontrar alguém que lhe sirva como pai e como mãe, que satisfaça de alguma forma seu anseio por essas figuras (JUNG, 1909/2007). A necessidade de ter um pai é universal, fundamental e arquetípica. Contudo, é somente por meio das experiências singulares com os “representantes” de um arquétipo que este pode ser atualizado e transformado em experiência subjetiva individual (EDINGER, 2004). O indivíduo que desempenha o papel paterno encarna, de maneira inevitável, o arquétipo do pai, compartilhando com ele seu poder deslumbrante (JUNG, 1909/2007). Desse modo, é por meio da vivência das relações com a mãe e o pai pessoal e com outras figuras significativas que se constituem os complexos parentais.

Nota-se que os arquétipos da grande mãe, da anima e do animus são mais evidenciados na literatura analítica do que o arquétipo do pai. Jung pouco se reporta à figura do pai e ao significado desta para a psique. (LIMA FILHO, 2002). Observa-se na comunidade científica, um movimento de cultura da maternidade que precede o debruçamento acerca da paternidade (FARIA, 2003). Por volta de 1830, nos Estados Unidos, a figura da mãe foi evidenciada e ocupou um espaço significativo no meio acadêmico. O pai era tido como provedor, senhor do espaço externo, da rua, do trabalho, da sociedade. A mãe era tida como cuidadora, senhora do espaço interno, do lar, da educação, da família. Essa visão ainda tem ressonância nos estudos mais recentes. Bustamante (2005) verificou que muitas vezes o pai ainda representa o papel do provedor e a mãe o da cuidadora, mesmo que em todas as famílias

estudadas, tenha sido observada alguma forma de participação física e emocional do pai no cuidado à criança. Nos casos em que o pai desempenha também a função de cuidar, este tende a ser considerado, pelo casal parental, deslocado de sua função e ele é percebido como “ajudante” da mãe na preservação da integridade, nos cuidados corporais e na formação da moral dos filhos. Faria (2003), por sua vez, salienta que, no início do século XX, a figura do pai passa a ser tratada como modelo de identificação sexual para o filho e, a partir de 1970, o pai passa a ter seu papel de cuidador ativo dos filhos considerado.

Jung (1939/2008b) descreve algumas características fundamentais do arquétipo materno, atribuindo ao que ele chama de “maternal”, aspectos positivos e negativos, entre eles: a bondade, o cuidado, a sustentação, o crescimento, a fertilidade, a alimentação, a transformação, o escuro, a morte, a sedução, o devoramento, o veneno, o pavor. A dimensão materna está intimamente ligada à proximidade consciente-inconsciente. Segundo Gambini (*in* DIAS & GAMBINI, 1999) a mãe é quem estabelece o lugar no mundo para o filho e quem oferece condições de vida para que ele possa habitá-lo.

A figura materna, de acordo com Jung (1939/2008b) carrega consigo a imagem da mãe natureza e da mãe espiritual. A qualidade vital do ser é atribuída à mãe, no corpo dela somos gerados, é do seio dela que vem o alimento que nutre e fortalece. A idéia de um ser uno “mãe-bebê” permanece na psique da criança por algum tempo, até que ela seja capaz de reconhecer a existência do outro e compreender que ela também o é em relação à mãe.

O pai pode ser considerado coletivo, na medida em que é ele quem apresenta à criança a existência do outro, e intermedeia sua relação com a mãe (CORNEAU, 1991). Ele representa a determinação das regras e dos limites, as restrições, os métodos, as responsabilidades. Ele objetiva a realidade, a torna acessível e nomeada ao filho; enfim, ele

participa de maneira fundamental na simbolização da ordem almejada pela psique (LIMA FILHO, 2002).

Na relação com a figura paterna, a criança pode entrar em contato com a sua agressividade e sexualidade, com a necessidade de explorar o meio, de agir sobre ele e de organizá-lo. Por meio da relação com o pai, a criança se aproxima do princípio de *logos*² e tem a possibilidade de explorar a sua impulsividade, característica típica da identidade masculina (CORNEAU, 1991). Esse contato pode ocorrer também por meio da relação inconsciente que a criança estabelece com o animus³ da mãe.

É função do pai facilitar e relativizar a ligação da criança com a mãe e com a família e, concomitantemente, sua inserção na sociedade (BLY, 1991). Essa passagem é principalmente crítica e dolorosa para a criança, que deve desligar-se das figuras parentais e assumir um papel específico na coletividade. De acordo com Lima Filho (2002), para demarcar essa transição delicada de uma fase a outra, ritos de passagem foram desenvolvidos em toda a história da civilização. Mais especificamente no caso do adolescente do sexo masculino, boa parte dos rituais trabalha com a idéia de que para tornar-se membro oficial da coletividade, para pertencer ao mundo social, é necessário desligar-se psicológica e fisicamente da mãe e do casal parental. O afastamento físico precede algum tipo de ferimento realizado na pele do iniciado, sempre por um homem mais velho, representante do pai coletivo. O sangue derramado por conta da ferida permite que o iniciado compreenda que não somente a fêmea é fonte de alimento, mas o macho também é capaz de fazê-lo jorrar de si (BLY, 1991). Nem só de leite a criança precisa ser alimentada. A dor do iniciado mutilado simboliza a dor do menino em transformar-se em homem, assumir esse papel e desligar-se da mãe (CORNEAU, 1991). Aceitar desgarrar-se do pai real e submeter-se às mãos daquele que

² *Logos* é uma palavra grega que significa palavra, razão. Jung (1959/1982) define *logos* como “o poder dinâmico dos pensamentos e das palavras”.

³ Jung (1934/2008) define *animus* como o “arquétipo do significado”. Trata-se uma referência a *logos*, já que *animus* é, em suma, a imagem psíquica masculina na psique da mulher.

representa a realidade externa e coletiva é a manifestação da necessidade de trilhar, agora por si só, o caminho da masculinidade.

A participação do pai no cuidado dos filhos tem sido investigada por alguns autores (FREITAS, COELHO & SILVA, 2007; OSÓRIO, 1996). Freitas et al (2007) pesquisaram o que denominaram “sentimento de paternidade”, em homens que vivem essa experiência. Diante dos dados obtidos, os autores concluíram que o modelo tradicional de pai-provedor convive com um novo modelo de pai, mais afetivo e atencioso, o que indica que os homens na atualidade tendem a buscar vínculos mais afetivos com seus filhos. Na mesma direção, Faria (2003) conclui que o conflito interno do pai contemporâneo dá-se pela concepção consciente do que seria ser um pai atualizado e a concepção inconsciente de paternidade, na qual predominam imagens arquetípicas e tradicionais. Osório (1996) afirma que o papel do pai encontra-se indiscriminado na família contemporânea e, assim, seria mais adequado utilizar o termo *papel parental* para designar a função do pai e da mãe de forma genérica, uma vez que, na prática, os papéis acabam por confundir-se.

Badinter (1985) aponta que a partir do momento em que as mulheres conquistaram o direito de ocupar espaços e exercer funções até então tidas como tipicamente masculinas, como as relacionadas, por exemplo, ao trabalho e à política, o poder paterno passa a perder sua força e a ser intermediado pelas instituições. A entrada da mulher no mercado de trabalho e sua independência financeira parecem ter emancipado não só a ela, mas também aos filhos. Bly (1991) utiliza o termo *escassez de pai* para designar a diminuição da participação do pai nas funções historicamente patriarcais, como sentar na extremidade da mesa para presidir o jantar, ser o provedor da família, repassar o seu ofício profissional aos filhos, exercer autoridade sobre os demais integrantes de família entre outras, e o espaço restrito que o pai

ocupa atualmente dentro da família. A literatura aponta para a transformação do que seria o papel do pai na contemporaneidade, que parece ter sido “destronado” (HEYDT, 1979).

A imagem do pai foi alterada na sociedade, ele não é mais tido como dominante absoluto pelo coletivo, o que levanta questionamentos e provoca ataques a valores pertencentes ao mundo paterno, como a noção de lei e de ordem, a responsabilidade e a disciplina. Heydt (1979) sugere que a função paterna encontra-se mergulhada no inconsciente, desaparecendo do alcance da consciência, na mesma medida em que o pai real parece estar desaparecendo na sociedade atual, cada vez mais ausente, psicológica e também fisicamente, já que a família contemporânea abarca situações de abandono, divórcio, homoparentalidade e monoparentalidade que muitas vezes implicam na ausência do pai pessoal.

Nesse sentido, é de extrema importância discutir as implicações das novas estruturas e papéis familiares no desenvolvimento dos filhos. Uma idéia que permeia este estudo é refletir acerca da paternidade entendida enquanto função na contemporaneidade, a partir das imagens produzidas pelos colaboradores. Entende-se função paterna como as ações próprias e/ou naturais do pai na família. Espera-se que os apontamentos advindos desse estudo, além de fornecerem subsídios para reflexões acerca da relação pai e filho na família contemporânea, contribuirão para a atualização do material científico disponível a respeito da figura paterna, visto que a literatura revisada, em sua maioria, ainda trata a instituição familiar a partir do modelo da família tradicional, burguesa, patriarcal e nuclear, que não mais é o único modelo encontrado na sociedade brasileira contemporânea.

Alguns questionamentos inspiraram essa pesquisa: É possível identificar indícios de mudanças no papel ou na função da figura paterna? Que figuras estariam atualmente exercendo as funções psicológicas antes relacionadas principalmente ao pai? Quais os meios

pelos quais pais e filhos se adaptam às novas configurações familiares? Os filhos das famílias contemporâneas conseguem estabelecer relações de identificação⁴ com os pais? Como se configuram as “imagens da paternidade” nos meninos? E nos próprios pais? Está havendo condições de elaboração do papel do pai nessas novas configurações?

Tendo estes questionamentos como pano de fundo, esta pesquisa tem por objetivo geral identificar as imagens da figura paterna produzidas por meio de desenhos da família com histórias de crianças do sexo masculino com idades entre 06 e 12 anos, e de indivíduos adultos do sexo masculino com idades entre 23 e 50 anos, estes últimos que tenham passado pela experiência da paternidade de ao menos um menino. São objetivos específicos deste estudo: localizar possíveis movimentos de reestruturação das funções tradicionalmente relacionadas à figura paterna e/ou averiguar meios pelos quais pais e filhos adaptam-se às novas configurações familiares; discutir as possíveis implicações e ressonâncias das ressignificações da figura paterna no desenvolvimento dos meninos; identificar como se expressam as “imagens da paternidade” do inconsciente de pais e filhos na sociedade atual.

Para isto, essa dissertação de mestrado segue estruturada da maneira descrita abaixo, nos capítulos seguintes:

3. A figura paterna – Levantamento bibliográfico acerca da figura do pai, o arquétipo paterno, o complexo paterno e a função paterna.

⁴ “Entende-se por identificação um processo psicológico de dissimilação (versus assimilação) parcial ou total da personalidade” (JUNG, 1921/2008, P. 416). Trata-se de uma imitação inconsciente com potencial benéfico e vantajoso para o desenvolvimento em situações em que ainda não for possível ao indivíduo trilhar seu próprio caminho.

4. A família – Levantamento bibliográfico acerca da família, sua construção patriarcal e as novas configurações familiares.

5. Objetivos gerais e específicos do estudo.

6. Método – Contemplando os recursos expressivos, utilizados como forma de investigação na psicologia analítica, e a atitude simbólica do pesquisador em contato com o material produzido pelos colaboradores, o método pelo meio do qual a coleta de dados e a análise foram realizadas é explicitado.

7. Resultados – Caracterização dos colaboradores e apresentação dos dados na forma bruta (desenhos e histórias) e na forma de descrição textual

8. Análise – Aproximações ao material e considerações a respeito das imagens apresentadas pelos colaboradores do estudo. A partir da elaboração de quadros sinóticos a respeito da composição da família, dos aspectos formais e da estrutura dramática das histórias, foram construídas categorias de análise.

9. Discussão – Reflexões, amplificações para a cultura e tentativas de relacionar e atualizar a literatura analítica a partir da análise material coletado, contemplando os objetivos almejados pela pesquisa.

10. Considerações finais – Reflexão sobre o método utilizado, apresentação das conclusões e amplificação simbólica a partir de uma lenda Karajá.

11. Referências.

12. Anexos – Modelos de termo de consentimento livre e esclarecido adotados, um para os filhos, e outro para os pais.

3. A Figura Paterna

Heydt (1979) afirma que a concepção do feto e o coito nem sempre estiveram diretamente relacionados, não se sabe ao certo se a falta de relação entre o coito e a concepção dava-se por ignorância ou por dificuldade em admiti-la. O fato é que essa desconexão acabava por ignorar a participação do pai na geração de um filho. Segundo Lins (2007) no período paleolítico⁵, sexo e procriação não eram relacionados e não havia casal parental. Estátuas encontradas por arqueólogos e classificadas como sendo obras de culto à fecundação e à fertilidade apresentam apenas imagens femininas (que eram reverenciadas) e não possuem caráter erótico ou sexual. De acordo com Heydt (1979) acreditava-se que a concepção era realizada por um sopro, um espírito. O pai, portanto, inexistia. A mãe não era apenas considerada quem gerava e dava à luz, mas também como a única responsável pela procriação da espécie.

Lins (2007) afirma que a partir de 10.000 a.C. ocorreram mudanças climáticas que fizeram com que os indivíduos migrassem para regiões próximas às plantações, o que deu origem à organização em aldeias. A revolução neolítica⁶ foi marcada pela domesticação de animais e, conseqüentemente, pela valorização da agricultura em detrimento da atividade de caça. Nesse momento histórico, a fecundidade das mulheres estava associada à fertilidade dos campos e a procriação ainda não se encontrava vinculada ao ato sexual; acreditava-se na concepção por meio de algo divino. Mais tarde, o pai tornou-se o integrante de maior importância da família, a quem filhos, esposa e empregados deviam obediência e disciplina (HEYDT, 1979). Por meio da observação dos animais domesticados, a paternidade foi descoberta: os indivíduos foram tomando consciência da relação existente entre o coito e a

⁵ 500.000 a.C. a 10.000 a.C.

⁶ 8.000 a.C. a 2.000 a.C.

fecundação, e logo reconheceram a capacidade do macho de fecundar muitas fêmeas. A autora aponta este momento como um marco de “ruptura na história da humanidade”, onde a estrutura social pré-patriarcal marcada por uma postura de não-dominação (tampouco subordinação) do homem sobre a mulher, nem da mulher sobre o homem, é substituída pela estrutura patriarcal onde o homem passa a ter poder sobre a mulher e a prole, assumindo um comportamento autoritário e quase sempre opressor (LINS, 2007).

O “segredo” do poder exercido pelo pai no período histórico em que atualmente nos encontramos habita, segundo Jung (1909/2007), no arquétipo paterno que sustenta a figura do pai. Não se trata de algo que provém do pai pessoal, mas de um poder herdado. Um poder ligado à lei, à ordem, à discriminação. A visão desenvolvimentista de Neumann (1980) nos auxilia na reflexão acerca desse poder.

É importante que as “fases da consciência” descritas por Neumann (1995) sejam compreendidas como dinamismos psíquicos, assim como Byington (2008) salienta, já que não se trata de um período da vida estático, e sim uma forma de apreender o mundo que tende a ter um desenvolvimento que contemple essas fases, mas não em uma transformação linear, imutável e estática. Esses dinamismos podem interagir entre si e alternar-se, e se encontram em constante movimento, embora seja possível observar a influência maior de um ou de outro em diferentes momentos da vida humana. Entende-se que a evolução da consciência é transpessoal e arquetípica, ou seja, acontece segundo padrões universais que independem da vontade e da ação do indivíduo. Em princípio, no recém-nascido, a consciência humana encontra-se indiferenciada do inconsciente. A imagem de uma serpente que morde a própria cauda (uroboros) representa esse estágio inicial do desenvolvimento humano. O dinamismo seguinte é chamado de matriarcal, quando o arquétipo da grande mãe é dominante e a consciência começa diferenciar-se do inconsciente, mas a criança ainda encontra-se em um

estado de grande dependência. Posterior ao dinamismo matriarcal está o patriarcal, onde finalmente surge a consciência que atualmente encontra-se mais valorizada e o mundo passa a ser percebido e vivido como polarizado.

Neumann faleceu antes de terminar a obra “A criança”, em 1960. Alguns estudiosos dizem que, se ele tivesse dado continuidade aos seus escritos, provavelmente teria introduzido mais um momento do desenvolvimento da consciência, posterior ao patriarcal. Byington (2008) sugere que essa possibilidade seguinte seja a de alteridade, quando a consciência é capaz de imaginar as polaridades interagindo e de estabelecer entre elas uma relação dialética. Esse último autor considera ainda o dinamismo cósmico, uma última possibilidade de funcionamento da consciência, regida pelo arquétipo da totalidade, onde os aspectos opostos podem aproximar-se de uma integração em um todo, conscientemente. Prevalece uma posição mais contemplativa da psique, que prepara a consciência para a vivência da transformação provocada pela morte.

O dinamismo que mais interessa a este estudo é o patriarcal, que compartilha com o arquétipo do pai o poder da ordem, da organização. Parece ser de extrema importância o período de predominância patriarcal vivido na infância, visto que é nessa fase do desenvolvimento que a criança dá-se conta de que existe no mundo, e que existe o mundo.

Jung (1909/2007) ao realizar o teste de associação de palavras em um estudo compartilhado com sua aluna Dra. Furst, constata maior semelhança nas reações de pai e filho do que nas de mãe e filha, pai e filha ou mãe e filho. É possível pensar nesse dado como um indicador de maior identificação entre essas figuras. Samuels (1992) nos atenta ao fascínio que a imagem do pai exerce em nossa psique, tanto positiva como negativamente. O mesmo pai que nos emociona porque brinca e proporciona um dia de lazer para o filho, é aquele que,

neste mesmo dia, pode nos enojar ao cometer uma atitude de violência física ou sexual contra a criança.

3.1. O arquétipo paterno

Conforme já vimos anteriormente, a relação do pai pessoal (e de outras figuras paternas) com o filho é intermediada pelo arquétipo paterno. De acordo com Jung (1927/2007), o arquétipo materno é ativado na psique da criança inicialmente. Mas, conforme a consciência vai se desenvolvendo, a figura do pai se apresenta, ganha destaque e auxilia na ativação o arquétipo paterno.

Jacobi (1957) assume sua dificuldade em estabelecer uma definição clara e objetiva para o conceito de arquétipo. Isso porque este é um conceito extremamente abstrato, não é conteúdo nem matéria, não é racional.

A noção de arquétipo indica que os indivíduos não nascem como tábulas rasas, mas também não podem ser considerados sujeitos absolutamente predeterminados (FREITAS, 2009). Jung (1939/2008b) aponta para a suposição da existência de conteúdos e de maneiras de apreender situações e se comportar que parecem seguir um padrão básico comum em todos os seres humanos, independente da cultura em que encontram-se inseridos. Trata-se de uma possibilidade a ser vivida. O arquétipo é um elemento vazio, que não carrega conteúdos e idéias, e sim formas herdadas de apreensão das situações.

Jung (1936/2008) considera que o inconsciente pessoal está permeado por complexos assim como o inconsciente coletivo está permeado por arquétipos. O autor define inconsciente coletivo como uma parte do psiquismo humano não-adquirida. Diferente do inconsciente pessoal, que tem conteúdos que já podem ter sido conscientes em algum momento da vida do

indivíduo, o inconsciente coletivo é herdado e não constituído de conteúdos ligados a experiências pessoais. Por serem sistemas de prontidão herdados, os arquétipos não seriam passíveis de mutação em sua forma primordial, mas a maneira como aparecem e são apreendidos pela consciência se transforma (JACOBI, 1957). A fim de defender a idéia da hereditariedade dos arquétipos e seu caráter coletivo e impessoal, Jung (1946/1971) demonstra a naturalidade do fenômeno afirmando que surpreendente seria se a psique fosse a única parte do complexo sistema que é o ser humano a não carregar marcas de uma memória evolutiva, já que o corpo apresenta inúmeras.

Jung (1939/2008b) não define a quantidade de arquétipos existentes no inconsciente coletivo, mas garante que existem tantos arquétipos quantas vivências tipicamente humanas. A constatação da existência dessas predisposições psíquicas dá-se, inicialmente, a partir do trabalho de Jung (1946/1971) com sonhos de pacientes. A partir dos sonhos relatados, os pacientes eram convidados a expressar de maneira plástica suas associações ao episódio onírico. Foi possível observar então, a presença de motivos mitológicos comuns a diversos indivíduos que nunca haviam sequer ouvido falar nas histórias da mitologia grega. A partir dessa constatação, diversos levantamentos históricos foram realizados a fim de provar a existência desses sistemas de prontidão que independem da consciência individual.

Considerando a autonomia dos arquétipos, já que estes não residem no plano pessoal, Jung (1934/2008) aponta para a necessidade de um processo dialético que possibilite alguma integração dos arquétipos à consciência, a qual não pode ser realizada de maneira apenas racional. Quando uma situação é vivenciada por um indivíduo, ocorre a ativação do arquétipo correspondente a ela. É por meio da atualização do arquétipo, que ocorre na experiência pessoal, que se torna possível ativá-lo: acessá-lo e apresentá-lo à consciência

(JACOBI, 1957). Os arquétipos apresentam-se principalmente por meio de imagens arquetípicas e símbolos (JUNG, 1964/2002).

Entre tantos outros arquétipos, encontra-se no inconsciente coletivo o arquétipo paterno. Conforme citado no capítulo que introduz esta dissertação, Jung pouco se debruçou sobre a figura paterna e sua importância para o desenvolvimento humano. Entretanto, parece ser de grande valia para a psicologia analítica o estudo do arquétipo paterno e seu caráter mediador da relação pessoal do indivíduo com a figura que lhe é apresentada como paterna, seja seu pai biológico ou algum outro representante desse arquétipo.

O arquétipo paterno, assim como todos os outros, comporta em sua forma a possibilidade de conteúdos de polaridades opostas. De acordo com Hollis (1997) o arquétipo paterno é comumente associado ao sol (em oposição à lua, associada ao arquétipo materno) que aquece, mas que também é capaz de queimar e devastar. O arquétipo paterno está ligado à luta pela vida, ao existir no mundo, ao abandono do universo materno protegido e aos perigos do mundo “lá fora” (do útero materno). Jung (1927/2007) aponta o arquétipo do pai como determinante da relação interpessoal. Cabe aqui o questionamento: Será mesmo que o indivíduo nasce com a predisposição psíquica de procurar uma figura que lhe sirva como pai? Ou ele nasce com o sistema de prontidão para buscar uma referência aos princípios atribuídos ao pai em nossa cultura patriarcal, como a lei e a ordem, por exemplo? Ou será ambos: Uma predisposição para procurar uma figura que lhe sirva como pai, isto é, uma referência pessoal dos atributos paternos?

Stein (1979) sugere que, no arquétipo paterno, o pólo guardião, que representa a fortaleza, convive com o pólo devorador, que representa a rigidez quanto à forma de pensar, de sentir e de se comportar. O autor ilustra essa face devoradora do paterno por meio de

imagens arquetípicas, destacando três figuras mitológicas interessantes: Urano, Cronos e Zeus. Urano é tido como um pai mau, primitivo, feroz. Não se trata de um pai devorador, ele não engole os filhos. Contudo, ele os empurra de volta ao útero materno de Gaia. Permanecer no mundo materno, infantil e inconscientemente ligado à mãe pode ser mais cruel do que ser devorado pelo pai. Urano impede assim o desenvolvimento do filho.

Cronos, por sua vez, protagoniza um confronto com seu pai onde, de um lado está ele, com medo de ser repreendido e aprisionado, e de outro está Urano, com medo de ser castrado. Eles apresentam medos comuns a pais e filhos, e a luta, que no mito é física, pode ser psicológica no cotidiano. Cronos vence seu pai de maneira sangrenta, ao castrá-lo. Vence a batalha contra seu pai e, posteriormente enquanto pai, torna-se devorador. Engole seus filhos, como maneira de se proteger de uma possível ameaça, pois tem a certeza de que um deles tomará seu lugar. Rea, esposa de Cronos e mãe de Zeus, ao tomar consciência da ameaça que seu filho representa para seu marido, engana este último, a fim de proteger a sobrevivência do filho no mundo. Zeus, entretanto, não se torna um pai devorador de filhos nascidos, mas elimina “filhos potenciais”, cuja possibilidade de surgir no mundo através da mãe ele impede. Zeus engana Métis que, grávida, é introduzida em seu estômago. É a maneira que Zeus encontra de permanecer em posição dominante, passando a ser ele quem, de alguma maneira, gera o filho.

Esses três personagens míticos manifestam não apenas o caráter de força do arquétipo paterno, mas também sua insegurança e fragilidade, que muitas vezes permanecem na sombra. São inúmeras possibilidades que o arquétipo paterno pode comportar enquanto forma. Ele abarca tanto pais devoradores, que impedem o desenvolvimento de seus filhos, como pais facilitadores que, em oposição a estes, favorecem o desenvolvimento na medida em que intermedeiam a relação da criança com o mundo. E no mesmo pai, encontram-se ambos os aspectos.

3.2. O complexo paterno

“O pai anda por aí, fala com os outros homens, caça, viaja, faz guerra, espalha seu mau humor qual tempestade e, sem muito refletir, muda a situação toda num piscar de olhos. Ele é a guerra e a arma, a causa de todas as mudanças. É o touro provocado para a violência ou para a preguiça apática. É a imagem de todas as forças elementares benéficas ou prejudiciais.”
(JUNG, 1926/2007, p.39)

O conceito de complexo é fundamental para a psicologia junguiana, trata-se do eixo central da teoria (KAST, 1997). Apesar da valorização dos conteúdos arquetípicos na literatura, na prática clínica e acadêmica o material passível de ser trabalhado advém dos complexos. Jung (1904/1995) conclui que não são os sonhos a chave de acesso ao inconsciente, como afirmava Freud, e sim os complexos.

Em um primeiro momento, o termo cunhado foi “complexo de acento emocional”, que mais tarde foi reduzido a “complexo” (JACOBI, 1957) Segundo Freitas (2009), essa primeira tentativa de definir o complexo referia-se a um agrupamento de conteúdos ideativo-emocionais eliciados por situações experienciadas, organizados como associações ao redor de um núcleo que continha a emoção básica mobilizada pela experiência. Mais tarde, Jung amplia o conceito, passando a considerar o complexo como um articulador entre o inconsciente coletivo e o pessoal, entre o arquétipo e a experiência vivida, já que constata que os complexos se constituem a partir de um núcleo que é arquetípico (JACOBI, 1957).

O complexo é autônomo. Trata-se de imagens do inconsciente pessoal carregadas de emoção agrupadas em torno de um núcleo arquetípico comum às situações vividas e não compatível à consciência (JUNG, 1934/1971).

É por meio das relações com a mãe e o pai pessoal e com outras figuras significativas que se constituem os complexos materno e paterno, registros aglomerados em torno de um

centro: os arquétipos da grande mãe e do pai (FARIA, 2003). Jung (1927/2007) afirma que a experiência ocorre em parte com os pais e em parte através deles.

O conceito de complexo de Jung diferencia-se do conceito de complexo de Freud na medida em que, para este último, o complexo é sempre negativo. Para Jung, o complexo existe tanto no indivíduo psiquicamente sadio quanto no doente. Isso porque o complexo é um componente psíquico naturalmente sempre presente em todos os indivíduos. (JACOBI, 1957).

As polaridades que o arquétipo comporta são evidenciadas na constelação dos complexos. Kast (1997) apresenta as faces do complexo paterno negativo e positivo. Os complexos tipicamente negativos parecem causar impactos no que refere à dificuldade em trilhar seu próprio caminho, aos medos, à insegurança, ao sentimento de inferioridade e à culpa. Já os complexos tipicamente positivos parecem favorecer a admiração, a confiança e a segurança. Vale lembrar que a constelação de um complexo paterno não depende apenas da experiência real com o pai pessoal; trata-se de uma constituição que considera a fantasia e emoção, além da realidade vivenciada. Além disso, um complexo paterno não é fundamentado apenas na díade pai biológico-arquétipo paterno. A experiência de um indivíduo enquanto pai (e não somente enquanto filho) pode também contribuir para esse aglomerado ideativo-emocional. Além disso, figuras paternas menos evidentes também configuram o complexo: avôs, tios, professores, padres, mães. Mães? Por que não? É possível considerar a vivência da relação com o masculino por meio do animus da mãe.

3.3. A função paterna

As figuras materna e paterna são essencialmente importantes para o desenvolvimento dos indivíduos. A auto-imagem de uma criança, sobretudo nas fases iniciais de desenvolvimento, organiza-se principalmente a partir das referências das figuras materna e paterna (KAST, 1997). O papel dos pais na construção da identidade das crianças é

fundamental e ocorre, sobretudo, por meio de relações de identificação – tanto por igualdade, como por oposição.

A figura paterna tem função significativa no desenvolvimento dos filhos de ambos os sexos. Esta pesquisa reconhece a importância do pai ao desenvolvimento psíquico das meninas, mas não explora esse fenômeno, pois optou-se por ter como foco a relação pai-filho, já que o papel da figura paterna parece ser ainda mais imprescindível na vida da criança quando se trata de um filho do sexo masculino. Essa afirmação se fundamenta na idéia de que o bebê busca inicialmente a mãe como objeto de desejo e identificação. A mãe e o arquétipo materno são mais próximos a uma criança do que o pai (JUNG, 1927/2007). No caso das meninas, essa identificação é suficiente para o desenvolvimento de sua identidade sexual, afinal, esse primeiro objeto de desejo satisfaz a necessidade de referência do que é ser mulher. Todavia, os meninos têm de transferir, posteriormente, essa primeira identificação para o pai. Entrar em contato com o pai, inclusive fisicamente, é o que despertará no garoto o sentimento de pertencimento ao universo masculino. A referência de homem deve ser conquistada através da tentativa de ligar-se ao pai. A menina naturalmente se torna mulher, enquanto o menino deve aprender a ser homem afastando-se da mãe e estabelecendo relações com as figuras masculinas, principalmente com a figura paterna (CORNEAU, 1991). Pais e filhos vivem a experiência da *participation mystique*⁷ por algum tempo nesse processo de identificação; mais tarde, com o desenvolvimento da consciência, ela tende a desaparecer.

A função paterna mais evidente é a de mediação com o mundo. Em princípio o bebê se reconhece como parte da mãe. Ela é o mundo dele e a existência de terceiros é praticamente imperceptível à realidade da criança. O pai intervém nessa relação e assim apresenta à criança

⁷ Segundo Jung (1964/2002), a *participation mystique* ou participação mística é um termo cunhado por Lucien Lévy-Bruhl (etnólogo francês) que refere-se a um fenômeno psicológico no qual ocorre identificação inconsciente de um indivíduo com outro indivíduo ou com um objeto.

a possibilidade da existência do outro. Heydt (1979) aponta que, na medida em que esse movimento acontece, o pai instaura a autoridade e auxilia o bebê no descobrimento de seus próprios limites e dos limites da sociedade. O pai proporciona o vínculo família - mundo exterior e serve como um modelo de referência aos filhos (COLMAN & COLMAN, 1995).

Segundo Jung (1927/2007), “o pai é autor e autoridade”. É também função paterna nomear a realidade, organizar o mundo externo e torná-lo acessível. (LIMA FILHO, 2002). Os limites passam a ser assimilados pelo bebê a partir da delimitação do próprio corpo que não se encontra, como fantasiava anteriormente, diluído no corpo da mãe. A exploração do corpo do pai favorece a identificação dos meninos com o universo masculino e o contato com a impulsividade e a agressividade é fundamental para o desenvolvimento humano (CORNEAU, 1991). Nesse sentido, Samuels (1992) sugere que a função paterna mais importante está além da mediação do universo interno com o universo externo, e consiste na organização da energia agressiva do filho de maneira positiva. Isto é, na continência dos conteúdos agressivos e na apresentação de seu potencial criativo.

A função paterna é arquetípica e fundamental ao desenvolvimento dos indivíduos. Entretanto, considero o exercício de olharmos para o arquétipo paterno da mesma maneira que Hillman (1995) sugere que encaremos o arquétipo da anima: como um conceito assexuado e sem conteúdo. Como uma forma, exatamente da maneira como Jung (1939/2008b) postulou os arquétipos. Isso pode significar que essa função paterna não precisa ser necessariamente exercida pelo pai biológico. Nem tampouco por figuras paternas masculinas. A questão do gênero é abordada por Samuels (1992) como uma metáfora. O pai seria, portanto, uma imagem arquetípica, muitas vezes um símbolo, mas não o representante absoluto do arquétipo paterno. Assim também o autor propõe que o façamos com o conceito de mãe, que também é metafórico. O sexo está ligado à anatomia, às ciências biológicas. Mas o gênero é um conceito psicológico e cultural. A dicotomia que coloca mulheres e emoção de

um lado e homens e razão de outro passa então a ser considerada, nessa perspectiva, apenas um meio de lidar com a dificuldade humana de integrar as duas polaridades naturais. Ao lançar mão das idéias pós-junguianas de Hillman e Samuels não pretendo tirar o mérito do pai ou da mãe no que se refere à sua importância no desenvolvimento dos filhos. Ao contrário, a tentativa é de considerar essas funções tão fundamentais, a ponto de sua influência na vida dos indivíduos ser exercida independentemente da presença de uma figura tradicionalmente materna ou paterna na família contemporânea. E mais, ao admitir a possibilidade de exercício da função paterna por outras figuras, consideramos também o exercício da função chamada materna, entre outros, pelo pai.

Assim, a *escassez de pai* a que Bly (1991) se refere pode ser questionada. De que ausência estaria o autor falando? Estaria mesmo o pai perdendo o seu espaço e sua função? Ou estaria ele ocupando novos espaços, novas funções? Colman e Colman atentam para o desmoronamento das funções estereotipadas atreladas aos papéis sexuais no interior da família. Se a função paterna for considerada como noção, seguindo a trilha deixada por Hillman (1995), é possível considerar, ao invés de uma ausência de pai, um deslocamento e uma transformação na forma de apresentação do arquétipo paterno, mutação esta natural e prevista de acordo com Jacobi (1957).

4. A Família

Não seria possível abordar o tema da paternidade sem olhar para a família. Considerar a história da constituição familiar se faz necessário, com foco na figura do pai e atentando ao cenário brasileiro.

A figura do pai na família grega clássica e a medieval é apresentada por Faria (2003). A família grega, do período clássico, era considerada um espaço de procriação, um lugar de cidadania e não havia relação entre a vida familiar e a experiência afetiva, amorosa ou de troca. A relação entre o pai e os filhos era praticamente inexistente, e a função paterna parece ter sido exercida por um “mentor” político e econômico. Já a família medieval era considerada como ambiente de reprodução e lugar de herança, onde as propriedades eram transmitidas aos descendentes. Seguiu os moldes da sagrada família cristã (pai – mãe – filho) e o pai era chefe e “dono” não apenas do lar, mas também da esposa e dos filhos. O autor salienta que esse modelo medieval de família patriarcal foi reproduzido no Brasil a partir do descobrimento.

4.1. Retrato de família: A Família Patriarcal Brasileira

Na ocasião do descobrimento do Brasil, os portugueses se depararam com a estrutura familiar indígena. Segundo Freyre (2004), nossos descobridores notaram que as noções de incesto e consangüinidade para os indígenas que habitavam o Brasil eram consideradas a partir da genealogia do pai: aos familiares paternos, os filhos se referiam como “pais”. Nem o pai nem a mãe eram responsáveis pela introdução da disciplina no universo dos filhos. Essa função paterna era designada ao coletivo, sobretudo aos homens mais velhos da tribo. Eram eles que castigavam, puniam, ensinavam. A mãe cuidava do marido e dos filhos, cozinhava, ia para a roça, buscava água, transportava mantimentos. O pai caçava, pescava, remava e

guerreava. Entretanto, logo a incorporação do modelo de família patriarcal do invasor europeu foi inevitável.

“O filho do Brasil” é apontado por Gambini (*in* Dias & Gambini, 1999) como uma criança sem lugar. O autor levanta a problemática de que o filho fruto da relação de um europeu com uma índia não pertence nem ao mundo da mãe nem ao mundo do pai. O pai português deixa sua alma e sua referência de família e para trás, em busca da aventura do descobrimento. A mãe tupinambá é considerada apenas um depósito, o seu ventre é “emprestado” ao filho para a gestação. A família brasileira inaugura-se portanto, com ausência de alma e presença de sombra.

A estrutura patriarcal foi considerada como um modelo civilizador, representante da ordem e da solidariedade (TERUYA, 2000). No Brasil, a Casa Grande era uma representação simbólica da organização patriarcal da família: era o centro da economia, da política e da sociedade (FREYRE, 2004). De acordo com Badinter (1985), o poder patriarcal era sustentado pela teologia, que fundamentava a idéia de que a mulher deveria se sujeitar ao poder do homem na premissa de que o homem fora criado à imagem e semelhança de Deus, e a mulher só se tornou necessária para lhe fazer companhia. Partindo desse pressuposto, o pai-marido era considerado o representante de Cristo na família e era responsável pelos outros integrantes da família perante Deus e a igreja. Para além das questões religiosas, Teruya (2000) aponta a influência política no poder patriarcal no Brasil colonial. A estrutura colonial não tornava possível a presença de representantes do Estado em todas as colônias, assim, o poder paterno tornava-se útil ao governo: ele seria seu representante na colônia.

Até o século XIX esposas e filhos eram considerados como seres quase do mesmo nível que os escravos (FREYRE, 2004). O modelo de família patriarcal rural e extensa, presente no Brasil até o século XIX, abarcava não apenas pais e filhos legítimos, mas também outros parentes, afilhados, empregados, escravos, concubinas, filhos bastardos (TERUYA,

2000). Nesse cenário a mulher mantinha-se ociosa, não se ocupava de tarefas domésticas nem tampouco de atividades fora da colônia. Apenas dava ordens aos escravos. Algumas faziam doces para agradar os maridos, conversavam com os animais e zelavam pelo bem-estar das crianças. Isso quando sobreviviam ao parto, pois muitas delas não resistiam e nem sequer conheciam seus filhos que, nesses casos, eram criados por outras mulheres, muitas vezes escravas (FREYRE, 2004). O domínio do pai era evidente tanto na casa grande quanto na senzala, que abrigavam a extensa família colonial. Os filhos se referiam aos pais como “senhores” logo que deixavam a primeira infância (TERUYA, 2000). A disciplina e a educação, no entanto, também não eram introduzidas aos filhos por meio dos pais. Eram os professores que, pela via da punição e do castigo corporal, colocavam os limites aos meninos filhos dos senhores. As meninas, por sua vez, permaneciam na casa grande, sujeitas à tirania do pai e, posteriormente, à tirania do marido (FREYRE, 2004).

No que parece ser a mais importante obra sobre a história da construção da família brasileira, “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, não há menção à família escrava negra e sua dinâmica. Trata-se de uma lacuna em nossa história. Uma pena, considerando que vivemos em um país miscigenado e com forte influência cultural afro-descendente. Pode-se deduzir que a família escrava era incorporada à família da casa grande, e os papéis de pai e mãe biológicos não eram discriminados. Ou ainda que o estudo realizado simplesmente ignorou essa constituição familiar, como um reflexo da maneira como eram desvalorizados os escravos. De qualquer maneira são apenas hipóteses, já que não foram localizadas informações sobre essa não exploração da família escrava.

4.2. Transformações e ressignificações: a família contemporânea

A Industrialização que gerou a migração da família do meio rural para o urbano enfraqueceu o poder do pai e fortaleceu o poder do Estado e dos empresários (TERUYA,

2000). Isso porque a estrutura urbana não comportava a estrutura colonial extensa, e o parentesco passou a ser considerado apenas o centro nuclear (pais e filhos, quando muito avós e tios). Além disso, o pai passa a trabalhar fora do ambiente familiar e seu distanciamento físico da mulher e dos filhos deu à mulher uma autoridade e um poder dentro do lar dos quais ela nunca havia se apropriado (FARIA, 2003). Enquanto os filhos estavam sujeitos apenas às ordens da autoridade paterna, a mulher permanecia com um papel secundário, que começou a se transformar a partir do momento em que ela assumiu um papel significativo na família e tornou-se responsável pela socialização dos filhos (BADINTER, 1985). A mulher, aos poucos, foi ocupando um lugar participativo no mercado de trabalho, na produtividade, na educação das crianças, no planejamento familiar (TERUYA, 2000).

No século XX o movimento feminista, na tentativa de promover a igualdade entre os sexos, aumentou ainda mais o poder feminino e causou maiores transformações (ALMEIDA, 2007). Vale ressaltar a colocação de Teruya (2000) de que os processos de enfraquecimento do poder paterno, de fortalecimento da mulher no lar e na sociedade e as transformações sociais e culturais, aconteceram dinâmica e interativamente, pois a instituição familiar não é passiva nem está apenas sujeita a ressonâncias de movimentos externos – ela é parte dessa evolução social.

O código civil brasileiro vigente até o ano de 2002 privilegiava a autoridade do pai em detrimento da autoridade da mãe no que se refere ao poder exercido com relação aos filhos. Segue abaixo a Lei nº 3.071, de 1º. -1-1916, pertencente ao código civil anterior ao que hoje encontra-se vigente no Brasil:

CAPÍTULO VI
DO PÁTRIO PODER
Seção I
Disposições Gerais

Art. 379. Os filhos legítimos, os legitimados, os legalmente reconhecidos e os adotivos estão sujeitos ao pátrio poder, enquanto menores.

Art. 380. Durante o casamento compete o pátrio poder aos pais, exercendo-o o marido com a colaboração da mulher. Na falta ou impedimento de um dos progenitores passará o outro a exercê-lo com exclusividade.

Parágrafo único. Divergindo os progenitores quanto ao exercício do pátrio poder, prevalecerá a decisão do pai, ressalvando à mãe o direito de recorrer ao juiz para solução da divergência.

Admitindo o poder da mulher sobre o lar e sobre a educação dos filhos, o código civil brasileiro em vigência a partir do ano de 2002 até presente data revisa o poder paterno e considera a mãe igualmente responsiva pelos filhos. Segue abaixo um trecho da Lei nº 10.406, de 10 de Janeiro de 2002, do código civil em vigência:

CAPÍTULO V

DO PODER FAMILIAR

Seção I

Disposições Gerais

Art. 1630. Os filhos estão sujeitos ao poder familiar, enquanto menores.

Art. 1631. Durante o casamento e a união estável, compete ao poder familiar aos pais; na falta ou impedimento de um deles, o outro o exercerá com exclusividade.

Parágrafo único. Divergindo os pais quanto ao exercício do poder familiar, é assegurado a qualquer deles recorrer ao juiz para solução do desacordo.

A família contemporânea conta com uma mãe que exerce poder sobre si mesma e sobre seus filhos. Os papéis parentais tradicionais foram ressignificados: não é só mais o pai que manda e, conseqüentemente, também não é mais só a mãe quem cuida. Também não são mais somente os filhos que aprendem e os pais que ensinam, atualmente a recíproca também é considerada verdadeira. Muitos pais reconhecem que têm muito a aprender com os filhos, e muitos filhos têm coisas interessantíssimas a ensinar aos pais, como por exemplo o domínio da tecnologia, que aos filhos da família contemporânea parece ser tão natural, e dos pais

requer quase sempre um grande esforço contínuo. O modelo de família nuclear (heterossexual, monogâmica e procriativa) foi abalado e hoje, apesar de ainda ser o mais encontrado na sociedade brasileira, convive com outras configurações familiares contemporâneas que se constituíram na medida em que foram sendo assimilados pela sociedade a independência da mulher e o poder materno, os direitos dos filhos, o divórcio, a diversidade sexual e a prática da adoção (ZAMBRANO, 2006).

De acordo com Ramires e Souza (2006) o princípio básico da família humana, ligado ao cuidado (o que inclui a nutrição, a proteção e a socialização), pode tanto ser desenvolvido por famílias nucleares como por outras organizações sociais (familiares ou não). As autoras chamam atenção para a necessidade atual de admitir a existência de novas configurações familiares, assumindo o que elas chamam de “diversidade familiar”, para que possam existir estudos que considerem o desenvolvimento dos filhos em família cuja estrutura vai além do modelo patriarcal tradicional.

5. Objetivos

5.1. Objetivo geral

Identificar as imagens da figura paterna em desenhos da família com histórias de crianças do sexo masculino com idades entre 06 e 12 anos, e de indivíduos adultos do sexo masculino com idades entre 20 e 50 anos, estes últimos que tenham passado pela experiência da paternidade de ao menos um menino.

5.2. Objetivos específicos

- Localizar possíveis movimentos de reestruturação das funções simbólicas tradicionalmente relacionadas à figura paterna e/ou averiguar meios pelos quais pais e filhos adaptam-se às novas configurações familiares;
- Discutir possíveis implicações e ressonâncias das ressignificações da figura paterna no desenvolvimento dos meninos;
- Identificar como estão sendo apresentadas as “imagens da paternidade” por pais e filhos na sociedade atual.

6. Método

6.1. Por uma atitude simbólica

Por definição de Jung (1921/2008), um símbolo é a melhor forma de expressão possível de um conteúdo nem totalmente inconsciente nem totalmente consciente. É considerado vivo quando carregado de energia e permeado de significado, mobilizando o ego. Tem a função de mediar a relação entre a consciência e o inconsciente, já que há no símbolo sempre um lado desconhecido (JACOBI, 1957). O símbolo inaugura o novo na consciência, não apenas lhe apresentando os conteúdos da psique, mas também auxiliando-a em seu movimento prospectivo. A finalidade do símbolo está exatamente na canalização da libido⁸, direcionando-a ao desenvolvimento futuro (SALMAN, 2002).

A qualidade de símbolo é atribuída a uma imagem pela consciência daquele a contempla (JUNG, 1921/2008). O processamento simbólico do material projetivo produzido para os fins de uma pesquisa é proposto por Penna (2009) como um recurso metodológico junguiano. Jung (1921/2008) confere à *atitude simbólica* da consciência do observador a caracterização de uma imagem ou fenômeno como símbolo. O pensamento simbólico é permeado por associações, comparações e analogias (Penna, 2005). Cabe ao pesquisador o olhar atento ao conteúdo expresso pelo símbolo, sua face oculta, seus significados. Os desenhos e as histórias produzidos pelos colaboradores desse estudo são, portanto, considerados símbolos dessa pesquisa.

6.2. Recursos expressivos em psicologia analítica

⁸ A psicologia analítica de C. G. Jung conceitua libido como energia psíquica (YOUNG-EISENDRATH & DAWSON, 2002) e difere-se do conceito de libido da psicanálise no sentido não considerá-la exclusivamente sexual, abrangendo necessidades físicas e estados emocionais (JUNG, 1913/2008).

Jung (1909/1995) desenvolveu o conceito de complexo a partir de estudos experimentais, que visavam observar as reações dos indivíduos a certas palavras selecionadas, valendo-se de testes de associação de palavras. Sobretudo o tempo de reação, mas também os batimentos cardíacos, a sudorese, o enrubescimento, o gaguejar, respostas em língua estrangeira, a intensidade da corrente galvânica na pele, entre outros, eram medidos. Eram observadas reações verbais e não verbais às palavras-estímulo. Jung postulou que os incômodos, as mudanças de comportamento, as verbalizações atípicas e outras alterações percebidas eram um sinal de que núcleos afetivos carregados de energia estavam sendo tocados.

Esse estudo de natureza experimental foi, sem dúvida, imprescindível para elaboração da teoria dos complexos, que posteriormente foi enriquecida com os conceitos de arquétipo e símbolo. Contudo, posteriormente Jung (1964/2002) abandonou os testes de associação de palavras como recurso facilitador de acesso aos complexos. Não porque o desprezasse, mas porque a experiência clínica fez com que Jung percebesse que os complexos poderiam ser acessados de outras maneiras, seja por meio do método analítico de livre associação, a partir de um relato onírico ou ainda por meio de meditações e orações. Os recursos expressivos passaram a ser considerados como facilitadores da possibilidade de manifestação dos complexos. As manifestações artísticas, os sonhos e outros canais de expressão ganharam então um lugar de grande importância no método junguiano, considerando que as produções imagéticas dos indivíduos podem ser entendidas como vias de acesso ao inconsciente (FURTH, 2004). Conforme salienta Silveira (1992), a imagem produzida pelo paciente é energia psíquica traduzida em uma linguagem diferente da racional, e por isso muitas vezes causa estranhamento e dificuldade de compreensão imediata. Ao pedir que seus pacientes pintassem, Jung não se preocupava com questões estéticas, mas com o ato de dar forma aos conteúdos internos e produzir imagens repletas de libido.

Os desenhos vêm sendo utilizados como recurso expressivo gráfico, tanto clinicamente como no campo da pesquisa em psicologia. Vale ressaltar que profissionais de diversas linhas teóricas utilizam clinicamente o desenho identificando nele a manifestação de conteúdos inconscientes. No meio acadêmico, é possível destacar algumas pesquisas realizadas considerando os desenhos, bem como as associações a eles, como expressando imagens facilitadoras da aproximação do pesquisador com o conteúdo intrapsíquico dos sujeitos (CARIOLA, 2006; FELIPE, 1997; RAMIRES, 2004; SOUZA, 1998).

Jung (1958/1971) aponta a possibilidade de confrontarmos o inconsciente a partir de manifestações criativas. Podemos pensar nestas manifestações como o desenho, a pintura, a modelagem, a dança. A idéia principal de dar vazão aos conteúdos inconscientes por meio dos recursos expressivos está calcada na noção de interação: a partir do momento em que um conteúdo inconsciente toma uma forma e é externalizado, configura-se como um símbolo, e é possível uma aproximação entre a consciência e o inconsciente. Penna (2007) atenta para uma das propostas fundamentais da psicologia enquanto ciência: conhecer o inconsciente, ou, como prefiro dizer, aproximar-se conscientemente dele e relacionar-se com ele (seja pela via do “conhecimento”, que me sugere algo racional, ou não).

Os recursos expressivos são meios pelos quais analistas e pesquisadores junguianos, seguindo a trilha deixada pelo próprio Jung, procuram identificar e provocar o diálogo entre a consciência e o inconsciente. É claro que, tanto em situações de pesquisa, quanto nas situações clínicas, não estamos falando apenas da consciência e do inconsciente daquele que produz o material expressivo. Estão em jogo também a consciência e o inconsciente do analista ou pesquisador (JACOBY, 1987). Penna (2007) enfatiza o pioneirismo de Jung ao propor que a subjetividade do pesquisador tornasse parte do objeto de estudo, diante da sua inevitabilidade. A neutralidade não é apenas impossível de existir, mas também não é

almejada. É de relações dialéticas sujeito-objeto e pesquisador-fenômeno que nasce o conhecimento científico.

A coleta de dados em pesquisas cujo referencial teórico é fundado na psicologia analítica freqüentemente é realizada não apenas por meio da linguagem verbal, mas utilizando-se instrumentos projetivos (PENNA, 2005). Segundo a autora, as técnicas expressivas como a dança, a caixa de areia, o desenho, a fantasia e outros, funcionam como mecanismos de apreensão de símbolos. Parisi (2009) expõe seu trabalho com grupos vivenciais, no qual muitas vezes utilizou um mito ou um conto para estimular a produção plástica dos integrantes do grupo. Outras vezes apenas um tema era proposto, para que fosse trabalhado e vivenciado por meio de experiências expressivas.

O presente estudo pretende utilizar a temática da família como estímulo para a expressão por meio do desenho e da história. A palavra “paternidade” especificamente não foi utilizada, para que os colaboradores pudessem ter maior liberdade e espontaneidade na expressão da função paterna e das imagens da paternidade na família contemporânea, sem obrigatoriamente referir-se à figura do pai real. Coletados os dados, o objetivo dessa pesquisa é realizar uma aproximação simbólica ao material, conforme proposto por Penna (2005) como método junguiano de pesquisa.

6.3. Desenhos

Os desenhos são comumente utilizados como recurso expressivo no contexto clínico, institucional e de pesquisa. Diversas variações são utilizadas, desde as mais simples, como um desenho livre, até as mais elaboradas, como testes projetivos validados em pesquisas para a população nacional. As formas de análise também variam bastante, podendo ocorrer em um

processo de aproximação mais livre e qualitativo ou com o apoio de um crivo previamente estabelecido em um referencial mais quantitativo.

No cenário da psicologia no Brasil é possível destacarmos Trinca (1997) como um grande estudioso do desenho da família. Em 1978 ele desenvolveu o procedimento de desenhos de família com estórias⁹, que doravante chamarei de DF-E, assim como o próprio autor o faz. Trata-se de um desdobramento do D-E (desenho- estória), uma técnica que reúne projeção e apercepção temática, pautada no referencial psicanalítico. No procedimento original, o indivíduo é convidado a produzir uma bateria de quatro desenhos seguindo as instruções dadas e, após a confecção do desenho, contar uma história e dar a ele um título. Ao submeter-se ao DF-E, o indivíduo também passa por esse mesmo procedimento, mas a bateria de desenhos é direcionada ao tema da família, conforme instruções a seguir:

- 1) Desenhe uma família qualquer.
- 2) Desenhe uma família que você gostaria de ter.
- 3) Desenhe uma família de alguém que não está bem.
- 4) Desenhe a sua família.

O autor não foi pioneiro na utilização do desenho da família em práticas clínicas e acadêmicas, mas destaca-se por ter produzido material de pesquisa e sistematizado a aplicação do instrumento. O desenho da família é utilizado como recurso terapêutico e diagnóstico desde aproximadamente 1930. Não se sabe ao certo quem desenvolveu a técnica, mas suspeita-se de que sua utilização ocorreu de forma simultânea nas clínicas de diferentes terapeutas e nas universidades de diferentes pesquisadores (LIMA, 1997). Existem outras variações além da proposta por Trinca (1997), como por exemplo o desenho cinético da

⁹ Devido à reforma ortográfica, a palavra “estória” não faz mais parte do vocabulário da Língua Portuguesa. Optou-se por mantê-la no texto ao mencionar a técnica por ser a nomenclatura original do procedimento e fazer sentido à sigla proposta pelo autor.

família (KFD) proposto por Burns & Kaufmann (1970) onde a instrução é: “faça um desenho dos membros da família, incluindo você, fazendo alguma coisa”. Esse procedimento conta com um manual de aplicação, uma grade de pontuação e uma folha de registro. Na década de 70 o desenho da família começou a ser considerado um instrumento projetivo não apenas para crianças, mas também para adultos. (LIMA, 1997). Ainda nessa mesma década, no Brasil, as cores foram introduzidas por Maggi (1970) no procedimento e passaram a ser consideradas elementos significativos na análise do desenho; a instrução passou a ser: “faça o desenho colorido de uma família”. Segundo Lima (1997), as instruções utilizadas anteriormente eram mais simples, algo como “desenhe uma família” ou “desenhe a sua família”.

Esse estudo reconhece a importância do trabalho de Walter Trinca no que se refere aos instrumentos projetivos gráficos no cenário brasileiro, mas optou-se por utilizar a forma mais básica de aplicação do instrumento e um modelo de análise qualitativa simbólica do material considerando o embasamento teórico da psicologia junguiana. Para identificar as “imagens da paternidade” um único desenho seguido de história será analisado, já que a pretensão dessa pesquisa é tomar o material coletado como retratos da família contemporânea de uma maneira geral, e não contemplar estudos de caso de cada colaborador individualmente

6.4. Divulgação

Os colaboradores foram convidados a participar da pesquisa por meio de divulgação digital (mala direta). Houve gravação em áudio da coleta de dados. Deu-se um único encontro com cada participante da pesquisa, de duração aproximada de 1 (uma) hora, realizado em uma sala com adequadas condições de privacidade e silêncio.

6.5. População

A população foi constituída de dois grupos, um de pais e outro de filhos, formados por 10 colaboradores cada um. Vale ressaltar que os grupos são independentes quanto aos indivíduos que os compõem, ou seja, a participação do pai de uma criança no grupo 2 não implicou na participação de seu filho no grupo 1 e vice versa. A proposta de análise está mais calcada na tentativa de investigar aspectos da paternidade em pais e filhos do mundo contemporâneo do que em realizar um estudo de uma ou outra díade pai-filho especificamente, na complexidade da história dos colaboradores. Em um primeiro momento, cada grupo foi analisado isoladamente; posteriormente relacionaram-se e compararam-se os dois grupos.

GRUPO 1 – Filhos

Critérios de inclusão: Sexo masculino, idade entre 06 e 12 anos, termo de consentimento livre e esclarecido (vide anexo 1) assinado em duas vias (uma para os responsáveis dos participantes, e uma para a pesquisadora) pelo pai e/ou responsável, autorizando a participação da criança na pesquisa, e pela pesquisadora.

GRUPO 2 - Pais

Critérios de inclusão: Sexo masculino, idade entre 23 (vinte e três) e 50 (cinquenta) anos, ser pai de ao menos um indivíduo do sexo masculino, termo de consentimento livre e esclarecido (vide anexo 2) assinado em duas vias (uma para o participante e uma para a pesquisadora) pelo colaborador e pela pesquisadora.

6.6. Instrumentos

Para realização dessa pesquisa, no único contato com cada um dos participantes, foram aplicados dois instrumentos: entrevista dirigida e desenho temático da família com história. Ambos foram empregados dentro da perspectiva qualitativa, que pressupõe a criação de um espaço favorável à expressão da subjetividade. A pesquisa qualitativa não se preocupa com princípios e leis nem tampouco tem a intenção de generalização, e a análise qualitativa do material está muito mais pautada na compreensão do que na explicação dos fenômenos observados (MARTINS & BICUDO, 1989). Nesse contexto, o instrumento não tem um fim em si mesmo, mas sim, facilita o processo de comunicação entre pesquisador-sujeito. É essa interação que possibilita uma produção do conhecimento sobre a subjetividade mais fidedigna. (GONZÁLEZ REY, 2005).

Os instrumentos utilizados e as técnicas selecionadas para a realização de uma pesquisa qualitativa tem o objetivo de captar manifestações de fenômenos e, além disso, desvelar sentidos latentes (GRUBITS, S., NORIEGA, J. et al., 2004). A palavra “fenômeno” deriva do termo grego “*fainemenon*” que significa aquilo que se mostra, se manifesta (MARTINS & BICUDO, 1989). Nesse sentido, a análise se dá a partir dos fenômenos (imagens e histórias) que são tidos como símbolos dotados de energia e de expressão do inconsciente.

6.6.1. Entrevista dirigida

Visando garantir que os colaboradores atendessem aos critérios de inclusão, os voluntários que se dispuseram a participar da pesquisa foram submetidos a uma entrevista dirigida, por meio da qual pretendeu-se ainda identificar aspectos familiares relevantes para a discussão acerca das novas configurações familiares (como adoção, separação dos pais, monoparentalidade, homoparentalidade, multiparentalidade, etc.) Tais aspectos não conduziram à exclusão da participação dos sujeitos; pelo contrário, auxiliaram na reflexão

acerca da paternidade enquanto função passível de ser exercida tanto em sua forma tradicional (pelo pai biológico), quanto em outras formas levantadas.

O único critério de exclusão deste estudo foi o desconforto emocional excessivo, que resultaria na interrupção da coleta de dados e o participante receberia atendimento psicológico imediato e/ou seria orientado quanto à possibilidade de encaminhamento aos serviços de atendimento psicológico à comunidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Não houve exclusão de nenhum colaborador que se dispôs a participar da pesquisa.

A entrevista dirigida deste estudo consistiu na busca de resposta às seguintes questões:

- Nome?
- Idade?
- Renda mensal familiar aproximada?
- Escolaridade?
- Quem faz parte da sua família?
- Com quem você mora?

6.6.2. Desenho temático da família com história

Os colaboradores que atenderam aos critérios de inclusão em um dos grupos foram submetidos ao procedimento do desenho temático da família com história. Os participantes foram convidados a produzir um único desenho da família, seguindo a instrução: “Faça o desenho de uma família. Faça do seu jeito”. Para a confecção do desenho, foi disponibilizado o seguinte material: folha de papel sulfite (cor branca, tamanho A4), lápis grafite, borracha e um conjunto de lápis de cor (12 cores). Se solicitada outra folha, o participante era orientado a continuar na mesma.

Logo após a confecção do desenho os participantes receberam a seguinte instrução: “Agora olhe para o desenho que você fez e invente uma história referente a ele. Faça do seu

jeito”. As histórias foram registradas literalmente da forma como foram relatadas, bem como os comentários, as reações e as manifestações diversas provocadas pelo estímulo. Os registros estão disponíveis no capítulo 7.

6.7. Questões éticas

Os colaboradores de ambos os grupos firmaram o seu consentimento livre e esclarecido (anexos 1 e 2) referente à sua participação na pesquisa. No caso do grupo de filhos, por se tratar de indivíduos menores de idade, os responsáveis legais assinaram o termo de consentimento livre esclarecido, autorizando a participação das crianças. A participação foi voluntária e os participantes, bem como seus responsáveis legais, poderiam retirar seu consentimento e deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bastando manifestar o seu desejo ao pesquisador responsável. A identificação dos participantes será mantida sob sigilo absoluto, e as informações concedidas foram utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

6.8. Proposta de análise dos resultados

O modelo de análise seguiu a proposta da pesquisa qualitativa, na qual o sentido é obtido na relação dialética entre o pesquisador e seu objeto de estudo, utilizando como referência a psicologia analítica de Jung e a atitude simbólica proposta por ele (1921/2008). Os dados coletados foram analisados em cada grupo individualmente, e posteriormente foram cruzados, na tentativa de estabelecer relações entre as imagens da paternidade no grupo de filhos e no grupo de pais. Os registros das entrevistas, dos desenhos e das histórias foram analisados por meio da identificação de unidades de sentido (indicadores), a partir das quais serão constituídas categorias que facilitaram a aproximação simbólica, a reflexão teórica e a construção do conhecimento científico conforme sugere González Rey (2005).

Foi utilizada a estrutura dramática dos sonhos, sugerida por Jung (1945/1971) como uma maneira didática de esmiuçar os conteúdos simbólicos dos sonhos a fim de nos aproximarmos do material inconsciente. Apesar de ter sido proposta por Jung como um método de interpretação de sonhos, acredita-se que a estrutura dramática possa ser aplicada em outras narrativas de natureza simbólica. Jung divide didaticamente o enredo onírico em 4 etapas: exposição; desenvolvimento da ação; culminação ou *peripeteia*; e *lysis*, solução ou resultado. Por “exposição” Jung se refere à etapa onde há indicação de lugar, de personagens, de tempo e da situação inicial a partir da qual se desenrola o drama. A etapa do “desenvolvimento” é o momento em que a tensão apresenta, a situação é manifestada. “Culminação ou *peripeteia*” é a etapa em que o conflito é gerado, algo decisivo é trazido à tona, ocorre alguma mudança na situação inicial. O último momento do sonho por vezes é esse, nem sempre o conflito é solucionado. Nos enredos cujo ciclo energético se completa, há a etapa “*lysis*, solução ou resultado”. Segmentar a narrativa nessas etapas é um recurso didático para que se possa analisar o sonho, considerando o movimento da energia psíquica ao se desenvolver o enredo. O fluxo de energia pode fluir livremente ou ser interceptado e permanecer preso num conflito sem solução. Desta maneira, é possível compreender se o conteúdo simbólico está em processo de elaboração ou e há impedimentos para ela.

Tais etapas nortearam a construção das tabelas e sua leitura. Além disso, a metáfora do “mosaico” para descrever a elaboração de pesquisas qualitativas, proposta por Santana & Kovács (2009) passou a servir de inspiração para a análise dos resultados. Imagens e enredos tornaram-se símbolos para essa pesquisa. Os dados foram organizados e uma leitura qualitativa foi realizada, na tentativa de compor uma obra unindo os elementos simbólicos da melhor maneira possível.

7. Resultados: Imagens da paternidade

Os dados serão apresentados em etapas: caracterização da população (em grupos), apresentação dos dados ou material bruto (colaborador por colaborador) e descrição dos desenhos e histórias um a um. Os nomes dos colaboradores, bem como de outros significativos mencionados por eles, foram trocados para garantir o resguardo da identidade daqueles que se propuseram a participar deste estudo. Assim, com o objetivo de preservar a identidade dos colaboradores e de seus familiares, todos os nomes próprios (e eventuais sobrenomes) citados neste estudo são fictícios.

7.1. Caracterização da população

O grupo de filhos compreende 10 colaboradores, frequentadores do Ensino Fundamental (da 1ª à 5ª série), com idades entre 6 e 12 anos e renda familiar entre R\$ 800,00 e R\$ 15.000,00, assim distribuídos:

GRUPO 1 – FILHOS										
	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10
NOME	Gustavo	Vitor	Marcos	Murilo	Elias	José	Leandro	Evandro	Gerson	Jonas
IDADE	11	8	11	7	9	12	6	9	8	11
GRAU DE ESCOLARIDADE	5ª série E. F.	2ª série E. F.	5ª série E. F.	1ª série E. F.	4ª série E. F.	4ª série E. F.	1ª série E. F.	4ª série E. F.	3ª série E. F.	5ª série E. F.
RENDAMENTO FAMILIAR MENSAL (Em moeda corrente: Real)	8.000	800	8.000	15.000	12.000	3.000	4.000	2.000	5.000	5.000

O grupo de pais compreende 10 colaboradores, com idades entre 23 e 50 anos, todos com Ensino Médio completo, alguns com Ensino Superior completo ou incompleto, com renda familiar entre R\$2.000,00 e R\$12.000,00, assim distribuídos:

GRUPO 2 – PAIS										
	C11	C12	C13	C14	C15	C16	C17	C18	C19	C20
NOME	Lucas	Claudio	Bernardo	Anderson	Cesar	Fernando	Jaime	Manuel	Mario	Maurício
IDADE	23	24	42	28	39	50	43	34	40	34
GRAU DE ESCOLARIDADE	E. S. incomp.	E. M. comp.	E. S. incomp.	E. S. incomp. E. T. comp.	E. S. comp.	E. S. incomp.	E. F. comp.	E. M. comp.	E. F. comp.	E. S. comp. / Pós-Grad.
RENDA FAMILIAR MENSAL (Em moeda corrente: Real)	3.000	2.000	4.000	2.500	12.000	3.000	2.000	2.000	5.000	4.000

7.2. Apresentação do material bruto

GRUPO 1 – FILHOS

Colaborador 1

NOME: Gustavo (criança do sexo masculino)

IDADE: 11 anos

ESCOLARIDADE: 5ª série do ensino fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$8.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Pai Marcio, mãe Andressa, irmã Bianca Andrade Soares e outra irmã Ana, avô Marcelo, duas tias, dois primos, uma prima, tia Lurdes.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Com meu pai, minha mãe, minhas duas irmãs, uma prima que vai embora de sexta-feira e meu outro primo.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Eu não sou muito bom em desenhar...” (sic)

“Será que você pode me dar outra folha? Eu errei aqui...” (sic) – Referindo-se às pernas da figura que representa a mãe

HISTÓRIA: “Uma história? Qualquer uma? A mãe e a filha estavam na cozinha, e o pai e o filho estavam jogando bola atrás da casa. O filho se machucou, aí chamaram a ambulância. No hospital tava tudo cheio, não dava para ir para a enfermaria. Colocaram gaze e o médico deu um remédio que não fez efeito. Depois eles voltaram lá, e o médico consertou a receita. Depois de 10 dias eles voltaram, o joelho já estava melhorando, mas ele sofreu outro acidente e teve que enfaixar a perna. O pai e a mãe compraram uma muleta para ele, mas ele não queria andar. Ficou obeso. Depois começou a se exercitar, jogando bola com o pai e indo na academia. Depois ficou mais magro, normal. Só que o médico ainda receitou remédio para a dor na perna, só que esse remédio deu problema. Teve que trocar... aí ele ficou melhor! Depois a família foi toda para fora tirar uma foto no jardim para guardar de lembrança.” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:
Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: Ficou incomodado com o “erro” no desenho da figura da mãe, apagou diversas vezes. A irmã a quem o colaborador se refere como sendo “a outra irmã” é filha do primeiro casamento de sua mãe, ou seja, é sua irmã apenas por parte de mãe.

Colaborador 2

NOME: Vitor (criança do sexo masculino)

IDADE: 8 anos

ESCOLARIDADE: 2ª série do ensino fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$800,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Minha mãe, meu padrasto, minha irmã e meu outro irmão que tá vindo. Minha mãe tá grávida.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Com eles. E tem uma mãe e um filho que são vizinhos, moram no quarto de baixo.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Não sei desenhar” (sic)

HISTÓRIA: *“História? Mas eu não sei... (pausa) Aqui é uma casa, aqui é um pai, uma mãe e um filho, Uma família. Eles tavam indo no mercado. Eles foram, compraram roupas pro filho, comida. O pai e a mãe pagaram. Depois voltaram para a casa. Foi só isso.”* (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: iniciou a história cerca de 7 minutos depois de ouvir a proposta. Se mexeu muito na cadeira, olhava o tempo todo para baixo, parecia estar incomodado. Sua irmã e seu futuro irmão são filhos do atual relacionamento da mãe, enquanto Vitor é filho de um relacionamento anterior.

Colaborador 3

NOME: Marcos

IDADE: 11 anos

ESCOLARIDADE: 5ª série do ensino fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$8.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Minha tia, meu tio, minha avó, meu avô, minha bisa, minha mãe, meu pai, minha irmã e meu primo.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Com a minha bisa, meu avô, minha avó, minha tia e meu primo.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: Nenhum.

HISTÓRIA: *“Uma história? (risos) Era uma vez, uma família que era o Edson, a Carla e o filhinho José e eles moravam em uma casinha lá no sul da Itália, bem pequeninha, bem humilde assim. Era uma família, e eles estavam sem dinheiro porque os pais do José estavam desempregados. Aí o José via a situação deles, assim, e aí o José falou: Eu vou tomar uma*

providência. Vou trabalhar! Aí o José foi, e foi cantar. E ele aprendeu a cantar com um cantor famoso da Itália. E ele ficou muito famoso. Depois, ele deu uma casa super gigante para os pais lá na Espanha e ele foi morar junto com os pais dele .” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: Ao assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, a bisavó do colaborador esclareceu que ela era responsável legal, pois a mãe havia abandonado-o e o pai, ao se casar novamente e ter uma nova filha, mudou-se de casa deixando o filho aos cuidados dos avós e da bisavó.

Colaborador 4

NOME: Murilo (criança do sexo masculino)

IDADE: 7 anos

ESCOLARIDADE: 1ª série do ensino fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$15.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: “Meu pai, minha mãe, eu e minha irmã de 3 anos.”

(sic)

COM QUEM MORA: “Só com a minha família .” (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: Nenhum.

HISTÓRIA: “Uma história? Uma história? Hum... Uma história? Hum... Então... Eu vou fazer assustadora! Era uma vez uma família com 4 pessoas: um pai, uma mãe, um filho e uma irmã. Eles alugaram uma casa e então foram dormir. Quando foram dormir, eles escutaram barulhos. E aí foram ver. E então, quando chegou no outro dia só tinha a mãe, o filho e a filha. E o pai estava pendurado de ponta-cabeça e mortinho! E eles foram dormir na segunda

noite, aí eles escutaram um barulho e a mãe foi ver. No outro dia só ficou o filho e a filha e a mãe tava lá do lado do pai. E aí na terceira noite os dois foram lá e encontraram um cara mascarado. Conseguiram matar o cara, ele que estava fazendo aquilo, e aí eles arrumaram um pai e uma mãe novos e... Foi isso!” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: A avó, ao assinar o termo de consentimento, comentou que, por orientação da escola, Murilo faz acompanhamento psicológico para trabalhar algumas questões ligadas à agressividade.

Colaborador 5

NOME: Elias (criança do sexo masculino)

IDADE: 9 anos

ESCOLARIDADE: 4º ano do Ensino Fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$ 12.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Meu pai, minha mãe, minha tia, meu tio, meu vô, minha vó, minha bisavó, meu bisavô e meus primos”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Minha mãe, meu pai e a minha cachorra.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: “A minha? Se for a minha vai ficar feio... Eu nem sei desenhar cachorro! Vou desenhar uma família qualquer.”

HISTÓRIA: *“Ah, não! Não vou falar... Por que tem que ser eu? Por que você não falou com a Marta (prima)? Eu não sei. Eu não sei inventar nada, eu não consigo. Eu desenhei aqui uma família ué. Eu desenhei aí e só, ué. Se eu ficar aqui para fazer isso eu vou demorar sei lá quanto! Fala com o meu pai, deixa eu ficar pensando... Esse aqui é o pai, essa aqui é a mãe e a outra é a filha. Não ia ser uma mãe, outra mãe e outra mãe, né? Tem um homem e duas*

mulheres. Eles estão se preparando para tirar uma foto, para por no retrato da família.

Assim quando a filha ficar mais velha e os pais morrerem ela vai poder mostrar pros netos.

Um amigo da mãe que vai tirar a foto. É isso aí: uma família com o pai, a mãe e a filha de 9 anos. Eles estão se preparando para tirar uma foto que o amigo da mãe vai tirar para por no álbum, que quando a filha ficar bem velhinha e tiver neto vai mostrar pros netos.” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: Apesar de ter aceitado participar do estudo com entusiasmo, Elias ofereceu resistência à proposta de contar uma história. Questionou o porquê de ter que contá-la e demorou cerca de 5 minutos para iniciar a sua história.

Colaborador 6

NOME: José (criança do sexo masculino)

IDADE: 12 anos

ESCOLARIDADE: 5º ano do Ensino Fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$ 3.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Meu pai, minha mãe, minha tia, ‘meus dois irmão’.”*

(sic)

COM QUEM MORA: *“Com a minha mãe, meu pai, meu irmão e minha tia.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Vou fazer o cabelo vermelho da minha mãe” (sic)

“E meu pai de cabelo arrepiado!” (sic)

HISTÓRIA: *“Não sou muito de escrever... Sei não. Ah! Era um dia que eu fui pra minha avó e meu pai tava todo com o cabelo arrepiado e minha mãe tava toda de vermelho. Aí eu fui lá e ‘se machuquei’. Aí depois eu fiquei deitado, né? Eu me machuquei andando de bicicleta, caí e abriu um buraco na perna! Eu fui pro médico correndo de carro com a minha tia.”* (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: José mostrou preocupação com a possibilidade de precisar escrever a história. Depois de esclarecido que a proposta era apenas fazer um relato verbal da história, ele se tranqüilizou. A mãe espontaneamente comentou que, apesar de ter 12 anos e estar no 5º ano do Ensino Fundamental, José apresenta dificuldades com a leitura e com a escrita. Um de seus irmãos é filho de um relacionamento anterior da mãe, e não reside na mesma casa que a família de José.

Colaborador 7

NOME: Leandro (criança do sexo masculino)

IDADE: 6 anos

ESCOLARIDADE: 2º ano do Ensino Fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$ 4.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: “Minha vó, meu vô, meu pai, minha mãe, minha tia, meu tio” (sic)

COM QUEM MORA: “Meu pai, minha mãe e meu cachorro.” (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: Nenhum.

HISTÓRIA: *“Às vezes eu não tenho histórias... Já sei! Vou desenhar mais um negócio! A família jogando futebol... O filho ganhou o futebol! A mãe e o pai só ganharam uma medalha... E esse é o fim.”* (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA: Antes de ser convidado a contar uma história a respeito do desenho produzido, Leandro havia desenhado apenas os três membros da família. Durante a elaboração da história ele complementou o desenho com o campo (ou quadra), a bola, o troféu e as medalhas.

OBSERVAÇÕES: Leandro expressa felicidade ao contar que o filho ganhou a partida de futebol, abre um sorriso e relata a vitória com animação.

Colaborador 8

NOME: Evandro (criança do sexo masculino)

IDADE: 9 anos

ESCOLARIDADE: 5º ano/ 4ª série do Ensino Fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$ 2.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Minha mãe, meu irmão, minha irmã, meu pai e eu...*

Todo mundo!.” (sic)

COM QUEM MORA: *“Com a minha mãe e com o meu pai.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Posso desenhar minha mãe, meu pai e eu no meio só que na história vou contar só deles e não a minha?” (sic)

“Meu desenho ficou feio, mas é só assim que eu sei desenhar.” (sic)

HISTÓRIA: *“Tá gravando? Eu queria perguntar um negócio... Posso contar uma história contando da profissão que meu pai trabalha? Foi só nisso que eu pensei... Meu pai é muito trabalhador e minha mãe muito organizada. Meu irmão trabalha com meu pai, minha irmã*

ajuda minha mãe no serviço, às vezes trabalha de babá, trabalha em loja atendendo. Só. E eu sou uma criança que gosta muito de brincar e tem bastante amigos. Só, eu não tenho mais idéia.” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: Demonstrou preocupação com o gravador ao fazer seus questionamentos.

Colaborador 9

NOME: Gerson (criança do sexo masculino)

IDADE: 8 anos

ESCOLARIDADE: 3ª série do Ensino Fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$ 5.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Meu avô e minha avó.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Meu pai, minha mãe, meu irmão, minha irmã, meu vô e minha vó, meio tio e minha tia, em primo e uma prima. É que tem a minha casa, embaixo tem a do meu avô, e do lado a da minha tia.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: Nenhum.

HISTÓRIA: *“Tá. Eu sou ruim de decorar! É difícil... Grande ou pequena? É que eu pensei assim: Meu pai tinha chegado do serviço, e aí tava eu, minha irmã e meu irmão em casa. E aí meu pai tinha acabado de receber, aí ele foi lá e pegou a gente, aí a gente saiu, a gente comeu, e aí ‘a gente chegamos’ aqui e aí a gente dormiu em casa.”* (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: Gerson teve a preocupação de se certificar que a história que ele havia imaginado era do tamanho que se esperava com a proposta.

Colaborador 10

NOME: Jonas (criança do sexo masculino)

IDADE: 11 anos

ESCOLARIDADE: 5ª série do Ensino Fundamental

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$ 5.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Meu pai, minha mãe. E meu irmão e minha irmã também.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: Nenhum.

HISTÓRIA: *“Não dá! História? Era uma vez uma família tão feliz... Não dá. Hum... Eles iam passear, iam pra praia. Ia eu, meu pai, minha mãe e meu irmão. A gente ia nadar, todo mundo. Depois de nadar a gente ia voltar para a casa.”* (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: Jonas ofereceu resistência ao ser convidado a contar a história. Ficou cerca de 2 minutos apenas olhando para o desenho antes de iniciá-la.

GRUPO 2 – PAIS**Colaborador 11**

NOME: Lucas (pai de uma criança do sexo masculino de 5 anos e padrasto de uma criança do sexo feminino de 11 anos)

IDADE: 23 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Superior em conclusão – Curso de Letras

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$3.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Eu considero como família eu, minha esposa, meu filho, a filha dela. Mas é porque a gente convive mais. Mas eu tenho meus pais, meus irmãos...”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Moro com a minha esposa e com a filha dela. O meu filho mora com a vó dele. A avó materna dele. Moram o avô, a avó, ele e, se eu não me engano, um tio dele também. A mãe mora em outro lugar. Eu e a mãe dele temos uma relação tranqüila, também, não de muita conversa, mas sem nenhum atrito. Eu tenho livre acesso, o dia e a hora que eu quiser buscar ele, ou ir lá ficar com ele, passear, levar para minha casa, viajar... Sem problemas!”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Uma família? Hum... logo eu que não sou muito bom no desenho!” (sic)

“Não sou nada bom de desenho” (sic)

“Eu vou desenhar um ET aqui. Não é uma família, é um ET!” (sic)

“Família extraterrestre!” (sic)

“Tá parecendo uma saia. Ai não dá, né?” (sic) - Referindo-se às calças do pai e do filho no desenho.

“Não tem cor de pele, então vai laranja! Mas não tem problema, porque nessa família de extraterrestres...” (sic)

“Vou fazer o chão aqui” (sic)

HISTÓRIA: *“Huuuum... inventar uma história? Numa tarde de domingo, num dia muito agradável de sol e céu limpo, com o sol brilhando, eu e minha família resolvemos passear. Fomos até o parque de diversões. Lá nós brincamos no playground, caminhamos na praça, jogamos pãozinho para os patos na água, tomamos sorvete, comemos cachorro-quente,*

jogamos bola, depois sentamos e descansamos um pouco. E passamos o domingo inteiro neste parque se divertindo. E depois, quando o sol já estava se pondo, depois de termos nos divertido muito e passeado bastante, retornamos para a casa, todos nós felizes e alegres! Saímos combinando as roupas. Vimos essas roupas na loja e resolvemos comprar iguais, homens com uma cor de roupa e mulheres com outra. E nesse dia agradável a gente colocou essas roupas iguais para passear. Vou fazer os olhinhos, o narizinho, um sorriso para ficar alegre... Eu sou péssimo desenhista e não sei fazer mãos. Mas nós temos mão, perfeitas! As mulheres com as unhas pintadas e os homens com as unhas cortadas. Agora já ficamos mais bonitinhos. Deixa eu fazer uma cabelinho também. Porque nós não somos carecas! A criança tem cabelo arrepiado, só o pai que é diferente. As meninas tem cabelos compridos, bonitos. É uma família bonita alegre e sorridente. Pronto!” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Coloriu as roupas; fez olhos, nariz e boca nos rostos; desenhou os cabelos.

OBSERVAÇÕES: Houve muita verbalização durante a produção do desenho, e diversas alterações no desenho durante a produção da história.

Colaborador 12

NOME: Claudio (pai de uma criança do sexo masculino de 1 ano E 10 meses)

IDADE: 24 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Médio completo

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$2.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Carlos (filho), Edilaine (esposa). e eu. Tem meu pai também...”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Carlos (filho), Edilaine (esposa) e eu.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Você vai mostrar isso para alguém? Porque se for eu vou caprichar mais...” (sic)

HISTÓRIA: *“Contar uma história? Nossa! Agora você me pegou, heim? A parte criativa...”*

Ah! Eu vou contar já a história, que é a realidade de todo pai que só tem tempo para o trabalho. Que o filho, quando o pai chega em casa, o filho diz: Pai vamos fazer isso? Pai vamos jogar bola? Pai vamos brincar? E o pai nunca tem tempo para tirar 10 ou 20

minutinhos para brincar na rua com o filho. E todo dia só dá a desculpa que está cansado e deixa para outro dia. Ou se o filho chama para jogar vídeo-game o pai diz que não sabe jogar. Ou então o filho chama o pai para jogar damas. No caso, é uma história minha também, né? Meu pai nunca jogou bola comigo, nunca jogou damas, nunca jogou um baralho. E eu acho que ele não foge da realidade de quase toda família. O pai sempre se preocupa mais com o trabalho e nunca tira um tempo para brincar com o filho, né? O filho todo dia insiste, bate na mesma tecla: Pai vamos brincar? E ele tem um vizinho que o pai é diferente. No meu caso aconteceu assim. Eu tinha um vizinho que tinha um pai que tinha 3 filhos e ele jogava bola junto com eles. Eram 2 homens e uma mulher. E ele jogava bola com eles. Eu saía da minha casa e ia lá jogar com eles. Era o maior barato jogar com os filhos e o pai, né? Os filhos jogando lá no meio do pai, uma satisfação maior ainda do que se tivesse só os moleques mesmo, Né? O pai estando presente ali na ação do filho, né? Acho que não tem coisa melhor, né? Assim o filho cresce ao lado do pai. Se desenvolve ao lado do pai. Eu tô contando uma realidade que faz parte da minha história também. Aconteceu isso comigo.”

(sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma

OBSERVAÇÕES: não há.

Colaborador 13

NOME: Bernardo (pai de uma criança do sexo masculino de 4 anos e de um jovem do sexo masculino de 19 anos)

IDADE: 42 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Superior incompleto – Curso de Agronomia

RENDA MENSAL FAMILIAR: R\$4.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Somos eu, minha irmã, minha mãe, meus filhos, os filhos dela, minha esposa e o esposo da minha irmã.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Eu, minha atual esposa e meu filho mais novo.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: Nenhum.

HISTÓRIA: *“Uma história? O papai ele tinha um filho grande. E ele conheceu uma mamãe nova e teve um filho pequeno com essa mamãe nova. E eles se dão bem e eles gostam de fazer coisas parecidas. Uma das coisas que eles mais gostam de fazer é conhecer lugares novos, curtir. Tá todo mundo com saúde... E acho que é isso!”* (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma

OBSERVAÇÕES: Não há.

Colaborador 14

NOME: Anderson (Pai de Tadeu de 2 anos e Vinicius de 3 anos. Padrasto de Guilherme de 13 anos. Todas as crianças são do sexo masculino)

IDADE: 28 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Superior incompleto – Curso de Publicidade e Ensino Técnico completo – Curso de Eletrônica

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$2.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: “*Angélica (esposa), Guilherme (enteado), Tadeu e Vinicius (filhos). Se for pensar tem também o Seu João e a Dona Maria (sogros), que convivem muito com a gente porque moram no mesmo lugar.*” (sic)

COM QUEM MORA: “*Com eles.*” (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“*Eu desenho beeem, viu?*” (sic)

HISTÓRIA: *“Uma história? Tá! É... Você disse família e eu automaticamente já lembro da minha, né? Eu, A., minha esposa, o G., o T. e o V., a gente em um parque, passeando. É... Tem a bola para ele brincar, o carrinho... A gente junto em um dia bacana, diferente de hoje, né? Porque aqui tá sol. E hoje tá nublado... E, ah! Juntos, né? Porque no dia-a-dia trabalhando e tudo, às vezes a gente não consegue ficar muito tempo juntos. Não ela com eles, mas no caso eu, né? Mas é isso... Todos nós no parque.” (sic)*

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma

OBSERVAÇÕES: O colaborador não lembrava quantos anos tinha, teve de calcular a partir de seu ano de nascimento.

Colaborador 15

NOME: Cesar (pai de uma criança do sexo masculino de 9 anos)

IDADE: 39 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Superior Completo

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$12.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: “Eu, minha esposa e meu filho.” (sic)

COM QUEM MORA: “Com a minha esposa e meu filho.” (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Eu sou mais moreninho...” (sic)

“Tá parecendo um pato, mas é a cachorra...” (sic)

HISTÓRIA: “Uma história? Tá. Ahn... Bom, a gente tá no campo, a nossa casa que a gente sempre sonhou. Para escutar o pássaro, escutar a água, escutar o cachorro latindo... Sair da violência urbana, ter uma vida tranqüila em um ambiente fantástico para nós, assim, que seria a perfeição da família. Colocar nossa família num ambiente gostoso, de se viver,

prazeroso de se viver. Esse é o contexto. Aqui estamos eu, a Meire, o Elias e a Bia (cachorra). Parece um pato, mas é a Bia. Tem quatro patas, né? Que sempre quando eu deslumbro assim, o que vai ser meu fim, né? Meu fim tem que ser assim. Tem que ser um lugar bonito, com o cachorro latindo, todo mundo feliz, sempre juntinho e tal... E nós! Meio egoísta... Família pra mim sou eu, a Meire e o Elias, né? Mas, é isso. É o que a gente deslumbra, né?" (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma

OBSERVAÇÕES: Não há.

Colaborador 16

NOME: Fernando (pai de uma criança do sexo masculino de 12 anos e de um jovem do sexo masculino de 21 anos. Padrasto de um jovem do sexo masculino mais velho que seus filhos)

IDADE: 50 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Superior incompleto

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$3.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Meus irmãos, minha mãe, meus sobrinhos, meus filhos, meu enteado e os parentes da minha esposa.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Eu, minha esposa Marlene, meus dois filhos, a tia dela e o cachorro.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: Nenhum.

HISTÓRIA: *“Na minha concepção, eu fiz na verdade um desenho da minha família que seria o papai e a mamãe, o pequeno (que seria o José), o Paulo Henrique, que já tem umas idéias mais independentes, o nosso cachorro, que também faz parte pra gente, e o pássaro que a*

gente sempre gostou. Aqui nós estamos graças a Deus em uma grande harmonia, você entendeu? Eu tenho um filho que nos desafia mais, na verdade ele já tem 21 anos, então ele já quer tomar o rumo da vida nele, né? Por isso que é mais assim um desenho dele meio que como um sonho. E tem o pequeno, que a gente sempre tem que ter um cuidado maior, em função da educação, em função do estudo, em função de aceitar o que é possível a gente estar dando para ele. E o animal, porque é a alegria de todos, todo mundo gosta, né? E isso também é bacana... Fazer parte pra gente.” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma

OBSERVAÇÕES: O filho que Fernando diz estar representado como um sonho, foi desenhado mais rapidamente do que os demais integrantes da família, como um esboço.

Colaborador 17

NOME: Jaime (pai de uma criança do sexo masculino de 3 anos, um adolescente do sexo masculino de 14 anos e uma jovem do sexo feminino de 19 anos)

IDADE: 43 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Fundamental completo

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$2.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Eu, minha esposa Regina, meus dois filhos e minha filha.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Com a minha família.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO: Nenhum.

HISTÓRIA: *“Uma história. Vamos lá... Baseado na minha família, é uma família feliz. Graças a Deus, a gente se dá muito bem. Eu, minha esposa e meus filhos. Aqui só tem um desenho, mas são três, né? Graças a Deus a gente tem uma relação muito boa. As nossas jóias raras são nossos filhos, entendeu? É... Tudo que nós temos! Nossa riqueza principal aí são eles, trabalhamos em função deles... É tudo! Tudo na nossa vida! Nossa esperança de vida, que eles tenham um futuro melhor do que a gente, que daqui a pouco eles possam construir uma família melhor do que a minha, do que os pais deles conseguiu. Que Deus abençoe eles e proteja eles, que sigam no caminho do bem, é o que eu desejo pros meus filhos. E é isso! Entendeu?”* (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: Não há.

Colaborador 18

NOME: Manuel (pai de uma criança do sexo masculino de 4 anos)

IDADE: 34 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Médio completo

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$2.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: “*Eu, madalena e Heitor.*” (sic)

COM QUEM MORA: “*Eu, Madalena e Heitor.*” (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“*Aqui tem uma mãe...*”(sic)

“*Deixa eu acabar de fazer, vai? Vou largar mão de preguiça...*” (sic)

HISTÓRIA: “*Inventar uma história? Pra contar ou pra escrever? É uma família que a tardezinha, depois do café da tarde, saiu pra passear. E gosta de brincar com o moleque e o moleque gosta de dormir a noite... Olha que beleza! Deixa o pai e a mãe sozinhos... É uma família feliz. Mas uma história... Eu não sou bom de história. Uma história. Hum... Bom, isso*

daqui é a minha família, né? É o que é a gente! Se for contar um dia então nosso, vai... Um dia nosso! Eu levanto, vou trabalhar. Chego, em um dia normal, a Madalena tá em casa. Nas férias do Heitor ele já chega e já fala oi, já quer brincar, eu já cumprimento a Madalena, entro, brinco um pouco com o Heitor. De vez em quando assisto TV com a Madalena e volto a assistir desenho. Sempre o mesmo! (risos) Mas assisto... Aí brinco de bicicleta a tarde com o Heitor, vou na rua um pouco com ele. De noite ele entra, eu dou banho nele. Aí a noite lá pra umas nove horas eu escovo o dente dele, isso é sagrado. E a Madalena faz ele dormir. Bom, esse é um dia normal nosso. Isso seria normal. Essa é a minha história: um dia normal!” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA: Após feita a proposta de contar uma história, Manuel decide complementar o desenho, que antes só continha rostos, com os corpos dos personagens.

OBSERVAÇÕES: Não há.

Colaborador 19

NOME: Mario (pai de uma criança do sexo masculino de 12 anos, de uma adolescente do sexo feminino de 14 anos e padrasto de uma jovem do sexo feminino de 21 anos)

IDADE: 40 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Fundamental completo

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$5.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Os três filhos, minha mulher, o cachorro, as tartarugas, meu pai, minha mãe e meus irmãos.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Com os três filhos e minha mulher.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Vou desenhar igual as crianças...” (sic)

“Tem que ficar tudo igual, né? Se é uma família tem que ficar tudo igual!” (sic)

HISTÓRIA: *“Ah! Contar uma história? Não sei não... Não sei não, Glaucya. Contar uma história... Não tenho nem idéia, não tenho idéia não. Ah, a mãe, o pai, a filha e o filho. Ele tem uma cara de capetinha ó! Tá vendo? A filha é mais meiga, a mãe e o pai. Só.”* (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma.

OBSERVAÇÕES: Não há.

Colaborador 20

NOME: Maurício (pai de uma criança do sexo masculino de 6 anos)

IDADE: 34 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Superior Completo e Pós-graduação (Psicologia)

RENDAMENTO MENSAL FAMILIAR: R\$4.000,00

QUEM FAZ PARTE DA FAMÍLIA: *“Eu, o Leandro, minha mulher e nosso cachorro.”* (sic)

COM QUEM MORA: *“Todos juntos.”* (sic)

COMENTÁRIOS DURANTE A PRODUÇÃO DO DESENHO:

“Minha mulher ficou maior do que eu! E ela é bem baixinha e ficou mais alta do que eu... O pior é que sou psicólogo! (risos)” (sic)

HISTÓRIA: *“Sobre essa família:? Ah! Uma história... Bom, é uma família que ela começou com muito amor, muita cumplicidade. E ela foi... Logo veio um filho, né? E bagunçou tudo... Bagunçou tudo, mas ao mesmo tempo fez... Arrumou as coisas! Na verdade ele bagunçou pra poder arrumar... E hoje em dia... É uma família que gosta de rir muito, que gosta de... Eu tô*

falando sobre a gente, não to inventando uma história, né? Mas então... Gosta de dar muita risada, gosta de se divertir junto, mas que passou por poucas e boas e se uniu mais nisso. Eu acho que é uma família que aprende a cada dia, e aprende a se amar, a crescer, a aprender um com o outro. É basicamente isso, eu não sei e eu inventei uma história boa.” (sic)

ALTERAÇÕES NO DESENHO DURANTE/APÓS A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA:

Nenhuma

OBSERVAÇÕES: Quando Maurício narrava o trecho de sua história em que o filho veio para bagunçar a família, a coleta de dados foi interrompida pelo próprio filho do colaborador, que bateu na porta da sala perguntando se já havia acabado o tempo que teria que ficar aguardando na sala de espera.

7.3. Descrição dos desenhos e histórias: Entrando em contato com o material

Com o objetivo de começar a entrar em contato com o material produzido pelos colaboradores, procurou-se descrever os desenhos e as histórias revelando os pontos que mais se destacam.

7.3.1. Grupo 1 – Filhos

Colaborador 1

Gustavo desenha uma família composta por pai, mãe, filho e filha. Ao desenhar a figura da mãe percebe que ela estava menor do que a figura do pai, suas pernas não sendo suficientemente grandes para alcançar o chão. Apaga diversas vezes e chegou a solicitar uma nova folha (que não foi fornecida, pois o registro do “erro” é bem vindo à pesquisa). A figura da mãe aparece de mãos dadas com a figura do filho no desenho. Apesar de incluir na resposta à pergunta “Que faz parte da sua família?” uma irmã que chama de “outra”, filha do primeiro casamento da mãe, na atividade projetiva a família que aparece tem apenas dois filhos: um menino e uma menina. Desenha grama no chão, uma casa, nuvens e um sol. Ocupa a folha toda com o desenho. Os integrantes da família estão bem discriminados e é possível identificar quem é quem no desenho. As figuras apresentam tamanhos proporcionais. O desenho é colorido. Gustavo conta uma história onde o filho vive o conflito (doença, machucado, ferida). No início da história, os papéis masculinos e femininos apresentam-se discriminados (a mãe e a filha dedicam-se a uma atividade enquanto o pai e o filho dedicam-se a outra), entretanto, no decorrer da história, pai e mãe parecem exercer funções semelhantes: levam ao filho ao hospital, compram uma muleta para ele. A solução do conflito dá-se depois de algumas tentativas frustradas de cura. “Jogar bola com o pai”, entre outros, é um dos fatores que auxilia na recuperação do filho. Chama a atenção a inclusão da instituição

hospital e da figura do médico na história. Ambos ineficazes, já que o hospital estava muito lotado e não era possível ir para a enfermaria, e o médico receita um remédio que não faz efeito.

Colaborador 2

Vitor desenha uma família composta por pai, filho e mãe. Apesar de estarem todos de braços abertos e mãos que parecem fazer um esforço para alcançar a mão daquele que está ao lado, não há contato entre as figuras. Vitor conta que sua família é composta por sua mãe, seu padrasto, uma irmã e um outro irmão que está a caminho (a mãe está grávida). Contudo, a família representada no desenho tem apenas um filho e o pai está presente. O colaborador desenha uma casa, sol, céu e chão. Todo o espaço do papel é ocupado com o desenho. É possível identificar quem é quem no desenho com facilidade, pois as figuras estão bem discriminadas e os tamanhos são proporcionais. O desenho é colorido. Na história não há conflito, mas o foco está no filho, afinal, as roupas que foram compradas eram para ele. Pai e mãe apresentam mesmo papel (comprar e pagar).

Colaborador 3

Marcos desenha uma família composta por mãe, filho e pai. Não há contato entre os integrantes da família. Apesar de não conviver nem com o seu pai nem com sua mãe, o colaborador retrata uma família nuclear tradicional. Ocupa apenas a parte inferior da folha de sulfite, o desenho é pequeno com relação ao espaço potencial para a elaboração da atividade. O tamanho das figuras é proporcional e elas encontram-se discriminadas. É possível identificar quem é quem no desenho. O conflito da história é vivido pelos pais, que encontram-se desempregados e estão sem dinheiro. A resolução

do conflito é dada pelo filho. A presença do “cantor famoso que ensina José a cantar” chama atenção, é ele quem dá ao personagem a instrumentalização necessária para superar o conflito. O fato da história acontecer no sul da Itália também merece destaque.

Colaborador 4

Murilo desenha uma família composta por pai, mãe, filho e “irmã”. As figuras são muito parecidas, de tamanho semelhante e indiscriminadas. Não é possível identificar quem é quem no desenho. Apenas duas figuras têm contato entre si, mas não é possível identificar quem elas representam. Os dedos das mãos se assemelham a garras. O desenho não possui cores. A história, por definição do próprio colaborador, é assustadora. O conflito é vivido por toda a família, mas os pais fracassam e são assassinados. Os filhos não apenas se salvam, mas também solucionam o conflito, matando “o cara mascarado”. A presença desse personagem assassino chama muita atenção. Os pais são aniquilados e substituídos.

Colaborador 5

Elias desenha uma família composta por pai, mãe e filha. O tamanho das figuras é proporcional e é possível discriminar quem é quem no desenho. Não existe contato entre as figuras. Chama a atenção o fato de Elias ter desenhado uma família cujo filho é do sexo feminino, entretanto, antes de iniciar a produção do desenho ele diz que vai desenhar uma família qualquer, e não a sua, já que não saberia desenhar a cachorra da família. O desenho da família é monocromático. O colaborador atende à proposta de desenhar prontamente, mas se incomoda com a proposta de contar uma história e faz diversos questionamentos, além de ironizar a descrição dos personagens

no início da história. Ambos os pais encontram-se passivos na história. O sujeito da ação é o amigo da mãe, que tira a foto. A filha também aparece como sujeito do futuro, quando ela terá netos e mostrará o retrato para eles.

Colaborador 6

José desenha uma família composta por pai, mãe e filho. O tamanho das figuras é proporcional, mas chama atenção o tamanho da cabeça do pai. É possível identificar quem é quem no desenho. Os personagens estão sobre uma linha de solo. Não existe contato entre as figuras. O desenho é colorido e destacam-se a cor do vestido e dos cabelos da mãe (vermelhos) e a cor da pele do filho e do pai (marrom). Pai e mãe encontram-se de braços abertos, enquanto o filho aparece com a mão na cintura. O pai e a mãe não participam do conflito. O filho sofre um acidente e é socorrido pela tia, que o leva ao médico. O pai está com o cabelo arrepiado e a mãe está toda de vermelho na situação, mas não fazem parte da ação.

Colaborador 7

Leandro desenha uma família composta por pai, mãe e filho. O tamanho da figura do pai destoa do grupo familiar, ele aparece bem mais alto e com a cabeça maior do que a dos outros personagens. É possível identificar quem é quem no desenho, sobretudo se considerarmos o enredo da história e os elementos acrescentados durante a elaboração desta (troféu e medalhas). Além, do troféu e das medalhas, existe uma quadra/campo de futebol, desenhada logo abaixo das figuras. Não existe contato entre as figuras. O desenho é monocromático. O troféu desenhado na mão do filho chama a atenção. O filho ganha o jogo, e ambos os pais ficam apenas

com uma medalha, enquanto o filho recebe um grande troféu. Os pais participam da ação e são igualmente fracassados na tentativa de ganhar a partida.

Colaborador 8

Evandro desenha uma família composta por pai, mãe e filho. O tamanho das figuras é proporcional e é possível identificar quem é quem no desenho. Os integrantes da família estão sobre uma linha de solo. Os membros das figuras chamam a atenção. As mãos têm formas bem arredondadas e possuem apenas 3 dedos cada uma. As pernas são distantes uma da outra, deixando uma lacuna em formato de arco entre as pernas. Nas figuras do filho e do pai, esse vão tem formato arredondado, e na figura da mãe ele tem formato reto. O pescoço das figuras masculinas é fino, enquanto o da figura feminina é grosso. O rosto da figura da mãe é sobreposto ao pescoço. O rosto da figura do filho não possui boca. Não existe contato entre as figuras. O desenho é monocromático. Evandro não inventou uma história, apenas relatou algumas características dos membros da família, incluindo a irmã e o irmão que não foram desenhados. Caracteriza o pai como trabalhador e a mãe como organizada.

Colaborador 9

Gerson desenha uma família composta por mãe, pai, dois filhos e uma filha. As figuras tem, quase todas, a mesma altura, mas o tronco dos filhos é mais estreito do que o dos pais. É possível identificar quem é quem no desenho. O desenho é monocromático. Não existe contato direto entre as figuras, mas é possível observar uma proximidade maior entre o pai e a mãe e os três filhos, sendo que esses últimos estão quase de mão dadas. Os pés do filho da direita chamam atenção, pois o tamanho dos sapatos dele é muito maior do que dos outros integrantes da família. Os olhos dos

filhos não possuem preenchimento. Os do pai possuem, e um dos olhos da mãe possui enquanto o outro não. A mãe não participa da história. O pai leva os filhos para sair e comer, pois acabou de receber seu salário. A história termina em casa, com todos dormindo.

Colaborador 10

Jonas desenha uma família composta por pai, mãe e dois filhos. As figuras tem tamanhos proporcionais e é possível identificar quem é quem no desenho. O desenho é monocromático. Não existe contato entre as figuras e todas elas estão com os braços estendidos ao longo do corpo. As figuras não possuem pés. O filho mais novo apresenta uma mão maior do que a outra. Nota-se uma flor desenhada na blusa da mãe e um crucifixo pendurado no pescoço do pai. O pai e o filho mais velho usam boné. As figuras são desenhadas com detalhes. As ações dos integrantes da família não são discriminadas, todos vão fazer a mesma coisa: passear, nadar, voltar pra casa.

7.3.2. Grupo 2 – Pais

Colaborador 11

O colaborador desenha a sua própria família. Lucas desenha uma família composta por ele mesmo, seu filho, sua esposa e a filha dela. As figuras masculinas e femininas são idênticas entre si, diferenciando-se o pai do filho e a mãe da filha apenas pelo tamanho dos personagens. As cores utilizadas para desenhá-los são iguais, assim como as da mãe e da filha. As figuras não têm contato entre si e não possuem mãos (justificado pelo colaborador como falta de habilidade para desenhá-las). As calças dos homens no desenho se parecem com saias, e o colaborador sinaliza

um incômodo com isso. Existem pássaros, chão e sol no desenho. O espaço da folha de sulfite é ocupado por inteiro. A história é relatada como um dia de lazer em que não há conflito. A identificação entre os pares pai-filho / mãe-filha não apenas foi percebida no desenho como também foi verbalizada na história.

Colaborador 12

Claudio desenha uma família composta por filho, pai e mãe. Com traços simples, as figuras são “palito”. Para diferenciar as figuras, o colaborador escreve em cima de cada qual quem é quem no desenho. Não há contato entre as figuras. Uma casa é incluída no desenho. O colaborador ocupa apenas o lado esquerdo central da folha de sulfite. As figuras são pequenas e o desenho não possui cores. O colaborador conta a história baseado na experiência que teve enquanto filho, dizendo que trata-se de uma história real. O conflito dá-se pela falta de atenção do pai ao filho, que insiste no contato com o pai que não satisfaz esse desejo. O filho então resolve o conflito indo brincar com o pai das crianças vizinhas, que oferece aos filhos a oportunidade de brincar com ele. O colaborador refere-se ao “meio do pai” como um lugar satisfatório.

Colaborador 13

Bernardo desenha uma família composta por um papai, um filho grande, uma mamãe nova e um filho pequeno. A projeção da situação real vivida pelo colaborador fica evidente. O papai, o filho pequeno e a mamãe encontram-se de mãos dadas e no mesmo plano, enquanto o filho grande encontra-se mais ao fundo da página e com os braços abertos, como que em uma tentativa de dar as mãos aos pais também. As figuras encontram-se bem discriminadas e é possível identificar quem é quem no desenho. O tamanho das figuras é proporcional. O desenho não possui cores. O

colaborador ocupa apenas o lado esquerdo da folha de sulfite. A história contada é a vivência pessoal e Lucas, a formação de sua segunda família, e o primeiro filho é incluído. Não parece haver conflito, enfatiza-se as coisas que têm em comum e a saúde.

Colaborador 14

Anderson desenha uma família composta por ele mesmo, sua esposa, o filho dela, e os dois filhos do casal. Assume que desenhou a própria família. As figuras são discriminadas e é possível identificar quem é quem no desenho. O desenho é colorido e o tamanho das figuras é proporcional. O colaborador utiliza todo o espaço da folha de sulfite. Além da família, o desenho contém árvores, uma montanha, nuvem e sol. Um dos filhos do casal carrega um carrinho nas mãos e o outro tem uma bola próxima a seu pé. O colaborador conta uma história de um dia de lazer fantasioso, diferente do cotidiano dele onde a esposa tem tempo para ficar com os filhos, mas ele está quase sempre ausente por conta do trabalho. O dia na história está “bacana”, tem sol, diferente do dia em que ele realizou a atividade projetiva.

Colaborador 15

Cesar desenha uma família composta por pai, mãe, filho e inclui a cachorra. De mãos dadas, a figura do pai está em contato com a da mãe, e esta por sua vez está em contato com a figura do filho. O tamanho das figuras é proporcional, mas é possível perceber que o nível do solo é mais baixo onde encontra-se a figura do filho, caso estivessem todos no mesmo plano as figuras do pai e do filho apareceriam com tamanhos equivalentes. O desenho é colorido, e os rostos da mãe e do filho são amarelos, enquanto o rosto do pai é marrom-alaranjado. O rosto da cachorra, segundo

o colaborador, se assemelha ao de um pato. A família está sobre uma linha de solo e no cenário ainda existem uma árvore frutífera, pássaros, nuvens, sol e uma casa ao longe. Para acessar essa casa, existe uma trilha. A história narra o sonho da família, de morar no campo, longe da violência urbana. Cesar diz que assim que ele imagina que vai ser “o fim dele” (sic). Os personagens encontram-se passivos, exceto a cachorra, que late.

Colaborador 16

Fernando desenha uma família composta por pai, mãe, filho pequeno, filho mais velho, cachorro e pássaro. Todas as figuras estão inclinadas para a direita. O desenho é monocromático. O tamanho das figuras é proporcional e é possível identificar quem é quem no desenho. A figura do filho mais velho é, propositalmente segundo o colaborador, desenhada com menos definição. Nenhuma das figuras possui mãos ou pés. Não existe contato entre as figuras. Fernando relata a harmonia da família e diferencia os dois filhos quanto à idade e aos cuidados dispensados a ambos. Educação e estudo aparecem como funções do colaborador em relação ao filho menor. Os animais aparecem na história como pertencentes à família.

Colaborador 17

Jaime desenha uma família composta por pai, mãe e filho. As figuras tem tamanhos proporcionais e não encontram-se no mesmo plano. As figuras do pai e do filho estão sobre a linha de solo, enquanto a figura da mãe está flutuando. Todas as figuras estão de perfil. O desenho é monocromático. É possível identificar quem é quem no desenho. As figuras do pai e do filho estão com as mãos nos bolsos, e a da mãe encontra-se com os braços prostrados para frente. A mão direita da figura da mãe

está em contato com o braço esquerdo da figura do pai. O semblante dos personagens é triste. Jaime identifica na história a ausência no desenho de dois dos três filhos que possui. Se refere a eles como “jóias raras” (sic). Deposita a esperança de um futuro melhor na figura dos filhos. A função de ambos os pais encontra-se indiferenciada.

Colaborador 18

Manuel desenha uma família composta por pai, mãe e filho. O tamanho das figuras é proporcional e é possível identificar quem é quem no desenho. O desenho é monocromático. Existe não apenas contato, mas fusão entre as figuras. Os braços esquerdo da mãe e direito do pai estão fundidos aos braços do filho. Ambos os outros membros superiores são inexistentes nas figuras dos pais. As figuras estão sobre a linha de solo. Manuel diz que trata-se de uma família feliz, que saiu para passeia e salienta que o filho do casal gosta de dormir a noite e não impede que os pais fiquem sozinhos. Logo em seguida, narra um dia típico de sua rotina, e as funções paternas e maternas encontram-se diferenciadas. O pai trabalha, brinca com o filho, assiste TV com a esposa e com o filho, anda de bicicleta com o filho, dá banho e escova os dentes dele.

Colaborador 19

Mario desenha uma família composta por mãe, pai, filha e filho. O tamanho das figuras é proporcional e é possível identificar quem é quem no desenho. As figuras da mãe e dos filhos estão de mãos dadas, e a do pai, apesar de ter o braço esticado em direção ao braço também esticado da mãe, não apresenta contato físico com as outras figuras. Um dos braços da mãe é mais comprido do que o outro e, por isso, é capaz de alcançar o braço da filha. O desenho é monocromático. Nenhuma das figuras possui

sapatos, e a única figura que tem os dedos do pé desenhados é a figura da filha. O colaborador demonstra preocupação de que os desenhos fiquem semelhantes, pois acredita que sendo uma família, os personagens tem que ser iguais. Mario apenas descreve alguns aspectos do filho e da filha, caracterizando o menino como “capetinha” (sic) e a menina como meiga.

Colaborador 20

Maurício desenha uma família composta por pai, mãe, filho e cachorro. O tamanho das figuras é razoavelmente proporcional, mas o colaborador demonstra surpresa ao perceber que a figura da mãe ficou maior do que a figura do pai. O desenho é monocromático. As figuras estão sobre a linha de solo. As mãos das figuras do pai e do filho aparecem no desenho e são grandes. As mãos da figura da mãe estão para trás. Existe contato entre as figuras da mãe e do filho, os braços parecem se esbarrar. Os olhos da figura do pai estão voltados para a figura do cão. Maurício narra a história da formação da família, que em princípio era composta apenas pelo casal e a chegada do filho “bagunçou para depois arrumar” (sic).

8. Análise dos dados

8.1. Estrutura do desenho e da história

Foram elaborados quadros sinópticos para facilitar a comparação entre o material dos colaboradores do próprio grupo e entre grupos. Conforme mencionado no item 6.8. (proposta de análise dos resultados) a estrutura dramática dos sonhos, proposta por Jung (1945/1971) como um método didático de aproximação e interpretação do material onírico, inspirou a análise de dados dos desenhos e histórias desta pesquisa. Assim sendo, os itens exposição, desenvolvimento da ação, *peripeteia* e *lysis* foram contemplados na organização dos quadros.

8.1.1. Composição da família

O item “Quem considera como família” refere-se à pergunta “Quem faz parte da sua família?” da entrevista dirigida, assim como o item “Com quem mora” refere-se à pergunta “Com quem você mora?”. A *exposição* dos personagens encontra-se nas duas últimas colunas. As figuras representadas no desenho estão mencionadas na ordem em que aparecem na imagem produzida, da esquerda para a direita. Os personagens que são mencionados na história estão relacionados nas tabelas na ordem em que foram citados pelo colaborador na ocasião da elaboração da história.

GRUPO 1 – FILHOS				
Colaborador	Quem considera como “família”	Com quem mora	<i>Exposição:</i> Integrantes da família representados no desenho	<i>Exposição:</i> Personagens mencionados na história
C1. Gustavo	Pai, mãe, irmã, “outra irmã”, avô, duas tias, dois primos, uma prima, tia	Pai, mãe, duas irmãs, prima, primo	Pai, mãe, filho, filha	Mãe, filha, pai, filho, médico
C2. Vitor	Mãe, padrasto, irmã e “irmão que tá vindo”	Mãe, padrasto, irmã e “irmão que tá vindo”	Pai, filho, mãe	Pai, mãe, filho
C3. Marcos	Tia, tio, avô,	Bisavó, avô,	Mãe, filho, pai	Pai, mãe,

	avô, bisavó, mãe, pai, irmã, primo	avó, tia, primo		“filhinho”, “cantor famoso da Itália”
C4. Murilo	Pai, mãe, “eu”, irmã	Pai, mãe, “eu”, irmã	Pai, mãe, filho, filha *	Pai, mãe, filho, irmã, “cara mascarado”
C5. Elias	Pai, mãe, tia, tio, avô, avó, bisavó, bisavô, primos	Mãe, pai, cachorra	Pai, filha, mãe	Pai, mãe, filha, amigo da mãe, netos da filha
C6. José	Pai, mãe, tia, dois irmãos	Mãe, pai, irmão, tia	Filho, mãe, pai	“Eu”, avó, pai, mãe, médico, tia
C7. Leandro	Avó, avô, pai, mãe, tia, tio	Pai, mãe, cachorro	Pai, filho, mãe	Filho, mãe, pai
C8. Evandro	Mãe, irmão, irmã, pai, “eu”	Mãe, pai	Pai, filho, mãe	Pai, mãe, irmão, irmã, “eu”
C9. Gerson	Avô, avó	Pai, mãe, irmão, irmã, avô, avó, tio, tia, primo, prima	Pai, mãe, filho, filha, filho	Pai, “eu”, irmã, irmão
C10. Jonas	Pai, mãe, irmão, irmã	Pai, mãe, irmão, irmã	Pai, mãe, filho, filho	“Eu”, pai, mãe, irmão

*Não é possível identificar quem é quem no desenho, tampouco a ordem em que as figuras aparecem desenhadas

No quadro acima, localizamos uma tendência dos colaboradores a representar no desenho uma família nuclear, composta por pai, mãe e filhos. Alguns personagens não representados no desenho são mencionados na história: médico, “filhinho”, “cantor famoso da Itália”, “cara mascarado”, netos da filha, avó, médico, tia. A maioria dos colaboradores inclui na descrição dos integrantes da sua família outros membros além dos pais e irmãos (primos, tios, avós, bisavós). Ao falar das pessoas com quem mora, dois colaboradores mencionam animais de estimação, além dos familiares.

GRUPO 2 – PAIS				
Colaborador	Quem considera como “família”	Com quem mora	Exposição: Integrantes da família representados no desenho	Exposição: Personagens mencionados na história

C11. Lucas	“Eu”, esposa, “meu filho”, “filha dela”	Esposa, filha da esposa	Filho, pai, mãe, filha	“minha família” (ele mesmo, o filho, a esposa e a filha dela)
C12. Claudio	Filho, esposa, “eu”. E “o pai também”	Filho, esposa, “eu”	Filho, pai, mãe	Pai, filho, pai dos vizinhos, vizinhos
C13. Bernardo	“eu”, irmã, mãe, filhos, filhos da irmã, esposa, esposo da irmã	“Eu”, “esposa atual”, “filho mais novo”	Pai, “filho grande”, “filho pequeno”, mãe	Papai, “filho grande”, ‘mamãe nova’, “filho pequeno”
C14. Anderson	Esposa, filho da esposa, filhos do casal. “Se for pensar tem também os sogros”.	Esposa, filho da esposa, filhos do casal, sogros.	Pai, mãe, três filhos (em ordem de tamanho/ idade)	“Eu”, esposa, filho dela, dois filhos do casal
C15. Cesar	“Eu”, esposa, filho	Esposa, filho	Pai, mãe, filho	“Eu”, esposa, filho, cachorra
C16. Fernando	Irmãos, mãe, sobrinhos, filhos, enteado, parentes da esposa	“Eu”, esposa, dois filhos, tia da esposa, cachorro	Pai, mãe, filho mais novo, filho mais velho	Papai, mamãe, “pequeno” (filho mais novo), filho, cachorro, pássaro
C17. Jaime	“Eu”, esposa, dois filhos, filha	“Eu”, esposa, dois filhos, filha	Mãe, pai, filho	“Eu”, esposa, três filhos
C18. Manuel	“Eu”, esposa, filho	“Eu”, esposa, filho	Mãe, filho, pai	Moleque, pai, mãe
C19. Mario	Três filhos, mulher, cachorro, tartarugas, pai, mãe, irmãos	Três filhos, “mulher”	Pai, mãe, filha, filho	Mãe, pai, filha, filho
C20. Maurício	“Eu”, filho, mulher, cachorro	“Eu”, filho, mulher, cachorro	Filho, mãe, pai, cachorro	“Família”, filho

No quadro acima, localizamos uma tendência dos colaboradores a representar no desenho uma família nuclear, composta por pai, mãe e filhos. Alguns personagens não

representados no desenho são mencionados na história: pai dos vizinhos, vizinhos, cachorra, pássaro.

8.1.2. Aspectos formais

O item “outros elementos” refere-se à inclusão no desenho de qualquer outro item que não sejam os integrantes da família. A presença ou não de cores no desenho está evidenciada no item “uso de cor”, os desenhos foram classificados como “coloridos” e “monocromáticos” (uso exclusivo do lápis grafite). O item “uso da página” refere-se ao espaço da folha de sulfite efetivamente utilizado para o desenho. O item “grau de discriminação” refere-se a facilidade que um observador tenha para identificar quem é quem no desenho e está classificado em: bem discriminado (quando é possível identificar todos as figuras sem nenhuma dúvida), discriminado (quando é possível identificar as figuras, mas existe margem para dúvida em alguma(s) delas), indiscriminado (quando é impossível identificar as figuras) .

GRUPO 1 – FILHOS				
Colaborador	Outros elementos	Uso de cor	Uso da página	Grau de discriminação
C1. Gustavo	Grama (chão), casa, sol, nuvens	Colorido	Aproveitamento total da página (orientação: horizontal)	Discriminado
C2. Vitor	Grama (chão), casa, sol, céu	Colorido	Aproveitamento total da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C3. Marcos	Não há	Monocromático	Aproveitamento do quadrante inferior esquerdo da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C4. Murilo	Não há	Monocromático	Aproveitamento central da página (orientação: horizontal)	Indiscriminado

			horizontal)	
C5. Elias	Não há	Monocromático	Aproveitamento inferior central da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C6. José	Linha de solo	Colorido	Aproveitamento do quadrante inferior esquerdo da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C7. Leandro	Quadra de futebol, bola, medalhas, troféu	Monocromático	Aproveitamento inferior da página (orientação: vertical)	Bem discriminado
C8. Evandro	Linha de solo	Monocromático	Aproveitamento do quadrante inferior direito da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C9. Gerson	Não há	Monocromático	Aproveitamento inferior da página (orientação: horizontal)	Discriminado
C10. Jonas	Não há	Monocromático	Aproveitamento do quadrante inferior esquerdo da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado

No quadro acima, podemos perceber que poucos colaboradores incluem elementos alheios à família no desenho (grama, casa, sol, nuvens, céu, linha de solo, quadra de futebol, bola, medalhas, troféu). Apenas 3 colaboradores utilizam cores, enquanto os outros 7 elaboram desenhos monocromáticos. A maioria dos colaboradores aproveitou o quadrante inferior da página. Apenas um dos colaboradores não apresenta grau de discriminação entre as figuras.

GRUPO 2 – PAIS				
Colaborador	Outros elementos	Uso de cor	Uso da página	Grau de discriminação
C11. Lucas	Grama (chão), sol, pássaros	Colorido	Aproveitamento total da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C12. Claudio	Casa	Monocromático	Aproveitamento do quadrante superior esquerdo da página (orientação: horizontal)	Discriminado (através da escrita)
C13. Bernardo	Não há	Monocromático	Aproveitamento do lado esquerdo da página (orientação: horizontal)	Discriminado
C14. Anderson	Árvores, grama, chão, montanha, nuvem, sol, carrinho, bola	Colorido	Aproveitamento total da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C15. Cesar	Montanha (chão), grama, lago, árvore, nuvens, sol, pássaros, trilha, casa, cachorra	Colorido	Aproveitamento total da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C16. Fernando	Pássaro, cachorro	Monocromático	Aproveitamento central da página (orientação: horizontal)	Discriminado
C17. Jaime	Linha de solo	Monocromático	Aproveitamento do quadrante superior esquerdo da	Discriminado

			página (orientação: vertical)	
C18. Manuel	Linha de solo	Monocromático	Aproveitamento do quadrante inferior esquerdo da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado
C19. Mario	Não há	Monocromático	Aproveitamento do quadrante superior esquerdo da página (orientação: horizontal)	Discriminado
C20. Maurício	Cachorro	Monocromático	Aproveitamento central da página (orientação: horizontal)	Bem discriminado

No quadro acima, podemos perceber que 8 dos colaboradores incluem elementos alheios à família no desenho (grama, chão, linha de solo, sol, pássaro, casa, árvore, montanha, nuvem, carrinho, bola, lago, trilha, cachorro). Apenas 3 colaboradores utilizam cores, enquanto os outros 7 elaboram desenhos monocromáticos. A maioria dos colaboradores aproveitou o quadrante superior esquerdo ou central da página. Todos os colaboradores apresentam grau de discriminação entre as figuras.

8.1.3. História: *desenvolvimento da ação, peripeteia e lysis*

Com o objetivo de comparar as situações-clímax das histórias, que daqui em diante serão denominadas “conflito”, os quadros a seguir foram elaboradas a fim de que seja possível ter um panorama geral das histórias contadas pelos colaboradores. O tema ao redor do qual se desenvolve a ação encontra-se na primeira coluna, a

peripeteia apresenta o conflito vivido pelos personagens da narrativa na segunda coluna, e as colunas seguintes apresentam a *lysis*, ou seja, o resultado ou a resolução do conflito, e o agente da solução.

GRUPO 1 – FILHOS					
Colaborador	<i>Desenvolvimento da ação:</i> Tema	<i>Peripeteia:</i> Conflito	Quem o vive?	<i>Lysis:</i> Há solução?	Quem soluciona?
C1. Gustavo	Cura	Filho machucado	Filho	Sim	Médico
C2. Vitor	Compras	Pagamento das compras	Todos	Sim	Pai e mãe
C3. Marcos	Desemprego	Falta de dinheiro dos pais	Pai e mãe	Sim	Filho
C4. Murilo	Morte	Assassinato em série	Pai e mãe	Sim	Filhos
C5. Elias	Fotografia	Foto a ser tirada para a posteridade	Filha	Sim	Amigo da mãe
C6. José	Acidente	Filho machucado	Filho	Sim	Médico e tia
C7. Leandro	Jogo de futebol	Disputa pela vitória	Todos	Sim	O filho
C8. Evandro	Rotina	Não há	-	-	-
C9. Gerson	Lazer	Não há	-	-	-
C10. Jonas	Lazer	Não há	-	-	-

No quadro acima podemos observar que 3 histórias não apresentam conflito. Os temas abordados nas histórias são variados: cura, compras, desemprego, morte, fotografia, acidente, jogo de futebol, rotina, lazer. Quem vive o conflito nas histórias são os personagens pai, filho, mãe e filha. Todas as histórias em que há conflito, há também solução. Quem soluciona o conflito em 3 das histórias são personagens não desenhados e alheios à estrutura familiar nuclear (médico, amigo da mãe e tia).

GRUPO 2 – PAIS					
Colaborador	<i>Desenvolvimento da ação:</i> Tema	<i>Peripeteia:</i> Conflito	Quem o vive?	<i>Lysis:</i> Há solução?	Quem soluciona?
C11.	Lazer	Não há	-	-	-

Lucas					
C12. Claudio	Carência e frustração	Falta de atenção do pai com o filho	Filho	Sim	O pai do vizinho
C13. Bernardo	Formação de nova família	Não há	-	-	-
C14. Anderson	Lazer	Situação atípica	Pai	Sim	Todos
C15. Cesar	Realização de um sonho	Não há	-	-	-
C16. Fernando	Educação dos filhos	Desafios com relação a cada um dos filhos	Pai e mãe	Não	-
C17. Jaime	Esperança no futuro	Não há	-	-	-
C18. Manuel	Rotina	Não há	-	-	-
C19. Mario	Descrição dos filhos	Não há	-	-	-
C20. Maurício	Chegada do filho	Bagunça	Pai e mãe (é o filho quem causa)	Sim	O filho

No quadro acima podemos observar que a maioria das histórias não apresenta conflito. Os temas abordados nas histórias são variados: lazer, carência e frustração, formação de nova família, realização de um sonho, educação dos filhos, esperança no futuro, rotina, descrição dos filhos e chegada do filho. Quem vive o conflito nas histórias em que ele aparece são o filho, o pai e a mãe. Nem todas histórias em que há conflito, há também solução. Quem soluciona o conflito é o pai do vizinho e o filho, que neste caso é também o causador do conflito.

8.2 Considerações

Foi possível identificar as seguintes unidades de sentido, que indicam categorias de análise: relação de identidade, o pai tradicional, o pai indiferenciado, o pai substituído (ou substituível), o pai contemporâneo (novas configurações), o pai arquetípico.

8.2.1. Relações de identidade

Conforme já abordado em capítulos anteriores, as relações de identidade entre pais e filhos, sobretudo no que se refere a crianças do sexo masculino, são imprescindíveis ao desenvolvimento. Os meninos encontram no pai um modelo de masculino a ser seguido e imitado (enquanto não encontram seu próprio caminho, costumam compartilhar o do pai). Sentem-se protegidos por viver inconscientemente em dois (ou três, incluindo a mãe). Os pais, por sua vez, encontram nos filhos a possibilidade da vivência da fantasia do renascimento e da extensão (JUNG, 1927/2008). Com o desenvolvimento da consciência essas relações de identidade entre a imagem do filho e a imagem do pai vão se dissolvendo, mas sua importância e sua função devem ser consideradas.

Grupo 1 – Filhos

Os desenhos e histórias dos colaboradores 1, 2, 6 e 10 indicam identificação pai-filho. O desenho do colaborador 1 apresenta pai e filho com os mesmo traços físicos e sua história começa da seguinte maneira: *“A mãe e a filha tavam na cozinha, e o pai e o filho tavam jogando bola atrás da casa”* (sic). Atividades “masculinas” e atividades “femininas” aparecem diferenciadas. O filho está de mãos dadas com a mãe no desenho, figura esta que encontra-se entre o filho e o pai, sugerindo uma mediação da relação.

O colaborador 2, apesar de contar uma história em que os papéis do pai e da mãe não são diferenciados, elabora um desenho aponta semelhanças físicas pai-filho evidentes. O filho é representado quase como um “mini-pai”, no sentido de que o desenho é idêntico, porém com proporções de tamanho diferenciadas. As cores das figuras do pai e do filho em ambos os desenhos são diferentes. No desenho do colaborador 1, os homens são representados com cores frias e as mulheres com cores quentes. No do colaborador 2, o pai está roupa de cor fria e a mãe e o filho com roupas de cores quentes. O colaborador 6 evidencia a relação de identidade entre as figuras do filho e do pai por meio das cores. Pai e filho tem o corpo pintado de marrom, enquanto o corpo da mãe não é pintado com nenhuma cor, permanece branco. A diferenciação entre as figuras do pai e do filho dá-se pela proporção de tamanho, pelo cabelo (segundo o colaborador, o cabelo do pai estava “arrepinado”) e também pelas cores – desta vez das roupas, como nos casos dos colaboradores 1 e 2. Apesar de serem ambas de cores frias e sóbrias, elas não são iguais, e diferenciam-se ainda mais da cor que prevalece na imagem da mãe, que é quente e viva (vermelho). A diferenciação de cores e formas nos desenhos pode ser considerada um indicador de movimento de ampliação da consciência, lembrando que é tão importante identificar-se com o pai e viver com ele uma participação mística quanto permitir que essa identificação seja posteriormente dissolvida e deslocada para outras figuras e/ou instituições por meio do processo de desenvolvimento da consciência.

O colaborador 10 desenha um acessório que chama a atenção por repetir-se na imagem do pai e do filho: o boné (com a aba virada para o mesmo lado). A imagem do pai apresenta ainda mais um acessório: uma corrente ao redor do pescoço com um crucifixo. Esportivo e quase sempre associado à juventude, o boné aparece em ambas as figuras, que se diferenciam pelo tamanho.

A relação de identidade no desenho do colaborador 8 chama a atenção por um detalhe sutil: o vão que se forma entre as pernas, por conta de todos os personagens do desenho estarem com elas afastadas. Pai e filho, ao manterem as pernas afastadas, deixam um vão entre elas em linhas retas, formando algo como um quadrado, ou um triângulo. A figura da mãe, por sua vez, apresenta um vão arredondado, como um círculo, ou uma meia-lua. A diferenciação de gênero é, sobretudo, assinalada pelo vão entre as pernas, prevalecendo o foco de atenção para a questão da sexualidade.

Os colaboradores 3, 5, 7 e 9 não parecem estabelecer relações de identidade entre as figuras do pai e do filho em suas atividades projetivas. O desenho do colaborador 4 apresenta todos os elementos da família idênticos. É possível pensar em relações de identidade mais primitivas, onde existe dificuldade em perceber a existência e a diferença do outro. Essa questão será tratada mais adiante, pensando na indiferenciação da figura paterna.

Grupo 2 - Pais

O colaborador 11 elaborou um desenho que evidencia as relações de identidade entre as figuras pai-filho / mãe-filha, lembrando o que Jung apontou (1909/2007) em seus estudos sobre associações de palavras, onde as respostas aos estímulos eram muito mais semelhantes nesses pares. As cores das roupas do pai e do filho e da mãe e da filha são idênticas, bem como seus traços físicos. A história evidencia o uso das roupas iguais como proposital: *“Saímos combinando roupas. Vimos essas roupas na loja e resolvemos comprar iguais, os homens com uma cor de roupa e as mulheres com outra. E nesse dia agradável a gente colocou essas roupas iguais para passear”* (sic). Apesar das semelhanças, o colaborador faz questão de apontar algo que diferencia a figura paterna de alguma maneira: *“Deixa eu fazer o cabelinho também,*

porque nós não somos carecas! A criança tem cabelo arrepiado. Só o pai que é diferente. As meninas tem cabelos compridos, bonitos.” (sic).

O desenho do colaborador 12 é bastante rudimentar, apresenta três figuras (pai, mãe e filho) em formato “palito”, não utiliza cores e nem diferencia as figuras entre si de outra maneira que não seja indicando logo acima de cada uma delas quem é quem no desenho (da esquerda para a direita: filho, pai e mãe). Em sua história ele encontra-se claramente identificado com a figura do filho e não com a do pai: *“No caso, é uma história minha também, né? Meu pai nunca jogou bola comigo, nunca jogou damas, nunca jogou um baralho. E eu acho que ele não foge da realidade de quase toda família. O pai sempre se preocupa mais com o trabalho e nunca tira um tempo para brincar com o filho, né?” (sic).*

No caso do colaborador 13, é possível observar certos traços que indicam relações de identidade com ambos os filhos: tanto com o de 4 anos como com o de 19 anos. A posição dos braços do filho mais velho e do pai são semelhantes, e os traços de rosto e cabelo são semelhantes nas figuras do pai e do filho mais novo.

O colaborador 14 representa os elementos da família como bastante diferenciados uns dos outros, exceto pelas duas crianças de 2 e 3 anos, respectivamente. Os irmãos apresentam semelhanças de traços físicos, cabelos e cores de roupas. Ainda assim, as crianças têm tamanhos diferentes no desenho e cada qual está com o seu brinquedo: *“Tem a bola para ele brincar, o carrinho...” (sic).*

O desenho do colaborador 15, bem como seu comentário “Eu sou mais moreninho” (sic), durante a elaboração deste, evidenciam a relação de identidade entre a figura da mãe e do filho, enquanto a figura do pai diferencia-se pelo tom da pele.

O material do colaborador 16 não apresenta relações de identidade observáveis. A figura do filho mais velho é representada “como um sonho” (sic), por não possuir formas definidas. A imagem é semelhante a um vulto.

Os colaboradores 17 e 20 sugerem essa relação de identidade entre as figuras do pai e do filho pela posição das mãos no desenho. No caso do colaborador 17, as mãos do pai e do filho estão nos bolsos, enquanto os braços da mãe estão abertos e as mãos esticadas. Já a figura da mãe do desenho do colaborador 20 está com os braços para trás, enquanto as mãos do pai e do filho estão estendidas ao longo do corpo. A posição das mãos e dos braços sugere a disponibilidade ou não de contato com o outro.

O colaborador 18 apresenta as figuras do pai e do filho com estruturas corporais semelhantes (diferenciadas pelo tamanho) e igualdade no formato dos cabelos. Ao contar a história, o colaborador 18 fala sobre a sua rotina ,que inclui assistir desenho animado, e neste momento ele diz “Sempre o mesmo! Mas assisto...” (sic) e ri. Apesar de não existir relação de identidade quanto ao gosto pelo desenho animado, o pai parece se esforçar para participar do universo do filho.

O colaborador 19 não caracteriza nem o pai nem a mãe em sua história, fala apenas de uma característica de cada um dos filhos. No desenho, a estrutura corporal de toda família é semelhante, sendo que o que diferencia os homens das mulheres é o cabelo.

Grupos 1 e 2 – Filhos e Pais

Em ambos os grupos, é possível notar uma tendência ao não contato pai-filho. Apenas o colaborador 13 representou o filho mais novo de mãos dadas com o pai e com mãe, em meio aos dois. Em todas as outras imagens não há contato físico entre as figuras do pai e do filho, e mais: as figuras dos colaboradores 1, 11 e 14 sequer têm

mãos, conforme percebeu e justificou o colaborador 11: *“Eu sou péssimo desenhista e não sei fazer mãos. Mas nós temos mão, perfeitas! As mulheres com as unhas pintadas e os homens com as unhas cortadas.”* (sic) . As figuras do colaborador 2 sugerem um esforço para alcançar as mãos um do outro. O colaborador 1 representou mãe e filho de mãos dadas. Os colaboradores 1, 6, 9, 10, 14, 15, 16, 19 e 20 incluíram a figura da mãe entre as figuras do pai e do filho. Dentre esses, os colaboradores 9, 10, 14 e 19 incluíram além da mãe, um ou mais irmãos entre essas duas figuras. A falta de contato é um elemento a ser considerado cuidadosamente, considerando a importância da figura paterna para a referência de masculinidade a que Corneau (1991) nos atenta, indicando que, para que o filho se reconheça na imagem paterna e identifique-se com ela, é preciso aproximar-se do corpo do pai, a fim de explorá-lo e ligar-se a ele. A mediação da relação com o pai, que o autor aponta muitas vezes feita pela mãe, parece ter sido também representada pelos colaboradores ao desenharem a figura da mãe entre as figuras do filho e do pai.

8.2.2. O pai tradicional

O pai tradicional ocupa um lugar de autoridade na família. Comumente é associado ao provedor, ao herói, ao eixo que sustenta a família e que fornece subsídios (financeiros e psicológicos) ao desenvolvimento dos filhos.

Grupo 1 – Filhos

Percebe-se no grupo de filhos que o pai não é colocado com frequência no lugar tradicionalmente reconhecido como paterno e evidenciado na literatura. Apenas os colaboradores 8 e 9 caracterizam os pais das histórias e desenhos como pais que exercem as funções tradicionalmente designadas a eles. O colaborador 8 indica a

função do pai como aquele que trabalha para prover: “Meu pai é muito trabalhador.” (sic). Indica ainda uma outra função considerada como tradicionalmente paterna: a de ensinar o ofício aos filhos, fazendo com que o “legado familiar” seja transmitido através das gerações: “Meu irmão trabalha com o meu pai” (sic). O colaborador 9 conta a história de um pai provedor, que “tinha acabado de receber” (sic) e levou os filhos para passear e comer, e depois retorna para casa. O pai detém o poder (dinheiro) e provê lazer e alimentação aos filhos nessa história.

Os colaboradores 1 e 2 contam histórias de situações em que ambos os pais exercem a mesma função na família. Na primeira história ambos levam o filho ao médico, na segunda história ambos fazem compras no supermercado e pagam a conta. A resolução do conflito não cabe à figura do pai especificamente, ela é apresentada como uma responsabilidade compartilhada.

O colaborador 3 apresenta um conflito que é resolvido pelo filho. É a figura do filho quem “toma as providências”, que se responsabiliza pela família e, inclusive, pelos seus pais: *“Era uma família, e eles estavam sem dinheiro porque os pais do José estavam desempregados. Aí o José via a situação deles, assim, e aí o José falou: Eu vou tomar uma providência. Vou trabalhar! Aí o José foi, e foi cantar. E ele aprendeu a cantar com um cantor famoso da Itália. E ele ficou muito famoso. Depois, ele deu uma casa super gigante para os pais lá na Espanha e ele foi morar junto com os pais dele.”* (sic)

Já o colaborador 4 conta a história de uma família em que ambos os pais (a começar pelo pai) são assassinados. Na história “assustadora” (como caracteriza o próprio colaborador), os heróis são os filhos, e os pais fracassam na luta pela sobrevivência: *“Era uma vez uma família com 4 pessoas: um pai, uma mãe, um filho e uma irmã. Eles alugaram uma casa e então foram dormir. Quando foram dormir, eles*

escutaram barulhos. E aí foram ver. E então, quando chegou no outro dia só tinha a mãe, o filho e a filha. E o pai estava pendurado de ponta-cabeça e mortinho! E eles foram dormir na segunda noite, aí eles escutaram um barulho e a mãe foi ver. No outro dia só ficou o filho e a filha e a mãe tava lá do lado do pai. E aí na terceira noite os dois foram lá e encontraram um cara mascarado. Conseguiram matar o cara, ele que estava fazendo aquilo.” (sic)

O pai do desenho e da história do colaborador 5 não exerce função específica, bem como os dos colaboradores 6 e 10. No caso do colaborador 5, o pai apenas posa para a foto, exatamente como a mãe. Na história do colaborador 6 pai e mãe não exercem ação nenhuma, visto que o filho acidentado é socorrido pela tia e pelo médico. O colaborador 10 conta uma história onde toda a família vai passear e nadar, o pai não exerce nenhuma função que seja exclusiva dele.

O colaborador 7 conta a história de um pai (e de uma mãe) que não conseguem vencer o jogo, quem fica com o troféu da vitória da partida de futebol é o filho. Se o pai fosse tradicionalmente representado, possivelmente teria uma imagem de supremacia sobre os demais, e dificilmente o filho o venceria em uma disputa.

É importante ressaltar que apenas os desenhos dos colaboradores 1, 2 e 6 são coloridos. Pensando na questão da cor como uma manifestação da presença de afeto, seja ele positivo ou negativo, podemos questionar se os filhos encontram alguma dificuldade em entrar em contato com o afeto que envolve a relação pai-filho.

Grupo 2 – Pais

O colaborador 11 conta uma história em que ambos os pais tem o mesmo papel, o de levar os filhos para passear. O colaborador 15 também não diferencia as

funções do pai e da mãe, conta respeito de um sonho de família. Chama a atenção o uso da palavra “deslumbrar” ao invés de “vislumbrar”.

Já o colaborador 12, que se projeta enquanto filho na história, queixa-se de falta de atenção do pai e justifica a ausência do pai e a falta de interesse pelo filho pelo excesso de trabalho: *“Eu vou contar já a história, que é a realidade de todo pai que só tem tempo para o trabalho. Que o filho, quando o pai chega em casa, o filho diz: Pai vamos fazer isso? Pai vamos jogar bola? Pai vamos brincar? E o pai nunca tem tempo para tirar 10 ou 20 minutinhos para brincar na rua com o filho. E todo dia só dá a desculpa que está cansado e deixa para outro dia. Ou se o filho chama para jogar vídeo-game o pai diz que não sabe jogar. Ou então o filho chama o pai para jogar damas. (...) O pai sempre se preocupa mais com o trabalho e nunca tira um tempo para brincar com o filho, né?”* (sic). O colaborador 14, apesar de identificar-se com a figura do pai e não do filho, também apresenta a mesma queixa: *“A gente junto em um dia bacana, diferente de hoje, né? Porque aqui tá sol. E hoje tá nublado... E, ah! Juntos, né? Porque no dia-a-dia trabalhando e tudo, às vezes a gente não consegue ficar muito tempo juntos. Não ela com eles, mas no caso eu, né?”* (sic).

O colaborador 13 aponta um pai que não apresenta essa característica provedora, mas que pode ter sua faceta tradicional que se relaciona com a “linhagem paterna”: a de instaurar a família (nesse caso, uma nova família): *“O papai ele tinha um filho grande. E ele conheceu uma mamãe nova e teve um filho pequeno com essa mamãe nova.”* (sic).

Os colaboradores 16, 17 e 18 representam os pais das histórias e desenhos exercendo funções tradicionalmente paternas. O colaborador 16 enfoca a sua participação na educação dos filhos, principalmente com relação à educação e ao estudo daquele que ele chama de “pequeno” (sic). O colaborador 17 caracteriza os

filhos como “jóias raras”(sic) e enfatiza que tanto o pai como a mãe trabalham em função dos filhos, e depositam neles a esperança de um futuro melhor, ele diz: “nossa esperança de vida” (sic), projetando nos filhos a vida que eles gostariam de ter tido e por algum motivo não foi possível. O colaborador 18 narra o dia típico de uma pai que exerce as funções tradicionalmente paternas sem deixar de exercer algumas funções tradicionalmente maternas: levanta, vai trabalhar, volta para casa, brinca com o filho, assiste televisão com o filho, anda de bicicleta com ele, dá banho no menino, escova os dentes dele. O cuidado com a higiene, por exemplo, é uma função que dificilmente encontramos tradicionalmente relacionada ao pai.

O colaborador 19 não caracteriza o pai e, portanto, não é possível dizer que ele represente um pai tradicional ou não. O colaborador 20 apresenta um pai não-tradicional, que se coloca passivamente diante da “bagunça e arrumação” (sic) que o filho provoca.

É importante ressaltar que apenas os desenhos dos colaboradores 11, 14 e 15 são coloridos. Pensando na questão da cor como uma manifestação da presença de afeto, seja ele positivo ou negativo, podemos questionar se os filhos encontram alguma dificuldade em entrar em contato com o afeto que envolve a relação pai-filho.

Grupos 1 e 2 – Filhos e Pais

Refletindo acerca dos resultados apresentados acima, é possível inferir que alguns pais ainda se encontram mais identificados com a figura do pai tradicional, que provê e que se ausenta da família. Entretanto, a maioria das crianças parece não mais enxergar seus pais como uma figura de autoridade suprema, superior à figura da mãe. Nem tampouco como herói e, muito pelo contrário, há indicadores de que o olhar dos

filhos para os pais contemporâneos coloca-os em um lugar de indivíduos que falham, que nem sempre alcançam o sucesso, que são humanos.

A ausência do uso da cor na maioria dos desenhos, tanto de pais como de filhos, suscita a idéia de que há uma dificuldade mútua em reconhecer e entrar em contato com aspectos ligados à afetividade na relação entre pais e filhos.

Pelo menos no que desenhavam, os pais parecem mais tradicionais e mais idealizadores da figura do pai do que os filhos, que reconhecem e parecem aceitar as falhas e ausências da figura paterna.

8.2.3. O pai indiferenciado

Em alguns dos desenhos, e até mesmo nas histórias, encontramos uma figura paterna indiferenciada. Indiferenciada porque tem os mesmos traços dos outros integrantes da família e não é possível identificar quem é quem, ou indiferenciada porque não exerce papel ou função que lhe seja particular. O pai se encontra, nesses casos, como que dissolvido em meio à família, normalmente exercendo as mesmas funções que a mãe ou que os filhos.

Grupo 1 – Filhos

Os colaboradores 1 e 2 apresentam figuras paternas diferenciadas graficamente, mas indiferenciadas nas histórias. Em ambos os casos, o pai e a mãe têm o mesmo papel: no primeiro caso, de procurar ajuda médica para o filho, no segundo caso, de fazer compras no supermercado. Os verbos são utilizados no plural para se referir aos pais: C1 - *“Depois eles voltaram lá, e o médico consertou a receita. Depois de 10 dias eles voltaram, o joelho já estava melhorando, mas ele sofreu outro acidente e teve que enfaixar a perna. O pai e a mãe compraram uma muleta para ele, mas ele não queria*

andar.” (sic) C2 – “Eles tavam indo no mercado. Eles foram, compraram roupas pro filho, comida. O pai e a mãe pagaram.” (sic)

O colaborador 3 iguala os pais na história no âmbito do fracasso, assim como o colaborador 4 e 7. No primeiro caso, ambos encontram desempregados, e é o filho que precisa buscar uma solução para o problema financeiro familiar. No segundo caso, ambos são vítimas de um assassino mascarado e morrem. O desenho do colaborador 4 apresenta quatro figuras muito semelhantes, não utiliza cores e representa todos os integrantes da família com os mesmos traços, mesma largura, mesma altura. O pai não se encontra apenas indiferenciado da mãe no desenho, mas também de seus filhos. No caso do colaborador 7 a família toda participa de um jogo, mas apenas o filho vence e ambos os pais perdem a partida e *“só ganham uma medalha” (sic)*.

Os colaboradores 5 e 10 apresentam os pais da história diluídos na família. É impossível diferenciar a ação e função do pai das dos outros integrantes da família. No primeiro caso, a família toda está posando para uma foto, e no segundo caso todos vão nadar e passear.

O colaborador 6 discrimina o pai no desenho, verbaliza que o cabelo dele é diferente dos demais, mas a figura do pai não aparece na história. Os personagens são apenas a avó, a tia, o filho e o médico.

Os colaboradores 8 e 9 diferenciam bem as funções do pai das funções do restante da família. O primeiro deles conta a história de um pai que trabalha, e o segundo conta a história de um pai que chega em casa com o dinheiro que acabou de receber e convida os filhos para passear e comer fora.

Grupo 2- Pais

Apesar das relações de identidade evidentes no desenho do colaborador 11, é possível observar diferença de tamanho, que nos auxilia na identificação de quem é quem no desenho. Vale ressaltar que as roupas do pai e do filho são facilmente confundidas com roupas femininas, apesar de serem diferentes das roupas das mulheres do desenho. Na história, não há discriminação da função ou do papel do pai.

O colaborador 12 diferenciou os integrantes da família no desenho nomeando-os, e atribui papel significativo e discriminado ao pai na história. O colaborador 14 discrimina o pai tanto no desenho como na história: *“às vezes a gente não consegue ficar muito tempo juntos. Não ela com eles, mas no caso eu, né?”* (sic). O colaborador 13 diferencia a figura paterna pelo fato de ser ela quem inaugura uma nova família.

O colaborador 15 faz um movimento curioso durante a produção do desenho e da história. Em um primeiro momento ele diferencia a figura do pai pelos seus aspectos físicos *“Eu sou mais moreninho”* (sic). Logo em seguida conta uma história que fala a respeito de um sonho ou projeto familiar, sugerindo a idéia de que viver no campo, na *“casa que a gente sempre sonhou”* (sic), longe da violência urbana, em contato com a natureza, seja compartilhada pela família. Mas então, ele diferencia a figura do pai novamente, discriminando o seu desejo *“que sempre quando eu deslumbro assim, o que vai ser meu fim, né? Meu fim tem que ser assim.”* (sic). Trata-se do “meu” fim, não do “nosso” fim.

Os colaboradores 16, 17 e 20 não diferenciam as funções do pai das da mãe em suas histórias. Os verbos conjugados na primeira pessoa do plural indicam essa indiferenciação. O colaborador 16 diz “Eu tenho um filho que nos desafia mais. (...) E tem o pequeno, que a gente sempre tem que ter um cuidado maior”. O colaborador 17, por sua vez, diz *“As nossas jóias raras são nossos filhos, entendeu? É... Tudo que nós temos! Nossa riqueza principal aí são eles, trabalhamos em função deles...”* (sic). No

caso do colaborador 20, ambos os pais são afetados pela chegada do filho, que, segundo o colaborador, veio para bagunçar de depois arrumar as coisas. Nenhum dos dois age na história.

O colaborador 19 não caracteriza nem o pai nem a mãe na história.

O colaborador 18 é o único que diferencia com clareza as funções do pai na história. Estas estão relacionadas ao trabalho, à brincadeira e à higiene do filho.

Grupos 1 e 2 – Filhos e pais

Em ambos os grupos, é possível perceber que existe pouca diferenciação e discriminação da figura paterna. Os filhos parecem ter dificuldade em reconhecer as funções paterna e materna como diferentes entre si. Apenas dois colaboradores do grupo de filhos fazem essa diferenciação, enquanto no grupo de pais existe uma tentativa maior de discriminação, mas ainda assim cerca de metade dos colaboradores não o fazem. As particularidades do corpo de cada integrante do casal parental são evidenciadas em alguns dos desenhos, mas o exercício da paternidade e da maternidade não se apresenta em suas especificidades; ao contrário, é possível observar o exercício do que Osorio (1996) denomina papel parental: a fusão de ambos, desempenhada por ambos.

8.2.4. O pai substituído (ou substituível)

Nas produções de alguns dos colaboradores é possível identificar elementos que indicam o movimento de substituição de uma figura paterna por outra, normalmente porque a figura paterna apresentada na história não era suficientemente boa e não supria as necessidades da família e/ou dos filhos.

Grupo 1 – Filhos

Os colaboradores 1 e 6 lançam mão da figura do médico para auxiliá-los na recuperação do acidente (no primeiro caso jogando bola com o pai, no segundo caso andando de bicicleta).

O colaborador 4 apresenta uma história em que ambos os pais são assassinados, os filhos sobrevivem e encontram novas figuras que lhe sirvam como pais: *“E aí na terceira noite os dois foram lá e encontraram um cara mascarado. Conseguiram matar o cara, ele que estava fazendo aquilo, e aí eles arrumaram um pai e uma mãe novos e... Foi isso!”*(sic). Ele não explicita como os filhos arrumaram outros pais, parece ter encontrado uma solução mágica para a ausência dos pais.

Já o colaborador 3 não substitui em sua história o pai por outro, mas parece deslocar a função paterna para a figura do filho: *“José falou: Eu vou tomar uma providência. Vou trabalhar! Aí o José foi, e foi cantar. E ele aprendeu a cantar com um cantor famoso da Itália. E ele ficou muito famoso. Depois, ele deu uma casa super gigante para os pais lá na Espanha e ele foi morar junto com os pais dele .”* (sic). Assim como na história do colaborador 7, o herói é o filho, e não o pai. Nesse último caso, a partida de futebol é vencida pelo filho, que deixa o pai (e a mãe) apenas com uma medalha, enquanto o filho leva o troféu.

O tema da história do colaborador 5 é a fotografia que será tirada para a posteridade. Os pais morrerão no futuro e a filha então poderá mostrar a foto deles para os seus netos. Quem aparece na história para fazer esses registros é *“um amigo da mãe”* (sic). A persona da família tradicional aparece imortalizada no retrato. Podemos pensar também na possibilidade dos pais estarem sendo percebidos aqui como uma presença fotográfica apenas. Sem valorização do convívio, da interação, do cuidado,

da identificação e do aprendizado mútuo na relação. Valoriza-se sobretudo a memória, representada pela fotografia.

Grupo 2- Pais

A história do colaborador 12 atenta para o desejo do filho de ter um pai igual ao do vizinho: mais disponível, mais atencioso, mais afetivo. A solução do conflito é aproximar-se da figura paterna que oferece algo que supre a sua necessidade: *“E ele tem um vizinho que o pai é diferente. No meu caso aconteceu assim. Eu tinha um vizinho que tinha um pai que tinha 3 filhos e ele jogava bola junto com eles. Eram 2 homens e uma mulher. E ele jogava bola com eles. Eu saía da minha casa e ia lá jogar com eles. Era o maior barato jogar com os filhos e o pai, né? Os filhos jogando lá no meio do pai, uma satisfação maior ainda do que se tivesse só os moleques mesmo, Né? O pai estando presente ali na ação do filho, né? Acho que não tem coisa melhor, né? Assim o filho cresce ao lado do pai. Se desenvolve ao lado do pai. Eu tô contando uma realidade que faz parte da minha história também. Aconteceu isso comigo.”* (sic).

Grupos 1 e 2 – Filhos e Pais

Nota-se com essa condição de pai substituído (ou substituível) o que Colman e Colman (1995) indicam como consequência de uma frustração da criança em ter um pai comum, humano, sem o caráter heróico que essa figura poderia assumir. Segundo os autores, é comum que as crianças tenham a fantasia de substituir os pais reais por outros alternativos, sobretudo o pai, seja porque se sentem infelizes com a família em que estão inseridas ou simplesmente porque não encontram na figura paterna que lhe é oferecida, de maneira mais imediata, a satisfação de sua necessidade paterna arquetípica. Esse movimento faz parte do processo de humanização do arquétipo do pai.

8.2.5. O pai contemporâneo (novas configurações)

Sabe-se que a família contemporânea com frequência não obedece mais os moldes da família burguesa nuclear: pai, mãe e filhos. Com o advento do divórcio, as famílias se constituem de maneiras diversas, unindo filhos de relacionamentos anteriores e fazendo que com que antigos companheiros permanecem com algum tipo de relação entre si. Padrastos, madrastas, meio-irmãos estão cada vez mais incorporados nas famílias e inauguram o conceito de multiparentalidade. Além disso, a existência de famílias monoparentais está cada vez mais se propagando. Esse tipo de constituição familiar surge ou porque na ocasião do divórcio uma das partes permaneceu com os filhos e se responsabilizou integralmente pela educação e pelo bem-estar destes, ou por abandono, adoção, ou ainda por opção de “produção independente¹⁰”. Existem ainda famílias homoparentais, em que os filhos possuem duas referências masculinas ou duas referências femininas, muitas vezes referindo-se a ambos como pais ou mães. A população deste estudo é constituída de indivíduos pertencentes a famílias contemporâneas, que se inserem nesse quadro de novas configurações.

Grupo 1 – Filhos

No grupo de filhos, o colaborador 4 faz parte de uma família nuclear que inclui apenas pai, mãe e filhos desta união. Em sua história, os filhos encontram novos pais para substituir aqueles que morreram. O colaborador 3, por sua vez, mora com seus avós, sua bisavó, sua tia e seu primo. Foi abandonado pela mãe e o pai, ao se casar novamente, deixou o filho aos cuidados dos avós. O colaborador considera tanto seu pai como sua

¹⁰ Termo coloquial utilizado para referir-se às mulheres que decidem gerar filhos sem a participação de um indivíduo do sexo oposto, normalmente lançando mão do recurso da inseminação artificial.

mãe como parte de sua família. Ao contar a história, ele apresenta personagens de uma família nuclear que possui um conflito financeiro.

O colaborador 1 mora com seus pais e possui duas irmãs, sendo que uma delas é sua irmã apenas por parte de mãe. No desenho, a família representada possui quatro integrantes: pai, mãe, irmão e irmã. O colaborador 10 também exclui a sua irmã do desenho, ele representa apenas a si mesmo, irmão e os pais.

O colaborador 2 mora com seu padrasto, sua mãe (grávida) e sua irmã. A família do desenho e da história é constituída apenas de três integrantes: pai, mãe e filho.

O colaborador 5 faz parte de uma família nuclear, mora com sua mãe e seu pai. Em seu material projetivo, representa uma família semelhante, exceto pelo fato de ao invés de um filho, a família possui uma filha. É possível pensar nessa troca como uma tentativa de distanciamento da projeção.

O colaborador 6 possui dois irmãos, sendo que um deles é seu irmão apenas por parte de mãe. Em seu material projetivo não são desenhados nem mencionados na história irmãos, a família é representada apenas por pai, mãe e filho. O colaborador 8, que possui um irmão e uma irmã e não os desenha, apesar de fazer referência a eles na história.

O colaborador 7 é o único filho do casal e assim representa a família, como um casal que tem apenas um filho, apesar de incluir na resposta à pergunta “quem faz parte da sua família?” os avós e os tios.

O colaborador 9 representa no desenho os 5 integrantes de sua família nuclear (pai, mãe e três filhos), e ao responder a pergunta “com quem você mora?” incluiu além destes, toda a família que não mora na mesma casa, mas compartilha o terreno e, portanto são vizinhos muito próximos: os avós e os tios.

O grupo de pais apresentou maior projeção da situação real vivida no âmbito familiar. Quase todos os colaboradores representaram em seus desenhos uma constituição semelhante à de suas famílias, com exceção de dois deles: o colaborador 17 e o 19.

O colaborador 17, apesar de ter três filhos, representa apenas um deles no desenho. “*Eu, minha esposa e meus filhos. Aqui só tem um desenho, mas são três, né?*” (sic). Já o colaborador 19, que possui dois filhos (um menino e uma menina) e uma enteada (que considera como filha quando questionado a respeito de quem é sua família e com quem mora), desenha uma família composta por somente quatro integrantes: pai, mãe, filho e filha.

O colaborador 11 apresenta no desenho e na história o pai, o filho (dele), a mãe e a filha (dela). Em sua situação real, o colaborador vive com a sua esposa e com a filha dela de um relacionamento anterior. O filho dele mora com os avós maternos.

O colaborador 12, assim como o 15, representa uma família nuclear, com composição idêntica à de sua família: pai, mãe e filho. O colaborador 15 Inclui ainda a cadela.

O colaborador 13 inclui em seu desenho e história seus dois filhos, frutos de relacionamentos diferentes, e sua esposa atual. Ele mora com a esposa e com o filho mais novo, e inclui na descrição dos integrantes de sua família não apenas o filho mais velho, mas também sua mãe e a família de irmã.

O colaborador 14 representa a sua família real, que inclui seus filhos e o filho da esposa de um relacionamento anterior. Ao falar sobre quem faz parte da família, ele inclui também os sogros, e diz que o faz porque eles moram no mesmo lugar.

O colaborador 16 possui dois filhos e um enteado, que não mora com ele e a esposa. No desenho, são representados o pai, a mãe, dois filhos, o cachorro e o pássaro. O enteado não é desenhado, e o filho mais velho “*que desafia*” (sic), é representado por um vulto,

sem formas muito delineadas ou, como definiu o próprio colaborador, “*como um sonho*” (sic).

O colaborador 18 representa um pai com funções paternas tradicionais, mas também inclui nas funções do pai da história algumas atividades que podem ser consideradas como tradicionalmente maternas, como os cuidados com a higiene do filho. A família nuclear é representada com fidedignidade: pai, mãe e filho.

O colaborador 20 representa a família nuclear da qual faz parte: pai, mãe e filho. Inclui ainda o cachorro. Ao se dar conta de que a figura da mãe ficou maior do que a do pai, o colaborador exclama: “*Minha mulher ficou maior do que eu! E ela é bem baixinha e ficou mais alta do que eu... O pior é que sou psicólogo!*” (sic) e ri. É possível que o colaborador tenha interpretado essa diferença entre a proporção real de tamanho entre ele e a sua esposa e a proporção de tamanho das figuras desenhadas como um indicador de poder, do espaço psíquico ocupado na dinâmica familiar.

Grupos 1 e 2 – Pais e Filhos

Pode-se observar retratos das novas configurações familiares por meio dos dados coletados. Entretanto, se olharmos cuidadosamente para o comparativo família representada *versus* família real, podemos questionar se, nas imagens espontâneas quando é solicitado o desenho de uma família, ainda reside o modelo burguês nuclear, a família patriarcal. As exclusões e inclusões de integrantes da família sugerem que o referencial de família parece (ainda) não ter sido alterado, não ter se adaptado às novas maneiras de se vincular que se apresentam na sociedade. A idealização da família aparece contrastando com a realidade experienciada.

8.3.6. O pai arquetípico

Deuses e demônios (e suas variações mais próximas ou mais distantes da fantasia) costumam ocupar o lugar do pai quando o contato com a figura paterna não existe e/ou não satisfaz as necessidades arquetípicas de referência de autoridade, lei, ordem, limite, agressividade, instintividade e tantas outras qualidades paternas que foram apresentadas na introdução e no capítulo 3.

A figura do sol que aquece e queima, que ilumina e forma sombras, que é vital e mortal, é comumente associada ao arquétipo paterno e encontra-se representada em alguns dos desenhos. Além disso, a figura da casa representada em alguns desenhos pode ser entendida como referência de lar, de lugar da família, de proteção e de convívio.

Grupo 1 - Filhos

Os colaboradores 1 e 2 representam o sol e algumas nuvens no canto superior esquerdo de seus desenhos temáticos da família e representam a casa no canto inferior direito e esquerdo, respectivamente. O colaborador 1 apresenta ainda uma figura que pode ser considerada paterna como mais um elemento auxiliador na busca pela cura do filho: o médico. Mas ele, assim como o sistema de saúde (o hospital) é falho, não é eficiente, erra a medicação: *“Só que o médico ainda receitou remédio para a dor na perna, só que esse remédio deu problema. Teve que trocar... aí ele ficou melhor!”* (sic). O médico aparece também na história do colaborador 6, mas nesse caso ele auxilia no processo de cura.

O colaborador 3 apresenta um filho que busca o sucesso e a resolução dos problemas familiares por si só, diante da insuficiência de possibilidades de ambos os pais. José, o filho da história, parece encontrar no cantor famoso da Itália o referencial que precisava para impulsionar o seu desenvolvimento: *“Aí o José via a situação deles, assim, e aí o José falou: Eu vou tomar uma providência. Vou trabalhar! Aí o José foi, e foi cantar. E ele aprendeu a cantar com um cantor famoso da Itália. E ele ficou muito famoso.”* (sic).

O colaborador 4 traz a tona outro personagem interessante: o homem mascarado. O vilão da história enaltece o poder dos heróis (os filhos) e permite que o casal parental seja substituído (sem explicitar como).

Grupo 2 – Pais

Conforme já fora citado, a relação entre o material do grupo de pais e a realidade familiar dos colaboradores é bastante próxima. Os pais dos desenhos e das histórias são humanizados, não apresentam traços de idealização nem de desvalorização extremas. Os colaboradores 11 e 14 representaram no desenho, além da família, o sol no quadrante superior esquerdo. O colaborador 15 representa o cenário do campo, incluindo o sol no canto superior esquerdo e a casa, no quadrante inferior esquerdo.

Os colaboradores 16 e 17 mencionam Deus em suas histórias. Ambos atribuem a Ele o bem-estar de suas famílias. O colaborador 16 diz *“Aqui estamos nós graças a Deus em grande harmonia”* (sic) e o colaborador 17 menciona: *“Graças a Deus a gente se dá muito bem. (...) Graças a Deus a gente tem uma relação muito boa.”* (sic). Esse último ainda faz uma outra referência a Deus, quando fala a respeito do futuro de seus filhos: *“Que Deus abençoe eles e proteja eles.”* (sic).

Grupos 1 e 2 – Filhos e Pais

Corneau (1991) discute, como uma das consequências prováveis da ausência real da figura paterna ou de sua insuficiência na tarefa que Edinger (2004) denomina “personificação do arquétipo”, a configuração da imagem arquetípica do pai em pares de opostos: Deus e o diabo. A necessidade de encontrar alguém que desempenhe o papel do pai é universal e a busca por alguém que personifique esse arquétipo é tão intensa que se a experiência real com a figura paterna não for possível de ser vivenciada, certamente

acontecerá no plano fantástico, repleto de imagens idealizadas e/ou aterrorizantes, que preencherão essa lacuna.

O grupo de filhos, quando não representa a família real, em sua maioria, recorre a elementos distantes da realidade vivida, sujeitos fantásticos (cantor famoso, homem mascarado) que exercem, de alguma maneira, a função paterna arquetípica.

9. Discussão

Discutir dados obtidos por meio de uma pesquisa qualitativa é sempre um grande desafio. O material é vasto e pode ser observado de diversas perspectivas diferentes, e a leitura inevitavelmente implica a consciência e o inconsciente do pesquisador. Santana & Kovács (2009) sugerem, conforme já mencionado no capítulo 6, que consideremos a imagem do artesão que trabalha na construção de um mosaico como uma referência ao trabalho do pesquisador. Cada composição de peças é única e exclusiva, é impossível alcançar o mesmo resultado final mais de uma vez, ainda que o mesmo material seja utilizado. Escolhas, peças, cortes, recortes, rejuntas... Não se trata de um simples quebra-cabeças, cujo resultado esperado é claro e objetivo. É muito mais do que isso: a experimentação de união de fragmentos combinados com o objetivo de desenhar uma imagem inspirada pelos questionamentos e indagações que inquietaram o pesquisador e mobilizaram-no a iniciar a sua obra. Trata-se de uma possibilidade, mas existem inúmeras. Para além da organização proposta pelo autor, cada leitor do texto fruto da pesquisa tem a liberdade de combinar as peças à sua maneira, e produzir novas obras, mental ou materialmente.

Para combinar as peças desse estudo, é importante retomar que o objetivo geral dessa pesquisa é identificar as imagens da figura paterna, produzidas por meio de desenhos da família com histórias de crianças do sexo masculino com idades entre 06 e 12 anos, e de indivíduos adultos do sexo masculino com idades entre 23 e 50 anos, estes últimos que tenham passado pela experiência da paternidade de ao menos um menino. A estrutura dramática, proposta por Jung (1945/1971) como método de interpretação dos sonhos, foi ousadamente utilizada neste estudo com desenhos e histórias como inspiradora do arranjo dos dados, e também com o intuito de favorecer a observação da fluidez da energia psíquica diante do tema disparador “família”. O grupo de filhos apresentou conflitos de diversos temas,

desde problemas financeiros, passando por disputas, machucados, assassinatos e chegando até à questão da finitude da vida (quando em uma história o objetivo da família é tirar uma fotografia para que a filha possa ter uma recordação para mostrar aos seus netos quando seus pais não estiverem mais vivos). Já no grupo de pais, os conflitos variaram entre falta de atenção, desafios na educação dos filhos, formação de uma nova família e bagunça. E muitas das histórias deste último grupo não apresentam conflito. Se observarmos atentamente como se apresentam as soluções dos conflitos, é possível perceber que em ambos os grupos, nunca é o pai quem as faz acontecer. Pelo menos não o pai real; a energia não se concentra na figura paterna. Médicos, amigos da mãe, o pai do vizinho e o próprio filho são responsáveis pela solução dos conflitos.

A proposta de utilizar o esquema da estrutura dramática dos sonhos nos dá uma visão geral da fluidez da energia psíquica. Segundo o modelo proposto por Jung para descrever a estrutura dramática dos sonhos, a energia psíquica se apresentaria na exposição, se concentraria na culminação e se liberaria na lysis. O herói das histórias apresentou-se sempre como outra figura que não o pai. Muitas vezes este se apresenta nas etapas de exposição e desenvolvimento da ação. Entretanto, com frequência não atua na peripécia nem na lysis. A imagem da paternidade parece estar “apagada”, como se o brilho e a numinosidade que Jung (1909/2007) afirma que o pai incorpora ao encarnar o arquétipo paterno estivessem pouco evidentes nos desenhos de família dos colaboradores. Nota-se que no grupo de filhos, a maioria das histórias apresentam conflitos, e todos os que se são expostos são também solucionados de alguma maneira, há liberação de energia. Entretanto, no grupo de pais, são poucas as histórias que apresentam conflito, a energia parece não fluir acerca do tema da paternidade. Não há conflito? Ou não há condição psicológica de assumir o conflito e elaborá-lo? Fica a questão.

Ao identificar como se expressam as “imagens da paternidade” do inconsciente de pais e filhos na sociedade atual, vale a pena discutir as possíveis implicações e ressonâncias das ressignificações da figura paterna no desenvolvimento dos meninos.

A imagem do pai como referencial e modelo de identidade masculina, conforme Corneau (1991) sugere, é explicitada no material. Entretanto, vale refletir acerca da distância e da ausência de contato entre as figuras do pai e do filho nos desenhos de família produzidos, bem como acerca da figura da mãe, que muitas se encontra entre as figuras do pai e do filho. O autor salienta que para que o filho se identifique com o pai e tenha nele a referência do que é ser homem, é preciso que efetivamente exista a relação pai-filho. O filho que se reconhece no corpo do pai é aquele que tem contato com este. Se a relação acontece apenas intermediada pela mãe, sem contato direto, o viés da relação do casal parental estará implicado e o contato indireto não favorecerá o desenvolvimento da identidade sexual.

Se ampliarmos o olhar do estudo para a sociedade, é possível discutirmos acerca do fenômeno dos “emos”, expressão utilizada para designar uma tribo contemporânea de jovens, que segundo (LAAI, 2009) é marcada pelo gosto musical de canções de cunho poético-romântico com influência do punk rock, e prioriza a expressão das emoções e o visual andrógino. Segundo a autora, os adolescentes pertencentes a esse grupo utilizam a estética corporal (vestimenta, corte de cabelo, maquiagem, tatuagens, acessórios, etc.) como auto-expressão, confrontando a diferenciação sócio-cultural comum entre masculino e feminino. Estudar esse fenômeno social não é o objetivo desta pesquisa, mas é possível realizar apontamentos que sugerem relações e podem, inclusive, inspirar novos estudos. Na prática, nos deparamos com adolescentes que muitas vezes não conseguimos distinguir se são meninos ou meninas. Não se trata de uma discussão a respeito da orientação sexual desses jovens, mas é válido ressaltar que existe uma dificuldade em identificar-se com os universos

feminino ou masculino. Cabe a reflexão da ausência de contato tanto com a figura do pai como com a figura da mãe, que de acordo com a literatura revisada, favoreceriam o desenvolvimento da identidade de gênero.

As figuras arquetípicas do andrógino e do hermafrodita são apontadas por Jung (1946/2007) como distintas entre si. O andrógino apresenta um estado de indiferenciação sexual, enquanto o hermafrodita apresenta um estado em que há clara diferenciação entre os aspectos feminino e masculino, que se encontram, de maneira integrada, em um mesmo indivíduo. O autor sugere que essas figuras, presentes em textos alquímicos, podem ser consideradas símbolos: o hermafrodita seria símbolo de grande diferenciação e desenvolvimento, e o andrógino seria símbolo de um estado inicial, ainda incipiente e indiscriminado. Um ser hermafrodita supostamente representa, portanto, um estado de consciência diferente daquele do andrógino. Fica a questão: Estaria o fenômeno “emo” se apresentando como um sintoma de dificuldade de discriminação e integração sexual na sociedade contemporânea?

A figura paterna é intimamente ligada ao princípio de *logos*, que Jung (1934/2008) aponta como sendo o princípio da razão, dos pensamentos e das palavras. A escassez de influência desse princípio na psique pode implicar na ausência de significado para a vida dos indivíduos. Os consultórios de psicólogos e psiquiatras estão repletos de pacientes que se queixam de vazio existencial, falta de sentido na vida, rebaixamento do nível de energia, depressão. O mergulho nas emoções que inundam a psique sem o princípio organizador é freqüente: sente-se muito, nomeia-se pouco.

Em minha experiência como psicóloga clínica e na troca de informações em estudos de caso dos grupos de supervisão, muitas vezes me deparei com esse conflito que parece se

instaurar entre *eros* e *logos*. Em muitos dos casos, o paciente entra em contato com a angústia, a dor, o incômodo... Mas há uma dificuldade imensa em nomear, tanto por meio de palavras como por imagens. A “presença do vazio” muitas vezes reconhecida, não se torna de fato experimentada na medida em que não recebe nome ou forma, não se materializa. Depressão sem nome, sem forma, sem cor, sem cheiro, sem textura, sem som, sem gosto, é depressão sem possibilidade de cura pelo contato. Cabe ao profissional que acompanha o paciente, exercer então a função paterna de ser um facilitador da busca pelo significado, buscar a imagem ou o símbolo que contém o significado, isto é, que propicia ao ego o encontro com o significado, com o princípio de *logos*.

O pai tradicionalmente associado a uma autoridade não aparece com frequência nos desenhos e histórias dos filhos. O pai temido, porém respeitado, que impõe limites e discrimina, que tem um papel tão fundamental e estruturante no desenvolvimento dos meninos não tem destaque nos desenhos e nas histórias.

Ele parece também não ser enxergado como figura heróica e esplendorosa pelos meninos desse estudo, ao menos no material que eles apresentam. O modelo de identificação pela via da coragem e das habilidades não é enfatizado.

Essa imagem do pai mais humanizado, com defeitos e qualidades, sem o poder de um deus ou o terror de um demônio, por um lado sugere uma relação mais estreita, afetiva e real com a figura paterna, e por outro lado traz à tona o questionamento: Estará esse pai satisfazendo a necessidade arquetípica de alguém que exerça as funções tradicionalmente paternas, como a instauração da lei, da ordem e da disciplina, por exemplo?

Um dos objetivos específicos desta dissertação é localizar possíveis movimentos de reestruturação das funções tradicionalmente relacionadas à figura paterna e/ou averiguar meios pelos quais pais e filhos adaptam-se às novas configurações familiares. A possibilidade de se ter uma relação mais humana, onde o pai é visto como um indivíduo passível de erro, acerto, derrota, vitória, fragilidade e força, pode favorecer a aproximação das figuras do pai e do filho e gerar compreensão mútua e cumplicidade. Além disso, essa humanização do pai pode descentralizar o poder da figura paterna e tornar o exercício da paternidade mais leve e natural, no sentido de que a rigidez do pai tradicional seria dispensável e, quem sabe, o pai poderia também ser um modelo de flexibilidade ao lidar com as diferentes situações.

Contudo, as funções paternas de instauração da lei, da ordem e da disciplina estão sendo exercidas por quem? As imagens do pai indiferenciado e substituído ou substituível aparecem no material. A dificuldade que os meninos e pais apresentaram em diferenciar papéis e funções paternas e maternas nas histórias chama a atenção, bem como a substituição da figura paterna por alguma outra que exerça a função tradicionalmente atribuída ao pai. É impossível identificar onde ao certo se localiza o exercício da paternidade na maioria dos desenhos e histórias. O pai, que se apresenta tão humano e falível, não parece ter traços de herói. Quem é o herói? E o vilão? Personagem secundário, coadjuvante ou mera vítima, o fato é que o pai dificilmente foi mencionado como protagonista nos desenhos e nas histórias. A necessidade arquetípica de alguém que exerça a função paterna aparece à medida que o pai vai sendo substituído nos desenhos e nas histórias.

Se ampliarmos nosso olhar para a sociedade contemporânea, podemos discutir sobre as funções paternas exercidas pela escola e pelos militares na sociedade contemporânea. É comum imaginarmos que, na ausência de uma figura de autoridade que represente a ordem e a lei na primeira instituição a qual um indivíduo pertence – a família, ele a encontrará em outras

instituições as quais irá pertencer – a escola ou a sociedade, por exemplo. Houve um tempo em que a educação das crianças e dos adolescentes, no que se refere aos valores morais e éticos, para além dos estudos acadêmicos e curriculares, era compartilhada entre a família, a escola e a sociedade. O exercício da autoridade era típico tanto da figura do pai, como do professor e do policial. Limites, regras e disciplina eram estabelecidas em consenso, e os indivíduos que não se comportassem de acordo com o código de conduta, eram punidos e sofriam castigos, inclusive físicos. Maus usos e abusos do poder instaurado acabaram por despertar resistência na sociedade que sofreu com a repressão excessiva na ditadura militar, por exemplo. Há também outros fatores, como, por exemplo, a valorização excessiva da infância, que se acentuou na segunda metade do século XX. Surgem então questões: Como enxergar os aspectos positivos da lei e da ordem que a função paterna estabelece em meio a tanto abuso de poder? Como entender e exercer a disciplina como organizadora e não exclusivamente repressora?

O pai contemporâneo parece ter perdido o seu referencial. O modelo tradicional convive com as novas configurações familiares, e ainda não há um novo modo social instaurado consensual de como “ser pai”. Levantou-se a hipótese de que o contato do filho com o universo masculino poderia ser realizado também por meio do *animus* da mãe, assim como o contato do filho com o universo feminino poderia ser realizado por meio da *anima* do pai. Essa possibilidade não foi descartada; Todavia, no material coletado para este estudo, esse movimento de deslocamento de função desconsiderando a limitação do gênero, não foi observado.

Entender a função paterna e a necessidade arquetípica dos indivíduos de terem alguém que lhes sirva como pai é imprescindível para que reconheçamos e valorizemos as funções paternas. Um dos grandes desafios das famílias contemporâneas certamente é caminhar em

direção ao que seria naturalmente o curso do desenvolvimento da consciência: a alteridade. Ser pai sem deixar de assumir atitudes maternas, ser mãe sem deixar de assumir atitudes paternas. Saber quando adotar uma postura matriarcal e quando adotar uma postura patriarcal, alternando-as e conjugando-as com criatividade. Nas famílias homoparentais ou monoparentais conseguir, na ausência do pai, lançar mão dos recursos do animus para introduzir o filho ao princípio de logos. Na ausência da mãe, lançar mão dos recursos da anima para introduzir o filho ao princípio de Eros. O lado sombrio do pai existe e tem de ser considerado. Entretanto, um “não” ao autoritarismo, por exemplo, não significa um “não” à autoridade. Somos carentes de pai em todos os sentidos. Precisamos de ordem, de nomeação, de organização. O perigo é ir de um extremo ao outro com rigidez e perder a função, perder-se na família, perder-se na escola e na sociedade.

Uma questão fundamental diz respeito a como lidar com a imposição e a infração aos limites. A impunidade, que existe em grande medida em nossa sociedade e que implica em que as transgressões aos limites sejam na prática ignoradas, presta um desserviço à estruturação do dinamismo patriarcal, dificultando que ele seja exercido em sua capacidade criativa e fundamental à vida e à convivência, tanto no nível individual quanto social.

A impunidade caminha de mãos dadas com o autoritarismo. Por sua vez, um dinamismo patriarcal bem estruturado e operante permite o exercício da autoridade, da constante busca por uma lei justa e de uma ordem estabelecida e mantida por todos.

A alteridade, que valoriza tanto o dinamismo matriarcal quanto o patriarcal, parece ser, portanto, o dinamismo da consciência predominante desejável no adulto que participa de uma relação pai-filho. Ser um pai que se dispõe a dialogar e promover a reflexão, valorizando a ética da alteridade é um desafio. Trata-se do exercício de relativização, de consideração da

individualidade do outro e do cuidado não só com a sua função estruturante no desenvolvimento do filho, mas também com o seu próprio desenvolvimento. Por sua vez, as crianças necessitam de condições adequadas para estruturar os dinamismos anteriores (matriarcal e patriarcal) para poderem estruturar em si o dinamismo da alteridade, o que se dará sobretudo a partir adolescência. Desta maneira, nossa cultura poderá contar com adultos em alteridade.

A família contemporânea favorece a liberdade de experienciar a paternidade com afeto, proximidade, influência, emoção, etc. Sem amarras e sem a exigência de ser sempre uma referência de disciplina e autoridade, e sem medo de sê-lo quando for preciso. “Brincar de gangorra” é poder estar ora em cima, ora embaixo, sem estagnar em nenhum dos extremos do exercício da parentalidade.

10. Considerações finais

10.1 Sobre o método utilizado

O intuito de utilizar como método a entrevista dirigida e o desenho com história, sem a inclusão de inquérito e sem investigar com afinco a história de vida dos colaboradores ou a dinâmica da família era trabalhar com o material projetivo o mais “puro” possível, isto é, buscar um retrato do inconsciente. Entretanto, na prática, foi possível compreender que se um inquérito tivesse sido introduzido na pesquisa, bem como uma investigação mais profunda sobre a família e o indivíduo, os dados obtidos talvez trouxessem mais riqueza de conteúdo. Os dados acabaram se apresentando como um terreno árido, difícil de ser explorado.

O inconsciente não se manifesta de maneira bruta à consciência, ou, melhor dizendo, esta não é capaz de apreendê-lo diretamente. Conseguimos apenas trabalhar com os símbolos e os complexos, em alguma medida.

A sugestão para futuros estudos com a utilização de desenhos e histórias é incluir ao menos o inquérito, para que o pesquisador possa exercitar a função de facilitador na tentativa de buscar associações e possa chegar a um quadro mais completo.

10.2 Conclusões

A partir da análise e discussão do material, é possível dar acabamento ao mosaico que pretende ser este estudo levantando algumas conclusões, por meio da retomada dos objetivos e das questões norteadoras iniciais da pesquisa.

Uma das inquietações que deu vida a esta dissertação é a possibilidade de haver movimento de reestruturação das funções tradicionalmente relacionadas à figura paterna na sociedade atual. Os dados sugerem que o pai não é mais referência de heroísmo nem

tampouco de autoridade absoluta para os filhos. Menos idealizado, ele se relaciona com o filho de um outro lugar.

Outra inquietação eram as possíveis implicações e ressonâncias desse movimento. Entende-se que os filhos adaptam-se ao novo modelo de pai, buscando suprir sua necessidade arquetípica de ter alguém que exerça algumas funções paternas na fantasia, na cultura ou na própria família. É preciso ter pai. Os filhos identificam-se com os pais reais, mas compreendem suas limitações enquanto indivíduos e buscam referências, idealizadas ou não, em outras figuras paternas para além do pai real.

O método de organização do material com base na estrutura dramática dos sonhos nos permite observar que a energia psíquica não se concentra e libera de maneira marcante quando o tema disparador é a família. O pai nem sempre é enfatizado nos desenhos e nas histórias. E, como observado no capítulo anterior, há histórias sem peripeteia e lysis, isto é, sem conflito e, conseqüentemente, sem solução deste. Cabe aqui a reflexão acerca do método, pois os conflitos não são explicitados com frequência, e questiona-se: Se houvesse sido realizado um aquecimento ao tema anterior ao desenho e à história, acrescido de um inquérito posterior, os conflitos estariam mais presentes? De qualquer maneira, espontaneamente eles não se apresentaram em grande medida, a energia psíquica não passando, na maior parte dos casos, pelo processo de aprisionamento, concentração e posterior liberação, descrito por Jung ao abordar os sonhos.

A imagem do pai real não é sobrecarregada no material coletado. Entende-se que a cultura pode favorecer a busca por lei, ordem, estruturação psíquica, *logos*. Alívio ou desafio? Por um lado, os pais parecem não carregar mais o peso da responsabilidade de ser o modelo de referência absoluto da função paterna, mas fica a responsabilidade para todos nós que compomos a sociedade, de servirmos como tal para as nossas crianças. Fica também a missão da estruturação do dinamismo de alteridade como predominante nas relações parentais.

Uma grande surpresa desta pesquisa foi a maneira como se expressam as imagens da paternidade em pais e filhos. Explico: Embora nos esforcemos para não criarmos paradigmas nem conceitos prévios quando elaboramos um projeto de pesquisa, é inevitável que tenhamos algumas fantasias do que podemos encontrar com a coleta de dados. A minha fantasia era de que os pais pudessem ter mais consciência das novas configurações familiares e dos novos meios de ser pai no mundo, e que os filhos, por sua vez, teriam ainda uma imagem atrelada ao modelo burguês de família, e apresentariam, portanto, imagens de família nucleares e histórias onde o pai atuaria de maneira tradicional. Ao contrário, nos deparamos com crianças que parecem ter consciência da condição limitada e muitas vezes falha de seus pais, e que procuram maneiras de se adaptar a essa situação, buscando outras figuras que possam complementar a necessidade arquetípica das funções paternas estruturantes. Os pais, ainda contaminados com o modelo idealizado de família nuclear, composto por pai, mãe e filhos, parecem reconhecer menos a condição da família contemporânea.

10.3 Amplificação simbólica

Para finalizar este estudo, embora possam existir ainda inúmeras considerações pertinentes ao tema e ao material obtido, reproduzo abaixo o texto “Porque o sol anda devagar.”, apresentado por Donato (2003) em um lindo livro ilustrado da coleção “Lendas Indígenas” da Editora Melhoramentos. Trata-se de uma lenda Karajá¹¹.

“Os carajás dizem ter havido um tempo em que a Terra era um lugar muito escuro e frio. Isso porque não havia luz do sol, da lua, nem das estrelas. Os homens eram obrigados a manter um braseiro dentro de casa. De tempos em tempos, um deles devia sair para o escuro, lá fora no mato, e recolher braçadas de lenha. E no mato de então havia mais perigos do que lenha. Um carajá de nome Cananxiuê morava na casa do pai da sua esposa. O sogro, chefe da tribo, resmungava:

¹¹ Segundo Oliveira (in DONATO, 2003) a tribo Karajá reside às margens do Rio Araguaia, no estado do Tocantins e apresenta resistência cultural, mantendo seus costumes, língua e tradições apesar de ter contato harmonioso com não indígenas.

- Cananxiuê, você que é moço forte, precisa arranjar luz e calor que fiquem o tempo todo lá em cima, no céu, aquecendo e iluminando. É muito aborrecido viver sem essas coisas. Cananxiuê dizia que sim. Mas ia deixando para mais tarde porque o mato era muito escuro, cheio de feras, de espinhos, de mil amolações.

Um dia, o chefe foi ao mato apanhar gravetos. Estava velho e cansado: se já não enxergava bem em casa, muito menos no mato. Escorregou e caiu. Começou a gritar:

- Ô Cananxiuê! Você vai ou não vai arranjar a luz e o calor que tem prometido para a tribo?

Cananxiuê continuava deitado na esteira. Estava muito agradável ali, no interior da oca, junto ao braseiro. Por que ir lá fora, incomodar-se?

Os animais da floresta, ouvindo o sogro gritar de raiva e gemer de dor, e percebendo que Cananxiuê não se mexia, passavam diante da casa a rir e caçoar dele:

- Saia daí, Cananxiuê! Você parece mulher velha e friorenta. Vá buscar o sol. E a lua. E as estrelas. Vá, Cananxiuê, vá.

Cananxiuê cobriu a cabeça e ficou quieto. Não daria ouvidos nem ao sogro nem aos animais. Então, sua mulher achou que era demais para um guerreiro carajá. Descobriu a cabeça do marido e se pôs a imitar os animais:

- Meu marido, você parece velha friorenta, sempre em roda do braseiro, cabeça coberta. Vá cumprir a promessa de trazer luz e calor para a aldeia!

A isso ele teve que dar ouvidos. Saiu para o mundo, não sabendo o que iria encontrar, nem onde procurar luz e calor. Saiu tal como estava, de mãos vazias. Vendo isso o povo resmungou desanimado:

- Não conseguirá vencer coisa alguma. Theuú, o sol, é mais forte do que qualquer coisa; Randô, a lua, tão esperta que ora é grande, ora é metade, às vezes sai no fim da tarde, outras vezes no meio da noite. Tahina, a estrela, pisca um desafio e logo se esconde no escuro. Sim, ele não vai conseguir. Pobre de nós! Tudo continuará ruim como está.

Os animais, pelo meio do mato, seguiam o caçador, caçoando e rindo:

Sem arco, sem flecha, sem lança, sem tacape, sem laço, você, Cananxiuê, não conseguirá vencer nem um punhado de moscas, quanto mais aprisionar o sol, a lua e as estrelas.

Cananxiuê ia quieto, respondendo apenas aos seus pensamentos. Dizia para si mesmo:

“Posso flechar o sol? Não posso. Posso lancear a lua? Não posso. Posso amarrar as estrelas? Não. Então, de que me valeriam as armas dos guerreiros? Vou lutar armado de esperteza.”

Andou, andou, sempre perguntando onde poderia encontrar o sol, a lua, as estrelas. Todos respondiam que os astros estavam bem acima das nuvens, mas que Ranranresá – o feroz urubu-rei – guardava a luz e o calor dos astros só para si e sua tribo de urubus.

- Pois então é ao urubu-rei que tenho que vencer – decidiu o carajá.

Chegou a uma praia do rio Araguaia, larga e comprida. Nessa praia, ele poderia fugir de um perigo ou perseguir um inimigo. Bom lugar para travar combate.

Deitou e avisou aos animais que o haviam seguido:

- Morri.

E ficou como se estivesse morto.

Ranranresá mandou as moscas investigarem o índio deitado. Porém elas não conseguiram que ele movesse um dedo, ou a boca, ou o nariz. Disseram:

- Morreu mesmo.

Vieram os urubus. Voaram em círculos, desconfiados. Desceram e bicaram Cananxiuê. Ele não se mexeu. Nem parecia respirar. Os urubus acreditaram:

- Está morto mesmo. Podem avisar ao rei.

Ranranresá, o urubu-rei, que tomava conta do céu para impedir que lhe tomassem a luz e o calor do sol, apareceu, voou, voou, suspeito. Acabou indo pausar no peito de Cananxiuê. Era o que o carajá esperava. Rápido como uma flecha, agarrou as pernas do urubu-rei. A batalha foi bem feroz. O urubu-rei usou do bico, do poder das asas, do grito que paralisa os medrosos. Tudo inútil. As mãos de Cananxiuê não se abriram. Ranranresá estava prisioneiro.

Os animais do mato e as aves do céu caçoaram muito do prisioneiro. Não podia continuar sendo rei. Não podia mais ser o dono do sol, da lua, das estrelas. Prisioneiro de um índio, não era nada. Estava acabado.

Ranranresá propôs ao seu aprisionador:

- Se me libertar, terá o que pedir.

- Dá a sua palavra de guerreiro-rei?

O urubu deu a palavra. E ficou livre. Disse:

- Faça o seu pedido.

- Quero para os meus irmãos carajás a luz das estrelas.

Ranranresá partiu. Demorou só um pouco e voltou com a luz das estrelas. Só a luz. As estrelas ficaram lá no alto. Por isso, a luz não era bastante para iluminar a noite da aldeia. Cananxiuê pediu mais:

- A luz das estrelas não chega. Quero a da lua.

O urubu-rei partiu. Demorou um pouco e regressou com a luz da lua. Só a luz. Uma luz fria. Não servia para o que os carajás desejavam.

Cananxiuê quis ainda mais:

- Quero Theuí, o sol. Ele tem a luz e o calor de que os carajás precisam.

Ranranresá partiu. Demorou, demorou, mas voltou com Theuí – o sol. A floresta quase pegou fogo pelo muito calor e a muita luz, Mas o esperto Ranranresá havia dito a Theuí que passasse bem rapidamente sobre a aldeia carajá, Theuí passou correndo, e os índios não tiveram dia suficiente para fazer tudo o que deviam fazer. Cananxiuê reclamou:

- assim não dá. É preciso fazer o sol caminhar mais devagar sobre a aldeia.

Ranranresá, cansado pelas idas e vindas, subiu para onde não pudesse ser apanhado e despediu-se:

- Agora vou indo. Fale com ele. Logo, logo ele estará de volta.

Todos da aldeia foram dizer a Cananxiuê:

- Que bobo você é. Tinha preso o dono do sol e o deixou ir embora em troca de nada. Um sol que anda assim tão rápido pelo céu não serve. Nem aquece nem ilumina.

Cananxiuê foi esconder-se no alto de uma palmeira. Theuí, o sol nascente, apareceu.

Claro e quente. Cananxiuê deu um salto e agarrou-se à cabeleira do sol. Mas ali estava quente demais. Tão quente que ele não agüentou. Agarrou-se ao pescoço. Também não. Foi escorregando, escorregando, e só pôde mesmo segurar-se firme na barriga da perna do sol. Ficou ali, fazendo peso.

O sol teve de diminuir a velocidade da sua caminhada pelo céu, dando aos carajás o tempo de que precisam para caçar, pescar, colher frutos, comer, trançar redes. Quando estão cansados de fazer as coisas, o sol já passou.

Então vem Randô, a lua, e ilumina o terreiro e as trilhas do campo. Quanto às trilhas do céu, por onde vagam os pensamentos dos homens e as almas dos que já foram homens, Tahina, a estrela é que as ilumina.

Os carajás podem dormir tranqüilos. Isso porque o seu herói, Cananxiuê, está lá em cima, sem os confortos da casa e da esteira, agarrado à barriga da perna do sol.”

Dentre os elementos alheios à família que aparecem nos desenhos dos colaboradores desta pesquisa, destaca-se o sol. A imagem do sol fálico não é desconhecida. Jung relata em sua entrevista à TV BBC de Londres o caso de um indivíduo que o abordou pedindo que ele olhasse para o sol e reconhecesse nele um falo, que funcionaria como um pêndulo, dando origem aos ventos. O psiquiatra fez registro da imagem e quatro anos depois encontrou um manuscrito da religião mitraica que continha uma prece muito semelhante aos dizeres do paciente esquizofrênico que o havia abordado. Correlatos de imagens arquetípicas como essa existem em diversas culturas, e nossa lenda indígena brasileira parece ser um deles.

Existem diversas leituras e interpretações possíveis para o texto. Sugiro o recorte da imagem final, do homem ligado ao sol com o objetivo de controlar seu ritmo. Se o sol se

fixasse no céu, a tribo sofreria com muito calor e muita luz. Se passasse rápido demais, não teria tempo suficiente para realizar as suas atividades que dependiam da luz e do calor do sol.

O sol é com frequência associado ao pai e ao homem, assim como a lua, por sua vez, é comumente associada à mãe e à mulher. Sem o dinamismo patriarcal, a aldeia padece. Com o excesso dele também. É preciso que o herói mantenha-se conectado ao sol para controlar a influência de seu poder sobre a tribo.

Metáfora acerca da paternidade: se vivida absolutamente em seu lado sombrio, ausente ou perverso, não será benéfica nem ao pai, nem ao filho nem à sociedade; tampouco poderão os filhos das famílias contemporâneas se desenvolverem adequadamente sem alguém que exerça a função paterna em uma medida necessária.

Os mitos e as lendas podem ser considerados modelos de referência para a sociedade. Cada um tem seu papel, e apresenta imagens que sugerem reflexão. Urano, Cronos e Zeus aparecem na mitologia grega nessa ordem, e não por acaso. Urano impedia o desenvolvimento dos filhos. Cronos confrontou o pai e o castrou, mas tornou-se devorador em relação aos seus filhos. Zeus eliminava a possibilidade de relação direta do filho com a mãe, intermediando o contato. Todas essas facetas do pai fazem sentido, e já predominaram na cultura em algum momento. Sugiro que um dos heróis de nosso mito paterno atual possa ser Cananxiuê. A grande questão da paternidade contemporânea é a medida e o ritmo da atuação das funções paternas. Nem tão rígido, nem tão ausente. A força do pai e a sua influência sobre o filho precisa de medida. Reconhecer como, com que frequência, o quanto e até onde atuar, considerando a individualidade e a necessidade do outro é o desafio.

Insisto na idéia de que o caminho da alteridade não é mudar radicalmente a maneira de se relacionar. Trata-se de um exercício de liberdade de elaboração e expressão mais discriminada da persona e da sombra, da anima e do animus, dos dinamismos matriarcal e patriarcal, em que há consideração pela individualidade, composta de inconsciente e

consciência, articulados sempre dinamicamente. As funções podem ser desempenhadas por outros que não apenas o pai. Mas isso não significa que o pai deva se desprender das funções paternas para dar lugar às outras figuras significativas. Somos muitos, a psicologia analítica defende o conceito de psique múltipla e é possível explorar cada uma de nossas facetas, inclusive as de pai e mãe que convivem dentro de nós.

Retomando a imagem que inaugurou esse estudo, vale dizer que, no mito cristão, José foi aquele quem proveu, educou, criou, ensinou a arte da marcenaria e, ao que tudo indica, morreu antes do início do início da vida pública de Jesus (BOFF, 2005), ou seja, manteve-se presente em sua infância. O pai de Jesus (permito-me assim chamá-lo) teve uma vida anônima, pautada no silêncio. Suor, calos e cansaço são apontados pelo autor como traços de José, o pai. E de que pai não os são? Exercer a função paterna exige dedicação e investimento de energia. Reconhecer o esforço de ser referência, autoridade, amizade, refúgio, sustento e representante da lei na família contemporânea é tarefa da sociedade.

Inspiram-me também as palavras de Coelho no prefácio do livro “São José, a personificação do arquétipo do pai”:

“Fico feliz de pensar que a mesa onde Cristo consagrou o pão e o vinho teria sido feita por José – porque ali estava um carpinteiro anônimo, que ganhava a vida com o suor do seu rosto e, justamente por causa disso, permitia que os milagres se manifestassem.” (in BOFF, 2005)

A figura de José é apresentada pelo autor como portadora de um lado extremamente humano, mas que permite a relação do filho com o pai arquetípico, que neste caso é representada pela numinosidade de Deus, que está inclusive disponível na cultura. Ele não opera o milagre, mas dá condições para que este se manifeste através do filho. Ele favorece o seu desenvolvimento.

Alteridade é valorizar o humano e o possível, e não o perfeito e o ideal. Os meninos que colaboraram com este estudo parecem indicar que a nova geração está a caminho desse dinamismo. Reconhecem o pai humanizado, e não o sobrecarregam. O alerta está mais uma vez na medida: É preciso que o pai esteja lá. É necessário que ele possa ser discriminado, que se apresente, que seja presente, que possa exercer as funções paternas na medida das suas possibilidades e das necessidades dos filhos, para contribuir ativa e criativamente com o desenvolvimento dos filhos.

11. Referências

- A Bíblia Sagrada. (1993) Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª edição. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Abib, J. Mons. (2008) *Valei-me São José*. 9ª Edição. São Paulo: Edições Loyola.
- Almeida, M. B. V. B. de. (2007) *Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Andrade, C. D. de. (1993) *José/ Novos Poemas/ Fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Record.
- Badinter, E. (1985) *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bly, R. (1991) *João de Ferro: um livro sobre homens*. Rio de Janeiro: Campus.
- Byington, C. A. B. (2008) *Psicologia simbólica junguiana: a viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: Editora Linear B.
- Boff, L. (2005) *São José, a personificação do pai*. Campinas: Editora Versus.
- Bustamante, V. (2005) *Paternal involvement in the care of small children: an ethnographic study of low-income families*. *Cad. Saúde Pública*. [versão eletrônica]. Nov./Dec. 2005, vol.21, no.6., disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2005000600036&lng=en&nrm=iso, recuperado em 30 de Setembro de 2009, de www.scielo.br
- Cariola, T. C. (2006) *O desenho da figura humana de crianças com bruxismo*. Boletim de Psicologia, VOL. LVI, Nº 124: 37-52.
- Código Civil Comparado*. (2002) Brasil. Colaboradores: Antonio Luiz de Toledo Pinto et. al. São Paulo: Saraiva.

Coelho, P. (2005) Prefácio In: Boff, L. (2005) *São José, a personificação do pai*. Campinas: Editora Versus.

Colman, A. & Colman, L. (1995) *O pai: mitologia e reinterpretação dos arquétipos*. São Paulo: Editora Cultrix.

Corneau, G. (1991) *Pai Ausente Filho Carente – O que aconteceu com os homens?* 3ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense.

Dias L. & Gambini R. (1999) *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo: Editora SENAC.

Donato. H. (2003) *Por que o sol anda devagar?* Coleção Lendas Indígenas. São Paulo: Melhoramentos.

Edinger, E. F. (2004) *Ciência da alma: uma perspectiva junguiana*. Coleção Amor e Psique. São Paulo: Paulus.

Faria, D. L. de (2003) *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: EDUC: FAPESP.

Felipe, S. S. R. (1997) *A contribuição do Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) e do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) na avaliação de crianças envolvidas em disputas judiciais*. DM. Instituto de Psicologia da USP: São Paulo.

Freitas, L. V. de (2009) Panorama dos conceitos junguianos In: Albertini, P. e Freitas, L. V. de (org.) *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas*. Série Fundamentos da Psicologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., Silva A. T. M. C. (2007) *Sentir-se pai: a vivência masculina sobre o olhar de gênero*. Cad. Saúde Pública [versão eletrônica] v.23 n.1 Rio de Janeiro: Jan/2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2007000100015&lng=pt , recuperado em 19 de Agosto de 2009, em www.scielo.br

Freyre, G. (2004) *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49ª edição. São Paulo: Global.

Furth, G. M. (2004) *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*. Coleção amor e psique. São Paulo: Paulus.

González Rey, F. L. (2005) *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning,

Grubits, S. & Noriega, J. (org.) (2004) *Método qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação*. São Paulo: Vetor.

Heydt, V. Von der (1979) O pai na psicoterapia In: VITALE... et al., *Pais e Mães: seis estudos sobre o fundamento arquetípico da psicologia da família*. 1979. São Paulo: Símbolo.

Hillman, J. (1995) *Anima: anatomia de uma noção personificada*. São Paulo: Cultrix.

Hollis, J. (1997) *Sob a Sombra de Saturno: a ferida e a cura dos homens*. Coleção Amor e Psique São Paulo: Paulus.

Jacobi, J. (1957) *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Editora Cultrix.

Jacoby, M. (1987) *O encontro analítico*. São Paulo: Editora Cultrix.

Jung, C. G. (1904) Estudos diagnósticos de associações In: _____. *Estudos Experimentais*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995. p.11-490.

_____. (1909) A importância do pai no destino do indivíduo In: _____. *Freud e a Psicanálise*. 4ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 291-310

_____. (1909) O método das associações In: _____. *Estudos Experimentais*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995. p. 452-477.

_____. (1913) *Símbolos da Transformação*. 6ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. (1921) Definições In: _____. *Tipos Psicológicos*. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 384-451.

_____. (1927) Alma e Terra In: _____. *Civilização em Transição*. 3ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 33-52.

_____. (1934) Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: _____. *A natureza da psique*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. p. 25-40.

_____. (1934) Sobre os Arquétipos do Inconsciente Coletivo In: _____. *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 13-50.

_____. (1936) O conceito de Inconsciente Coletivo In: _____. *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 51-64.

_____. (1939) Aspectos psicológicos do arquétipo materno In: _____. *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2008b. p. 85-116.

_____. (1939) *Psicologia e Religião*. 8ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008a.

_____. (1946) A psicologia da transferência. In: _____. *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 35-220.

_____. (1946) Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. In: _____. *A natureza da psique*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. p. 97-174.

_____. (1958) A função transcendente In: _____. *A natureza da psique*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. p. 1-24.

_____. (1959) *Aion - Estudo Sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. 6ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. (1961) *Memórias, Sonhos e Reflexões*. 1ª Edição especial. Coleção 40 anos, 40 livros Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. (1964) Chegando ao Inconsciente In: _____ e VON FRANZ, M. L. ...et al. *O homem e seus símbolos*. 23ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Kast, V. (1997) *Pais e Filhas, Mães e Filhos*. São Paulo: Edições Loyola.

Laai, T. (2009) *A androgenia entre os Emos*. VIII Reunión de Antropologia Del Mercosur (RAM): Diversidad y Poder em América Latina. Anais. Buenos Aires, Argentina.

Lima, C. B. (1997) Desenvolvimento e Atualização In: Trinca, W. (org.) *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias*. São Paulo: Vetor.

Lima Filho, A. P. (2002) *O Pai e a Psique*. Coleção Amor e Psique. São Paulo: Paulus.

Lins, R. N. (2007) *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo – novas tendências*. Ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: BestSeller.

Martins, J. & Bicudo, M. , (1989) *A pesquisa qualitativa em psicologia – Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Editora Moraes.

Neumann, E. (1980) *A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação*. São Paulo: Cultrix.

Osorio, L. C. (1996) *Família Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Parisi, S. (2009) *Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em um grupo de mulheres no enfoque da psicologia analítica*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo.

Penna, E. M. D. (2005) *O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa*. Psicologia USP, vol. 16, nº 3: 71-94. São Paulo.

_____. (2007) *Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador*. Boletim de Psicologia, vol. LVII, nº 127: 127-138. São Paulo.

_____. (2009) *Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo.

Ramires, V. R. R. (2004) *Transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 183-193, mai./ago 2004.

Ramires V. R. R. & Souza, M. V. de (2006) *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus.

Salman, S. (2002) *A Psique criativa: As principais contribuições de Jung in Young-eisendrath, P. & Dawson, T. Manual de Cambridge para Estudos Junguianos*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Samuels, A. (1992) *A psique plural: personalidade, moralidade e o pai*. Tradução Tosa Maria Neves da Silva. Rio de Janeiro: Imago,

Santana & Kovács (2009) Mosaico e pesquisa qualitativa: combinando fragmentos na tarefa de análise de dados. *In: Imaginário e arte*. Ano XII/ XIV. Número 17/18. Julho a Dezembro de 2008/ Julho a Dezembro de 2009. ISSN 1413-666x. São Paulo: Revista do Nime – LABI – IP – USP.

Silveira, N. (1992) *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática.

Souza, M. T. S. (1998) *"Script" de vida: histórias entrelaçadas*. DM. Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas: Campinas.

Stein, M. (1979) *O pai devorador In: Vitale... et al., Pais e Mães: seis estudos sobre o fundamento arquetípico da psicologia da família*. São Paulo: Símbolo.

Teruya, M. T. (2000) *A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas*. XII Encontro Nacional De Estudos Populacionais. Anais. Belo Horizonte: ABEP.

Trinca, W. (org.) (1997) *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias*. São Paulo: Vetor.

URL http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jos%C3%A9 consultada em 20 de Novembro de 2009.

Vitale, A. (1979) O arquétipo de Saturno ou A Transformação do Pai in _____... et al., *Pais e Mães: seis estudos sobre o fundamento arquetípico da psicologia da família*. São Paulo: Símbolo.

Zambrano, E. (2006) *Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais*. Horizontes antropológicos vol.12 no.26 Porto Alegre Jul/Dez 2006.

12. Anexos

12.1 Anexo 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido - Crianças

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Av Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco G, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo/ SP

CEP 05508-030 - Contato: (11) 3097-0529 / ceph.ip@usp.br

CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

Seu filho está sendo convidado a participar de uma pesquisa que se propõe a estudar as representações de família na contemporaneidade. Caso concorde com a participação dele, o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO deverá ser assinado em duas vias (uma para o participante e uma para a pesquisadora). Seu filho será submetido a uma entrevista e à aplicação de uma prova do procedimento de desenhos da família com histórias, onde produzirá um desenho e contará uma história a respeito dele. A entrevista e a prova serão aplicadas pela pesquisadora responsável em uma sala da Universidade de São Paulo. A coleta de dados terá duração aproximada de 1 (uma) hora. Em caso de excessivo desconforto emocional, a coleta de dados será interrompida e os participantes serão orientados quanto à possibilidade de atendimento psicológico. Haverá gravação em áudio da coleta de dados. O material será organizado e posteriormente analisado, sendo resguardada a identidade dos participantes. Fica garantido aos participantes e/ou seus responsáveis legais o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Dúvidas relativas ao estudo e/ou à participação nele poderão ser esclarecidas diretamente com a pesquisadora. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado. Os dados coletados serão utilizados na elaboração da dissertação de mestrado da pesquisadora de Glaucya Hannah Covelo, aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profª Drª Laura Villares de Freitas.

.....
Glaucya Hannah Covelo
Pesquisadora Responsável
Contato: (11) 3932.8947
glaucyacovelo@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – CRIANÇAS

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, portador do RG de nº _____, representante legal do menor _____, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO

AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais este será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância com relação à participação do menor na pesquisa proposta.

Fica claro que o colaborador da pesquisa ou seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo,..... dede.....

Assinatura do representante legal

11.2. Anexo 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido - Adultos

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Av Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco G, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo/ SP

CEP 05508-030 - Contato: (11) 3097-0529 / ceph.ip@usp.br

CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

O senhor está sendo convidado a participar de uma pesquisa que se propõe a estudar as representações de família na contemporaneidade. Caso concorde em participar, o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO deverá ser assinado em duas vias (uma para o participante e uma para a pesquisadora). O senhor será submetido a uma entrevista e à aplicação de uma prova do procedimento de desenhos da família com histórias, onde produzirá um desenho e contará uma história a respeito dele. A entrevista e a prova serão aplicadas pela pesquisadora responsável em uma sala da Universidade de São Paulo. A coleta de dados terá duração aproximada de 1 (uma) hora. Em caso de desconforto emocional, a coleta de dados poderá ser interrompida e o senhor será orientado quanto à possibilidade de atendimento psicológico. Haverá gravação em áudio da coleta de dados. O material será organizado e posteriormente analisado, sendo resguardada a identidade dos participantes. Fica garantido aos participantes e/ou seus responsáveis legais o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Dúvidas relativas ao estudo e/ou à participação nele poderão ser esclarecidas diretamente com a pesquisadora. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado. Os dados coletados serão utilizados na elaboração da dissertação de mestrado da pesquisadora de Glaucya Hannah Covelo, aluna do programa de pós-graduação em psicologia escolar e do desenvolvimento humano da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profª Drª Laura Villares de Freitas.

.....
Glaucya Hannah Covelo
Pesquisadora Responsável
Contato: (11) 3932.8947
glaucyacovelo@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, portador do RG de nº _____, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância com relação à sua participação na pesquisa proposta.

Fica claro que o colaborador da pesquisa pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo,..... dede.....

Assinatura